



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO**

**FORMAÇÃO DE TRADUTORES DE
LIBRAS EM UMA PESQUISA-AÇÃO COM GRUPO FOCAL: ELEMENTOS DA
ESTÉTICA DA LIBRAS NA TRADUÇÃO DE UM LIVRO
INFANTIL**

JAILMA DA COSTA SILVA DANTAS

**CAMPINA GRANDE-PB
2025**

JAILMA DA COSTA SILVA DANTAS

**FORMAÇÃO DE TRADUTORES DE
LIBRAS EM UMA PESQUISA-AÇÃO COM GRUPO FOCAL: ELEMENTOS DA
ESTÉTICA DA LIBRAS NA TRADUÇÃO DE UM LIVRO
INFANTIL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguagem e Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Shirley Barbosa das Neves Porto

CAMPINA GRANDE-PB
2025

D192f Dantas, Jailma da Costa Silva.

Formação de tradutores de Libras em uma pesquisa-ação com grupo focal : elementos da estética da Libras na tradução de um livro infantil / Jailma da Costa Silva Dantas. – Campina Grande, 2025.

101 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação: Profª. Drª. Shirley Barbosa das Neves Porto."

Referências.

1. Libras – Formação de Tradutor. 2. Tradutor de Libras. 3. Tradutor Intérprete de Libras/Português (TILSP). 4. Libras - Literatura Estética. 5. Libras – Tradução Literária. 6. Obra Literária – *Maria vai com as outras*. 7. Gostkorszewicz, Sylvia Orthof, 1932-1997. I. Porto, Shirley Barbosa das Neves. II. Título.

CDU 81'221.24(043.3)

JAILMA DA COSTA SILVA DANTAS

**FORMAÇÃO DE TRADUTORES DE
LIBRAS EM UMA PESQUISA-AÇÃO COM GRUPO FOCAL: ELEMENTOS DA
ESTÉTICA DA LIBRAS NA TRADUÇÃO DE UM LIVRO
INFANTIL**

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Linguagem e
Ensino da Universidade Federal de Campina
Grande como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Linguagem e Ensino.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2025

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Shirley Barbosa das Neves Porto - UFCG
(Orientadora)

Prof.^a Dra. Rachel Louise Sutton-Spence - UFSC
(Membro externo)

Prof. Dr. Cláudio Henriques Nunes Mourão - UFRGS
(Membro externo)

Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves - UFCG
(Membro interno)

Prof.^a Dra. Fabiana Ramos - UFCG
(Suplente externo)

Prof.^a Dra. Márcia Tavares - UFCG
(Suplente interno)

Ao meu SENHOR e Salvador Jesus Cristo...
Porque dele e por ele, e para ele, são todas as
coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém!

AGRADECIMENTOS

Louvo e agradeço a Deus por sua bondade e sustento em cada dia de minha vida. Por ser socorro presente todas as vezes em que necessitei de ajuda quanto à minha saúde física, mental e espiritual, renovando minhas forças a cada manhã e me dizendo: Não olhe as circunstâncias, olhe para Mim! Ao Deus que cuida de cada detalhe, toda Honra e toda Glória.

Ao meu marido, amor, amigo e irmão em Cristo, Cleilton, que sempre esteve ao meu lado me incentivando e motivando a não desistir em tempos difíceis, que em momentos de dor (literalmente) cuida de mim e de minha pequena, nos dando banho, sim banho, pois quando estou em crise não consigo mexer braços e mãos. Cuida, nos alimentando etc. Que demonstra seu papel de esposo como líder, provedor e protetor de nosso lar, que intercedeu e intercede por mim em oração. Te amo, Gatão!

À minha filha, Heloísa, por entender que nem sempre mamãe podia parar para brincar e que vibrava fazendo coraçãozinho toda vez que eu dizia que estava perto. Essa falta dela por mim me dava energia e motivação para continuar a pesquisa e assim poder suprir suas necessidades na íntegra. Te amo, coisa linda de mamainha!

À minha mãe, Edileuza, dona Linda, que em seus limites me ajudou quando e como pôde, me sustentando em oração.

Às minhas amigas e irmãs em Cristo, não vou dizer nomes para não ser injusta, são muitas, que escutavam minhas queixas com toda paciência e oravam por mim para que Deus me desse sabedoria e paciência nesse período de pesquisa.

Ao meu Pastor, Lazaro Layson e sua esposa Michelly Suellen, meus amigos e irmãos, que me orientaram e me conduziram espiritualmente na Palavra, me lembrando que esse momento era passageiro e o que não é para sempre se aguenta sempre.

À minha primeira orientadora, Prof.^a Dr.^a. Sinara de Oliveira Branco, que aceitou meu projeto permitindo meu ingresso neste programa de Pós-graduação, sou grata a Deus por sua vida.

À minha orientadora, Shirley Neves Porto, por ter aceitado me orientar quando minha pesquisa estava pela metade e com toda paciência me orientou quanto às modificações teóricas que deveriam ser feitas por estar migrando de área. Por acreditar neste trabalho e por muitas vezes me puxar para a realidade. Foi um prazer imenso ter sido sua orientanda, assim como trabalhar com você e vê-la amando o que faz, já te disse da admiração que tenho por você e, depois desse momento, ainda mais, além de respeito pela pessoa que você é, posso ver o cuidado de Deus comigo através de você.

Aos tradutores intérpretes de Libras, que aceitaram participar dessa pesquisa e fizeram de tudo, dentro de seus limites, para estarem presentes nas etapas estabelecidas pelo cronograma da pesquisa e, assim, tornar concreta a proposta de tradução que é resultado da pesquisa. Muito obrigada, meus amigos, pela contribuição e paciência para que cada fase fosse concluída.

À minha banca de avaliação, Prof.^a Dra. Rachel Sutton-Spence, Prof. Dr. Cláudio Mourão e Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves por todas as ricas contribuições que agregaram valor para esse trabalho. É uma satisfação ter a presença de vocês e poder usufruir de seus conhecimentos.

Aos meus amigos e colegas de trabalho, por toda paciência comigo e por terem acreditado que a intenção desse trabalho serviria para todos nós. Obrigada por todo o carinho.

Por fim, mas não menos importante, agradeço ao coordenador do LabLibras, Me. em Computação, Comunicação e Artes Reinaldo Toscano, por liberar os espaços tanto do laboratório, quanto do estúdio para o desenvolvimento da pesquisa e ao técnico cinematografia Bernardo Hennys, que colaborou com as gravações, sempre cuidadoso e muito zeloso em seu trabalho.

RESUMO

No Brasil, o bacharelado em Letras/Libras ainda é uma formação escassa e, quando se trata de uma tradução literária a ser realizada por tradutores de Libras, sua ausência se constitui como uma problemática. Diante disso, nessa pesquisa, temos como objetivo geral: analisar o processo de formação dos tradutores de Libras a partir de um ciclo de palestra com foco na estética da Libras e sua repercussão da formação na tradução da obra literária infantil '*Maria vai com as outras*' (Orthof, 2002). Com o intuito de efetivar esse objetivo, formulamos os seguintes objetivos específicos: 1) Desenvolver com os profissionais um estudo em grupo sobre livro infantil e produção videossinalizada; 2) Identificar o perfil profissional e os saberes teóricos e práticos em literatura infantil dos tradutores de Libras da UFGC-CG, UEPB-CG e IFPB-CG sobre Literatura Estética em Libras; 3) Observar suas escolhas quanto aos elementos estéticos para produção da obra videossinalizada perante as implicações de novos saberes no processo de construção da tradução a partir da formação dos TILSP sobre literatura infantil acontecidos no Ciclo de palestras; 4) Analisar a tradução da literatura '*Maria vai com as outras*' Orthof (2002) com os tradutores. De abordagem qualitativa (Moreira e Caleffe, 2008), a Pesquisa-ação (Bogdan e Biklen, 1994) aconteceu em Grupo Focal (Gondim, 2002), ancorada na Literatura em Libras e sua Estética (Sutton-Spence, 2021) e no papel do Tradutor de Libras (Rodrigues 2018; Valente, 2011; e Santiago, 2012; Laguna 2015; Bartolomei, 2021). Os resultados foram de que uma formação específica no âmbito da literatura e tradução literária contribui para o conhecimento com traduções da literatura infantil escrita para a Libras, mas que a mudança e melhoria de escolhas literárias demanda repertório e formação continuada na área da literatura.

Palavras-chave: Literatura Estética em Libras; Tradução; Formação dos TILSPs.

ABSTRACT

In Brazil, the bachelor's degree training in Brazilian Sign Language (LIBRAS) is scarce, especially in case of literary translation made by LIBRAS translators, the default is a problem. Therefore, in this research, we have as the general objective: to analyse the academic training for LIBRAS interpretation in a lecture cycle focusing on the aesthetics of Libras and its impact on training in the translation of children's literary work '*Maria vai com as outras*' (Orthof, 2002). With the intention of actualizing this purpose, we formulate the following specific objectives: 1) To develop with the professionals a study about the children's book and video interpreting. 2) To identify the professional profile also the practical and theoretical knowledge in juvenile literature of Libras translators from UFGC-CG, UEPB-CG e IFPB-CG about Aesthetic Literature in Libras; 3) To take notice their choices about the aesthetic elements for the production of the video interpreting work in view of the implications of new knowledge in the process of constructing the translation based on the training of the TILSP on children's literature that happened in the lecture Cycle; 4) To analyse the literature '*Maria vai com as outras*' Orthof (2002) translation. Utilizing a qualitative approach (Moreira e Caleffe, 2008), the action research (Bogdan e Biklen, 1994) happened in a focus group (Gondim, 2002) based on Literature in Libras and its aesthetic (Sutton-Spence, 2021) and in the role of Libras translator (Rodrigues 2018; Valente, 2011; e Santiago, 2012; Laguna 2015; Bartolomei, 2021). The results were that specific training in the scope of literature and literary translation contributes to awareness with translations of children's literature written into Libras, but changing and improving literary choices demands repertoire and continued training in the area of literature.

KeyWords: Aesthetic Literature in Libras, Translation, TILSPs training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Espaço de sinalização em Libras	27
Figura 2 - Produção videossinalizada - UFCG.....	30
Figura 3 - A competência tradutória (CT) segundo o modelo holístico de PACTE	32
Figura 4 - Laboratório de multimídia LabLibras.....	57
Figura 5 - Primeira palestra de formação	58
Figura 6 - Sinal de Maria.....	82
Figura 7 - Espaço e Simetria	84
Figura 8 - Espaço e Simetria	84
Figura 9 - Espaço e Simetria	85
Figura 10 - Velocidade	86
Figura 11 - Elementos não manuais	88
Figura 12 - Elementos não manuais	88
Figura 13 - Elementos não manuais	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descrição do Grupo Focal.	48
Quadro 2 - Avaliações – AVALIADOR.....	49
Quadro 3 - Descrição dos tradutores participantes da pesquisa.	50
Quadro 4 - Tradutores participantes: formação, atuação e experiência	51
Quadro 5 - Tradutores participantes: Planejamento Audiovisual e expectativa relacionada à pesquisa	52
Quadro 6 - Descrição do Ciclo de Palestras.....	54
Quadro 7 - Palestrantes e suas palestras.....	54
Quadro 8 - Descrição da sala de multimídia.	58
Quadro 9 - Participação das palestras.	59
Quadro 10 - Links de acesso.	60
Quadro 11 - Participação das palestras.	61
Quadro 12 - Conceito dos elementos da pré-produção audiovisual.....	62
Quadro 13 - Participação das palestras.	63
Quadro 14 - Etapas do roteiro apresentadas pelo palestrante.....	63
Quadro 15 - Participação das palestras.	64
Quadro 16 - Link da tradução de contação de história.....	65
Quadro 17 - Participação das palestras.	67
Quadro 18 - Link das produções em Libras.	68
Quadro 19 - Participação das palestras.	69
Quadro 20 - Participação das palestras.	70
Quadro 21 - Nível de formação, experiência com estética da Libras e tradução	72
Quadro 22 - textos da obra original e glosa da tradução para Libras	79

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 TRADUTORES INTÉRPRETES DE LIBRAS: FORMAÇÃO E FUNÇÃO NO CONTEXTO ACADÊMICO	18
2.1 O PROFISSIONAL TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS: UMA BREVE HISTÓRIA DA PROFISSÃO NO BRASIL.....	18
2.2 FUNÇÃO DO TILSP NO CONTEXTO EDUCACIONAL: TIPOS DE COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA	23
3 LITERATURA ESTÉTICA DA LIBRAS E A TRADUÇÃO DO LIVRO INFANTIL	34
3.1 LITERATURA INFANTIL PARA CRIANÇAS SURDAS	34
3.2 ESTÉTICA DA LIBRAS E A TRADUÇÃO DE LIVRO INFANTIL.....	38
4 O CAMINHO PERCORRIDO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	45
4.1 ABORDAGEM E TIPOS DE PESQUISA: OS PERCURSOS DA PESQUISA-AÇÃO E DO GRUPO FOCAL	45
4.1.1 <i>A Pesquisa-ação e seu papel formativo no contexto da pesquisa</i>	46
4.1.2 <i>O Grupo Focal e seu papel informativo no contexto da pesquisa</i>	47
4.2 INSTRUMENTOS DE COLETA E REGISTRO DOS DADOS	50
4.2.1 <i>Questionário: entrevista</i>	50
4.3 CICLO DE PALESTRAS	53
4.4 ENTREVISTAS E AVALIAÇÕES	70
4.4.1 <i>Entrevistas individuais e coletivas</i>	71
5 MARIA VAI COM AS OUTRAS: UM OLHAR PARA OS TRADUTORES PARTICIPANTES A PARTIR DO GRUPO FOCAL.....	72
5.1 <i>MARIA VAI COM AS OUTRAS: REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÃO E PRÁTICA DE TRADUÇÃO</i>	72
6 MARIA VAI COM AS OUTRAS: TRADUÇÃO EM ANÁLISE.....	78
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS	93
APÊNDICES	99

1 INTRODUÇÃO

O direito linguístico do povo surdo¹ foi negado durante muito tempo. Hegemônica e sistematicamente organizado, o período iniciou no ano de 1880, a partir do Congresso de Milão, com a proibição da comunicação pela sinalização², com intenção de que os surdos fossem moldados ao padrão da sociedade que em sua maioria era ouvinte e usava uma língua de modalidade oral-auditiva.

Praticamente cem anos após esse impedimento, no Brasil, os movimentos surdos conquistaram o reconhecimento da Libras – Língua Brasileira de Sinais por meio da Lei Federal 10.436/2002, assim como sua regulamentação pelo Decreto Federal 5.626/2005 que, conforme Laguna (2015), “passa a garantir aos surdos a presença de profissionais capacitados nos diversos órgãos de caráter público e privado, prevendo, para isso, a formação profissional” de Tradutor Intérprete de Libras/Português (TILSP).

Esse profissional atua para atender à necessidade comunicativa das pessoas surdas e ouvintes que por estarem inseridas em uma sociedade majoritariamente oral-auditiva e, devido à negação histórica da língua de sinais como língua das comunidades surdas, não compartilham a língua de sinais.

Essa atuação permeia duas línguas de modalidades distintas, sendo chamado por Segala (2010) de tradução intermodal, onde temos a modalidade visuo-espacial-gestual³ com a Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras), e a oral-auditiva, o português brasileiro.

A tradução e interpretação de Libras é realizada por um profissional cuja sua profissão foi reconhecida em data relativamente recente, através da Lei 12.319/10 que regulamenta a profissão quanto à formação e a atuação desses profissionais, a qual posteriormente foi alterada pela Lei 14.704 de outubro de 2023, sob impulso dos movimentos dos surdos mencionados acima.

Atualmente, existem várias esferas para atuação do TILSP, além dos ambientes religioso e comunitário, espaços em que esses profissionais de Libras surgiram. Dentre as várias esferas estão a política, o judiciário, a educação, e todos os lugares da sociedade onde se faça necessário promoção, divulgação e disseminação de informação, saber, arte para todas as pessoas.

A atuação profissional dos TILSPs tem alcançado mais visibilidade por causa de *lives*

¹ Povo surdo se refere ao “sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por código ético de formação visual independentemente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços” (Strobel, 2008 p. 3).

² O termo “língua de sinais” não foi utilizado porque no momento do Congresso de Milão não havia conhecimento de que a comunicação sinalizada dos surdos era a materialização de uma língua.

³ Aguiar (2019).

em redes sociais, no ensino remoto e programas de TV que agora, por força de legislação, precisam ser linguisticamente acessíveis, tendo, portanto, o serviço de TILSPs. Este se constitui como ponto positivo, mas ainda existe a necessidade de que essa profissão seja considerada e respeitada como ocorre com boa parte das categorias de trabalho existentes em nosso país, por sua função de construção da acessibilidade linguística para todos, surdos e ouvintes, dos conteúdos produzidos pelas duas comunidades.

Essas primeiras palavras contextualizam meu⁴ olhar. Estou inserida na comunidade surda desde 2004, a princípio no contexto religioso, onde me tornei sinalizante da Libras, pude acompanhar as lutas e conquistas sociais da comunidade surda, ainda de forma incipiente, quanto ao reconhecimento da língua através da Lei 10.436/2002 e posteriormente a regulamentação desta por meio do Decreto 5.626/2005.

Atualmente, sou servidora da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, lotada na Unidade Acadêmica de Letras (UAL) do Centro de Humanidades (CH), onde são vivenciadas diversas demandas para o profissional Tradutor e Intérprete de Libras/Português que vão desde a sala de aula até os eventos promovidos pela instituição.

No meio acadêmico, a atividade considerada como principal é o atendimento em sala de aula. Aqui, o TILSP permeia na intermodalidade (Segala, 2010), ou seja, ora interpretando de forma sinalizada o conteúdo ensinado pelo docente ouvinte, ora interpretando o discente surdo.

Quanto à atividade de tradução, função distinta da interpretação, realizamos os seguintes atendimentos: gravação da sinalização dos materiais didáticos, editais, traduzidos do português brasileiro para Libras; tradução dos textos para os discentes surdos; TCC, Dissertação (videossinalizados dos discentes surdos) para português.

Dentre os trabalhos realizados na instituição, o que motivou minha pesquisa foi o projeto de extensão “Quem conta um conto...: uma viagem ao mundo da Literatura Infantil com crianças surdas” (PROBEX 2018/UFCG) coordenado pela professora Dra. Márcia Tavares e pela Professora Dra. Shirley Neves Porto, em que atuei como tradutora/intérprete de Libras. O projeto era na área de Literatura e contação de histórias, no qual os discentes surdos da instituição estavam se apropriando desse tipo de literatura para trabalhar com o público-alvo do projeto, crianças surdas que estudavam na Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino

⁴ Nesta introdução, opto por me colocar na primeira pessoa do singular, demarcando minhas colocações e história pessoal. Na sequência do texto dissertativo, considerando as várias colaborações nesta pesquisa, utilizarei a primeira pessoa do plural, trazendo para o texto a visibilização das várias contribuições recebidas.

Fundamental e Médio de Audiocomunicação de Campina Grande Demóstenes Cunha Lima – ECIAC⁵, escola bilíngue da cidade de Campina Grande-PB.

Um dos exemplos apresentados foi a contação da história de uma obra literária infantil ilustrada, *Adélia*⁶, de Jean-Claude Alphen, através do Projeto “Mãos Aventureiras”⁷, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. A sinalização em Libras da professora surda Carolina Hessel Silveira, que é uma das fundadoras do projeto, chamou a minha atenção, por sua habilidade ao incorporar a personagem, suas expressões não manuais – ENM (facial e corporal), assim como sua interação com os expectadores.

De acordo com o Currículo Lattes, Carolina é Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), título obtido em 2015, na linha de Estudos Culturais em Educação; além de Mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), título obtido em 2006. Atualmente, é professora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Educação no Ensino Fundamental e Superior, com ênfase em ensino de Libras, atuando principalmente nos seguintes temas: Língua Brasileira de Sinais, Educação, Literatura Surda, Cultura Surda e Arte Surda. É coordenadora do projeto Literatura: Bruxas e Conto de Fadas em Libras e do projeto de formação de professores do programa da FNDE, em parceria com a DIPEBS/MEC - Produção, Desenvolvimento e Prática de Recursos Didáticos Bilíngues para a Educação de Surdos. Atualmente, é pesquisadora do Grupo Institucional de Pesquisa em Educação de Surdos (GIPES) e integrante no projeto Inventário da língua brasileira de sinais da região de Porto Alegre. Além do mais, é pesquisadora na área de humor surdo e literatura surda, com inúmeros artigos sobre literatura surda e tradução. Como um dos exemplos, temos sua tese intitulada *Literatura surda: análise da circulação de piadas clássicas em Línguas de Sinais*. Além disso, também atua como contadora de narrativas no site “Arte de Sinalizar.

⁵ A escola bilíngue referenciada, até o ano de 2019, chamava-se “Escola Estadual de Audiocomunicação de Campina Grande Demóstenes Cunha Lima”. A modificação do nome se deu pelo fato da adesão ao modelo de escola cidadã do Estado da Paraíba.

⁶ *Adélia*, livro ilustrado escrito por Jean-Claude Alphen, criado em 2016. Na narrativa, Adélia mora em uma casa no campo. Durante o dia, ela brinca com seus irmãos, mas à noite, quando todos estão dormindo, acontece algo bem estranho. Adélia se enche de coragem e, sozinha, percorre um longo caminho até chegar ao local que guarda aquilo que mais ama: os livros e sua nova amiga. Adélia é uma terna homenagem aos livros, à infância e à amizade. Com humor e lirismo, a narrativa traduz a tênue fronteira que as crianças estabelecem entre o mundo real e a fantasia. Noite e dia, busca e encontro são marcados pela paleta dos cinzas em vários tons, sempre em contraposição à cor branca. A leveza e afetividade da personagem é representada pela cor rosa que o traço livre do autor preenche de expressividade. (Alphen, 2016).

⁷ www.youtube.com/c/MãosAventureiras

Mãos Aventureiras é um projeto criado por Carolina Hessel, para a produção de traduções de obras literárias na língua de sinais que são disponibilizados no canal do YouTube. Infelizmente o vídeo da contação de *Adélia* está indisponível o acervo do canal.

A obra impressa *Adélia* é uma literatura infantil ilustrada com singularidades que são destacadas por Lima (2018, p. 210) da seguinte forma: “[...] obra literária na qual o texto escrito e ilustrado tem pesos narrativos semelhantes, formando um conjunto único de texto-imagem”, sendo vedado utilizar o texto verbal como sendo independente das imagens, por isso, esse tipo de literatura requer habilidades e estratégias do tradutor/intérprete para que a obra seja entregue de forma que corresponda a mensagem da língua de partida para a língua alvo.

A literatura normalmente é trabalhada de forma breve na formação dos tradutores e intérpretes de Libras, com uma carga horária reduzida, ofertando pouco das ricas possibilidades de sinalizações nessa língua visual-espacial. Por isso, a tradução feita por meio de uma obra infantil poderá salientar as necessidades de formação para que as competências tradutórias sejam trabalhadas através dos elementos da língua de sinais.

Através de minha experiência, tenho vivenciado e compartilhado com os TILSPs a necessidade de formação na área, para que tenhamos cada vez mais excelência no ato tradutório/interpretativo, normalmente essas conversas e questionamentos acontecem após realização de alguns trabalhos.

Pude sentir essa carência também quando ministrei, no ano de 2018, a convite da Empresa Clarear, a qual presta serviço ao IFPB-CG, uma oficina para os Intérpretes de Libras. Nessa oficina, além de trabalharmos o perfil e a competência do Tradutor/intérprete de Libras, realizamos uma atividade prática de interpretação da Libras para o português com uma obra literária infantil.

No momento da prática entendi a necessidade do aprofundamento de conhecimento nas áreas de tradução/interpretação de Libras diante atividade proposta, pelo fato de que boa parte das participantes, todas mulheres que trabalhavam na instituição, não terem conhecimento de como proceder no ato tradutório da literatura infantil escrita para a Libras assim como dessa língua para o português brasileiro.

A dificuldade não era apenas diante da interpretação Libras/Português, mas sim da falta de conhecimento prévio ou contato com a obra literária, tanto na língua oral quanto na língua sinalizada.

A obra literária escolhida foi a produção vídeossinalizada⁸ da história de *Adélia*, que faz parte do acervo do canal Mãos Aventureiras, no YouTube, mesma obra utilizada no projeto de

⁸ O termo “Libras vídeossinalizada” foi cunhado pela primeira vez por Silva (2019) e se refere ao texto em Libras gravado em vídeo com a presença de um ou mais sinalizantes, tendo ciência de que a câmera deve estar direcionada a ele, e sua sinalização está visivelmente monitorada de acordo com os limites e necessidades desse equipamento tecnológico e do gênero sinalizado.

pesquisa citado acima, porém com finalidade diferente.

Para darem início à prática de interpretação, expliquei que o vídeo seria reproduzido uma vez, para que elas, as cinco participantes da oficina, pudessem observar, conhecer o material e, na sequência, efetuar a interpretação para o português a partir da segunda reprodução do vídeo.

Como tínhamos pouco tempo para execução da prática, foi proposto um desafio dinâmico em que cada uma das participantes, uma em sequência da outra, realizasse a interpretação da Libras para o português oral da narrativa *Adélia*.

Observou-se que a preocupação da maioria no momento da atividade era de apenas dizer o que estava sinalizado, sem levar em consideração que o material se tratava de uma obra literária, por isso a linguagem relacionada a esse tipo de narração, de certa forma, foi desprezada, como por exemplo, a entonação da voz.

Após a finalização da atividade, discutimos sobre as escolhas e possibilidades nesse tipo de tradução/interpretação, onde as participantes compartilharam a importância desses momentos e a necessidade de cursos de formação.

O conhecimento de tradução/interpretação tende a ser da prática, conforme confirmam Rodrigues e Valente (2011), e compartilhado através das experiências de outros intérpretes, ou seja, não existia formação teórica, o conhecimento da Libras era desenvolvido conforme o contato com familiares e amigos surdos.

Mesmo sabendo da existência de bacharelado nesse período, assunto que será aprofundado mais à frente, esse hábito para formação de tradutores intérpretes ainda perdura atualmente na cidade de Campina Grande – PB, devido à realidade geográfica e à pouca formação em cursos livres dos TILSPs.

Diante disso, imaginei a possibilidade de análise da estética em Libras vídeossinalizada de uma história infantil, por meio de um grupo de estudo composto por TILSPs que trabalham em instituições da rede pública, para realizarem a tradução de uma história de acordo com os elementos estéticos da Libras e quais desses componentes o grupo utilizaria para implementá-los na tradução.

Para responder essa preocupação, surgiram as seguintes questões: Com qual conhecimento e competência técnica os participantes têm atuado para tradução/interpretação literária? De que modo um ciclo de formação realizado na UFCG-CG focado na tradução/interpretação por meio da estética da Libras pode contribuir com a realização de uma tradução de literatura infantil?

Por isso, essa pesquisa tem como objetivo geral analisar o processo de formação dos TILSPs em um ciclo de palestras com foco na estética da Libras e sua repercussão da formação na tradução de uma obra literária infantil.

Com o intuito de efetivar esse objetivo, formulamos os seguintes objetivos específicos:

- 1) Desenvolver com os TILSPs um estudo em grupo sobre livro infantil e produção videossinalizada;
- 2) Identificar o perfil profissional e os saberes teóricos e práticos em literatura infantil dos TILSPs da UFGC-CG, UEPB-CG e IFPB-CG sobre Literatura Estética em Libras;
- 3) Observar as escolhas dos TILSPs dos elementos estéticos para produção da obra videossinalizada perante as implicações de novos saberes no processo de construção da tradução a partir da formação dos TILSP sobre leitura infantil acontecidos no ciclo de palestras;
- 4) Produzir a tradução e analisar com eles o produto.

O tradutor/intérprete perpassa por diversas esferas de conhecimento e cada uma com sua especificidade, porém trataremos aqui de tradução de obra de literatura infantil, na qual pretendemos saber se os participantes possuem conhecimento da teoria sobre os elementos estéticos da Libras, obra videossinalizada e como trazem/apresentam esse saber em suas traduções/interpretações.

Diante disso, esta dissertação se organiza em quatro seções, brevemente descritas nesta introdução.

A primeira seção traz um breve relato da história dos tradutores/intérpretes, localizando a construção desta profissão no Brasil, abordamos a função do tradutor de Libras no contexto educacional e como os elementos da competência tradutória (CT) se constituem como necessários para essa função.

A segunda seção aborda a literatura infantil e sua relevância para crianças, além do trabalho que foi realizado com graduandos surdos do curso Letras Libras da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG e na escola bilíngue da cidade, tendo a literatura infantil para crianças surdas como base no projeto de extensão que nos inspirou para a realização da pesquisa que se conclui com este relatório. Ainda nessa seção, abordamos a literatura e a presença da estética da Libras em sua produção, as formas de expressões visualmente incorporadas por meio desses elementos e a tradução do livro infantil e os efeitos de beleza que trazem vida a materiais em língua portuguesa quando são traduzidos para Libras.

Em nossa terceira seção, apresentamos o caminho metodológico, pelo qual realizamos um estudo de caso de cunho qualitativo observacional, descritivo e exploratório; uma pesquisa-ação que aconteceu em Grupo Focal composto por oito TILSPs que atuam no ensino superior. A proposta de pesquisa passou pelo Comitê de Ética da UFCG, que a aprovou (nº

63980822.4.0000.5182).

Na quarta seção, temos nossa análises dos dados com o resultado do grupo focal com foco na tradução para Libras realizada pelos participantes, entrevistas, avaliações sobre a contemplação dos elementos estéticos da Libras pelo próprio grupo e por avaliadores especialistas externos após gravação da literatura sinalizada organizado por categorias.

Por fim, em nossas Considerações Finais, trazemos uma reflexão quanto à formação por meio do ciclo de palestras para tradutores de Libras sobre a contribuição dessa ação e sobre a necessidade de formação para os TILSPs da cidade de Campina Grande.

2 TRADUTORES INTÉRPRETES DE LIBRAS: FORMAÇÃO E FUNÇÃO NO CONTEXTO ACADÊMICO

A presente seção oferece uma síntese sobre a formação de TILSP, o grau de complexidade dessa função em contexto educacional e as competências necessárias diante das demandas de tradução. Dividida em duas partes, versa na primeira sobre a história da profissão no Brasil e, na segunda, de modo mais específico, apresenta os tipos de competência tradutórias presentes no contexto educacional.

2.1 O Profissional Tradutor Intérprete de Libras: uma breve história da profissão no Brasil

A inserção dos direitos dos surdos na sociedade trouxe desafios em diversas esferas sociais, como a saúde, a jurídica, a artística, a educacional etc., isso por causa dos obstáculos que a própria sociedade gerou perante a negação das línguas de sinais ocorrida a partir do Congresso de Milão, em 1880, na tentativa de amoldar os surdos ao modelo ouvinte, tornando-o o lado negativo, diante dos pares binário normal-anormal, normal-deficiente, capaz-incapaz.

Estes obstáculos são expressões da epistemologia do corpo normalizado (Silva, 1997), que se sustenta em classificações de normalidade e anormalidade/deficiência que geram desprezo pelas línguas de sinais e atrasam o aprendizado social dessa língua, pois estão ancoradas em uma perspectiva “política de conhecimento e poder” (Silva, 1997, p. 3) que valoriza e dissemina apenas a visão médica/clínica e terapêutica das relações com os surdos para a sociedade. Nesse sentido, o modo de ser ouvinte, como sendo a única escolha da sociedade, desconsidera os conhecimentos dos surdos sobre o modo de ser essencialmente visual e os modos de produção linguística, identitária e cultural advindos dessa forma de ser. Atrasos linguísticos, psicológicos e socioafetivos dos surdos, por exemplo, e dos ouvintes em relação à Libras e sobre quem são os surdos, resultam na necessidade de reconhecimento tardio desta língua como língua.

Nesse contexto, busca-se a construção de uma sociedade que acolha a diferença, novamente no sentido epistemológico de compreensão de que conhecimento e poder andam juntos para a organização social, materializando práticas relacionais no território da educação de surdos e para os surdos, e das condições para sua socialização com os ouvintes e as instituições comuns a todos os cidadãos.

Neste momento, as relações das instituições e das pessoas com os surdos, e, talvez, por um longo período, se dê pela inclusão de TILSP que desempenham o papel de mediar a comunicação entre os grupos que não compartilham a mesma língua, com os profissionais atuando tanto para a modalidade oral-auditiva, quanto para visual-espacial (Quadros, 2004) para facilitar a interação, a informação e a aquisição de novos conhecimentos.

Por causa disso, o espaço para os Tradutores e Intérpretes de Libras (TILSP), fruto da comunidade surda, foi sendo ampliado e reconhecido para além do trabalho anteriormente vinculado às missões nas igrejas.

Sobre isso, como nos diz Quadros (2004), eles devem buscar aprofundamento/domínio das línguas envolvidas, como também qualificações específicas que os capacite a atuar como profissional em diversas áreas, fazendo com que os tais possuam a compreensão das estratégias e técnicas que utilizarão tanto na tradução, quanto na interpretação.

Nesse enquadramento de saberes linguísticos e domínio dos processos e técnicas de tradução, as conquistas da comunidade surda se aprofundaram com a regulamentação da profissão do tradutor/intérprete de Libras através da Lei nº 12.319 de 1º de setembro de 2010, posteriormente alterada pela Lei 14.704 de outubro de 2023, o que fortaleceu significativamente a categoria dos TILSPs.

No entanto, antes da legislação mencionada, por volta da década de 1980 e início dos anos 1990, o serviço de interpretação se dava por pessoas que participavam da comunidade surda que, através da prática vivenciada no cotidiano, formavam estratégias linguísticas, culturais, sociais etc., possibilitadoras da realização do papel de intérprete.

As pessoas que exerciam a função de tradutor e intérprete de língua de sinais/língua portuguesa para a comunidade surda geralmente tinham relações com familiares em diversos níveis de parentesco, mas, na maioria das vezes, filhos ouvintes de pais surdos, amigos e professores que desenvolviam maior convivência em associações e ambientes religiosos. Para Bontempo (2015) essas são esferas sociais relacionadas com a origem histórica da atuação dos TILSPs.

Os sinalizantes dessa época eram conhecidos por seus serviços comunitários sem cobrança e, por isso, conforme Lemos (2021), eram selecionados pelos surdos em espaços religiosos e associações para atuarem na área da tradução e interpretação. Mesmo assim, apesar da ausência de formação, esse período ficou marcado como o início da profissão. Sobre isso Rodrigues e Valente (2011) explicam o seguinte:

No Brasil, as atividades voluntárias de tradução e interpretação de que se falou anteriormente foram notavelmente observadas no meio religioso a partir de 1980. Não é errado dizer que está aí, em nosso país e também em outros, o nascedouro da profissão do intérprete e tradutor de Libras. (Rodrigues e Valente 2011, p.16)

Apesar de termos, na citação acima, o ano de 1980 como nascedouro da profissão do TILSP no Brasil, existem registros muito antes do período acima citado que nos reportam para documentos da época da fundação Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Os documentos levantados por Laguna (2015) em sua dissertação intitulada como *Moralidade, idoneidade e convivência: discursos sobre as práticas dos repetidores de classe do INES no período de 1855 a 1910*, incidem na atuação de tradutores-intérpretes naquele momento, mesmo que só possamos falar de profissionalização para atuação com a língua de sinais na atualidade.

A autora, com seu desejo de buscar mais sobre a história dos TILSP, realizou uma pesquisa na qual visitou o instituto INES e pôde encontrar registros em atas sobre a atuação dos repetidores, que, segundo ela, desembocam em nossa profissão, sobre isso ela diz “Há proximidades entre repetidor e TILS, embora existam diferenças conceituais entre repetir e traduzir” Laguna (2005, p. 126).

Conforme sua pesquisa, a autora, através dos registros encontrados no INES entre o período de 1855 a 1910, constata que os repetidores estiveram envolvidos com a comunidade surda em diversos ambientes sociais e atualmente são reconhecidos como profissionais regulamentados e que vêm dialogando sobre suas atuações de modo científico.

Dessa forma, o perfil profissional passou a ser traçado a partir desse período e, a partir desses ambientes, iniciou-se a construção da formação e reconhecimento profissional do TILSP por meio de encontros com o propósito de desenvolver consciência da capacidade técnica exigida e geração de documentos que certificassem o exercício da profissão. Estas ações foram concomitantes e aliadas ao movimento da comunidade surda que adquiria força na sociedade pelo direito linguístico dos surdos e lutava por melhorias comunicativas no trabalho, na educação etc.

Conforme Lemos (2021), essa sequência de conhecimento instigou o interesse dos TILSP por formação, para além das propostas em associações, em contexto superior que foi se desenvolvendo com o passar dos anos para aprofundamento, o que demonstra que os próprios profissionais sentiram a necessidade de aprofundar estudos e sair do “formar-se a si mesmo”.

Além do aprofundamento de conhecimento para melhor desempenho de seus papéis nas áreas requisitadas, essa formação também segue “na lógica de que o tradutor intérprete de uma língua deve ser formado nessa língua, assim como os profissionais das línguas estrangeiras”

(Laguna, 2015, p. 42).

Sobre esse contexto universitário, após a Lei da Libras, devido aumento de surdos ingressos no ensino superior (Rodrigues, 2017), algumas universidades tomaram a iniciativa de criar cursos de ensino superior de formação de TILSP.

A Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, ofereceu em 2004, curso tecnólogo em Tradução e Interpretação de Libras, com duração de dois anos, a qual formou duas turmas. No ano seguinte, 2005, a Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) deu início ao Curso Superior de Tradução e Interpretação com habilitação em Libras/Língua Portuguesa (Gurgel, 2010).

No ano de 2006, a Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, foi pioneira como instituição da rede pública no que diz respeito à formação universitária em Licenciatura com o curso de Letras/Libras, na modalidade à distância, destinado à formação de docentes na área de Libras.

Dois anos depois, em 2008, a mesma instituição criou o curso para tradutor e intérprete de Libras/Língua Portuguesa, Bacharelado em Letras/Libras com o objetivo de formar profissional preparado para atuar como Tradutor ou Intérprete Libras em diversos contextos. O currículo do curso⁹ propõe oito períodos para conclusão da formação como bacharel em Letras/Libras. Sobre esse currículo, Lacerda (2010), em sua análise, diz o seguinte:

[...]a grade curricular do curso, há um eixo de disciplinas voltadas para o ensino e aprimoramento da Libras (cinco disciplinas). Contudo, o mesmo não se verifica em relação ao Português. Há disciplinas sobre aspectos gramaticais e questões teóricas, mas que não focalizam o estudo do Português enquanto fluência e uso da língua em diferentes contextos discursivos. Outras disciplinas propostas abordam o Português, mas já envolvido em processos tradutórios em relação à Libras. Sobre as técnicas de tradução/interpretação trabalhadas com os alunos (p. 143).

A percepção da autora sobre o aprofundamento do Português no currículo, quanto à fluência perante a utilização dessa língua em diversos cenários se faz necessária, pois uma disciplina com essa especificidade agregar valor ao processo da tradução, o que enriqueceria a competência linguística nessa formação.

Além dessa observação de Lacerda (2010), percebemos disciplinas voltadas para tradução de literatura infantil e produção audiovisual, porém essas são ofertadas entre as disciplinas optativas como “Introdução à Tradução de Literatura Infanto-Juvenil e Tradução Audiovisual”, ponto positivo para o currículo, porém, seria mais interessante se estivessem

⁹ <https://cagr.sistemas.ufsc.br/relatorios/curriculoCurso?curso=715>

inseridas nas disciplinas obrigatórias do curso.

Entendemos que por estarem nessa grade, são escolhidas de acordo com interesse do graduando, porém diante da realidade no meio acadêmico, por exemplo, com demandas de tradução de literatura da Libras para português e vice-versa, seria interessante integrá-las entre as disciplinas obrigatórias.

O curso foi ofertado na modalidade EAD, a qual faz uso das tecnologias de comunicação e informação, que viabilizam as atividades educacionais conduzidas por docentes e discentes em vários locais ou períodos, para mediação do processo de ensino e aprendizagem, conforme resolução da instituição.

Com pensamento em tanto atender demanda interna quanto a nível nacional, conforme descrito no regimento do Curso de Bacharelado em Letras Libras EAD da UFSC, exposto no site da referida instituição, no capítulo primeiro, encontramos a definição do funcionamento do curso e sua distribuição.

Assim foram distribuídos polos presenciais em algumas regiões do país e cada um com tutor, técnico e coordenador local. Com isso, temos uma lista de estados que foram contemplados para oferta do Bacharelado em Letras/Libras, esses foram: em Belém (UEPA), Belo Horizonte (CEFET-MG), Brasília (UnB), Campinas-SP (UNICAMP), Curitiba (UFPR), Dourados-MS (UFGD), Florianópolis (UFSC), Fortaleza (UFC), Goiânia (CEFET- GO), Natal (CEFET- RN), Porto Alegre (UFRGS), Recife (UFPE), Rio de Janeiro (INES), Salvador (UFBA) e Vitória (UFES).

Atualmente, os polos nos quais o curso de Bacharelado em Letras Libras ainda está sendo ofertado pela UFSC são: em Macapá-AP (UNIFAP), Marabá-PA (UNIFESSPA) e Santo André-SP (UFABC).

Do mesmo modo, existem outros cursos de formação em tradução/interpretação de Libras em nível de graduação disponíveis, a maioria dos quais são ofertados por instituições privadas em plataformas digitais.

Um exemplo de referência é a Uníntese, uma faculdade com foco em ensino online, com sede no Rio Grande do Sul, que oferece cursos técnicos e bacharelados em Letras/Libras, além de especializações em tradução/interpretação de Libras.

Além da UFSC, existem outras instituições que ofertam graduação em Letras Libras, porém conforme observado no levantamento realizado por Lemos (2019) no decorrer dos anos a maioria oferece cursos técnicos, de extensão, especialização e formação continuada em tradução e interpretação de Libras, onde a maior parte desses cursos está concentrada nas regiões Sul e Sudeste.

No ano de 2018, sete instituições federais de ensino superior destacaram-se por ofertarem graduação em tradução e interpretação de Libras/português, oportunizando a formação para os interessados nessa área profissional.

Conforme indicado por Oliveira (2018), essas instituições são: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Goiás (UFG) e Universidade Federal de Roraima (UFR).

Dada a vasta extensão do território brasileiro, pode-se afirmar que as formações existentes não atendem adequadamente às necessidades de todas as regiões do país (Formim *et al.*, 2021). A sondagem realizada pelo autor nos leva à problemática de que praticamente não há suporte de formação inicial e continuada em tradução literária para TILSPs, assim como em nenhuma outra especificidade relacionada à tradução de Libras/Português na cidade de Campina Grande- PB.

Isto posto, pudemos, a partir desse resumo do percurso histórico dos TILSPs, observar que a necessidade de formação é parte constitutiva da área.

Perante o protagonismo surdo que, para Ruzza (2020, p. 37), “emerge como potência na participação social e política dos Sujeitos Surdos, a fim de buscar estratégias de rompimento das representações e padrões solidificados”, esses sinalizantes, usuários da Libras, através dessa resistência começaram a conquistar espaço na sociedade, tornando possível a constatação de que para existência da profissão de tradutor e intérprete de Libras/Língua Portuguesa, foi necessária pensar e fazer acontecer a formação desses profissionais e que após planejamentos, ainda hoje, a maioria desses cursos, como se falou anteriormente, concentram-se nas regiões Sul e Sudeste, principalmente em se tratando de ensino superior.

A próxima seção, apresenta a função desse profissional no contexto educacional, mostrando o grau de complexidade do trabalho entre essas duas modalidades de línguas, muitas vezes desmerecida pelos leigos.

2.2 Função do TILSP no contexto educacional: tipos de competência tradutória

Embora saibamos que os TILSPs estão sempre envolvidos com as funções que lhes competem, tradução e interpretação de Libras no âmbito educacional, e que se trata de funções distintas (Rodrigues; Santos, 2018), nesse seguimento iremos focar no processo das demandas de tradução realizadas por esses profissionais, desde o início até a produção final registrada em

vídeo.

Na tradução de/para Libras, de modo contrário à interpretação, que ocorre em tempo real entre esse par linguístico, o profissional dispõe de um tempo maior para entrega do serviço. Além disso, para execução dessa função existem outras distinções que corroboram para extensão do prazo dessa atividade. Rodrigues e Santos (2018) falam sobre essa função da seguinte maneira:

[...] (a) na tradução, ao ter como matéria-prima o texto pronto disponível em dado suporte, o profissional pode trabalhar sem contato direto com o público e, portanto, o resultado do seu trabalho devidamente revisto e refinado, será automaticamente registrado com o objetivo de durar (Rodrigues; Santos, 2018, p. 2).

Essa função fornece oportunidade para que o profissional possa avaliar seu trabalho, com “tempo hábil para organizar, reorganizar, revisar e reler seu trabalho” Machado (2017), o que permite a possibilidade de acrescentar informações, que por algum motivo passaram despercebidas, ou retirar as indesejáveis com fim de refinar a qualidade do serviço.

O autor pontua que ao dispor do material em sua integralidade o tradutor não corre o risco de acréscimo repentino de informações ao texto de partida. Essa prática permite que o profissional gerencie o seu tempo com eficácia e utilize quaisquer ferramentas e dispositivos de consulta terminológica e textual, de maneira a melhorar a durabilidade do texto de chegada.

Esse processo se inicia com a leitura do texto de partida e o TILSP começa a realizar construções para a estrutura da língua-alvo. Nesse contexto de trabalho, pela diferença das modalidades das línguas envolvidas, dentro da contextualização entre as línguas e culturas, ou seja, Libras e Português e vice-versa, o trabalho exige conhecimento linguístico e cultural.

Sobre essa diferença de modalidades, as percepções (visuais e auditivas) envolvidas nesse par linguístico Libras/Português, como dito por Santiago (2012), “acarretam aos seus ‘falantes’ condições de conhecimento de mundo ainda mais diversos e singulares, que refletem no contexto que influencia a materialidade da tradução e que é influenciado por ela” (p. 37).

Por isso, é necessário que o TILSP possua Competência Tradutória (CT), modelo holístico realizado pelo grupo PACTE (2003)¹⁰, que corresponde a um conhecimento especializado, o qual o tradutor por meio dele tanto adquire conhecimento para saber o que fazer na tradução (conhecimentos declarativos), quanto o entendimento de saber como traduzir (conhecimentos operacionais).

¹⁰ Processo de Aquisição da Competência Tradutória e Avaliação PACTE (1998; 2003) da Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha. O Grupo é liderado pela espanhola professora Dra. Amparo Hurtado Albir.

A CT é tem sido discutida por diversos autores, como Hurtado Albir (2005) Alves, Magalhães e Pagano (2000) Gonçalves (2003), Alves e Gonçalves (2007), dentre outros. Além desses, temos Rodrigues (2018) que apresenta uma nova concepção ao refletir sobre tradução intermodal¹¹ e as prováveis relações com a CT.

O objetivo da composição desse modelo PACTE (2003) é de investigação empírico-experimental, semelhante ao que propusemos em nossa pesquisa, no que tange ao acompanhamento da formação dos profissionais participantes desse trabalho através de um ciclo de palestras até sua produção final, a tradução gravada em vídeo.

A aquisição da competência tradutória é validada por meio de elementos criados pelo PACTE chamados de subcompetências, que são: bilíngue, extralinguística, conhecimentos sobre tradução, instrumental e estratégica. Além dessas cinco subcompetências, o modelo ainda apresenta em sua estrutura um sexto componente, o psicofisiológico. Sendo assim, seguimos com o conceito de cada uma das subcompetências:

1. Subcompetência bilíngue - composta basicamente por conhecimentos operacionais que são necessários para comunicação entre duas línguas: conhecimentos pragmáticos, sociolinguísticos, textuais e léxico gramaticais.

A utilização dessa subcompetência nas línguas de sinais se torna necessária da mesma forma que nas línguas orais, porém existem diferenças por se tratar de uma língua visual, em que sua sintaxe é espacial.

Além do mais, o conhecimento profundo das culturas das línguas envolvidas, utilizado durante o processo da tradução, como o conhecimento das crenças, valores, experiências e comportamentos dos indivíduos, tanto da língua fonte como da língua alvo, é necessário para o reconhecimento das diferenças entre as línguas e culturas envolvidas.

Nessa subcompetência, saberes sociolinguísticos demandam conhecimento de mundo, o qual está relacionado ao nosso cotidiano, resultado de estudos, leitura e/ou experiências de vida (Rosa, 2005). É esse conhecimento e suas complexidades que serão acionados no momento da tradução. A autora ainda diz que eles auxiliam no estabelecimento das conexões necessárias que são cruciais para a tradução.

Para essa execução, o TILSP deve ter consciência das atualizações ideológicas, lógicas, emocionais e textuais, mostrando que seus saberes não são estáticos e sim dinâmicos, que se renovam e podem ser acionados por meio das demandas diárias (Travaglia, 2003).

¹¹ O “processo intermodal corresponde ao processo tradutório e/ou interpretativo de uma língua vocal-auditiva (usando a fala e a audição) e outra gestual-visual (usando os sinais e a visão), independente da direcionalidade, o foco está em línguas de diferentes modalidades” (Rodrigues, 2013).

Diante disso, o TILSP ao se deparar com as informações irá estabelecer equilíbrio entre as novas ideias e as preexistentes compartilhadas no texto de partida, para alcançar através desse processo a compreensão do público-alvo para produzir sentido, pois conforme Travaglia (2003)

Os elementos linguísticos que o texto oferece, porém, representam apenas uma parte daquilo que é necessário para que se possa estabelecer o seu sentido; a outra parte vem do conhecimento do mundo, esta espécie de grande dicionário enciclopédico do mundo e da cultura que temos na memória e que nos permite, então, fazer a ponte entre o linguístico e o extralinguístico (Travaglia, 2003 P.79).

Nesse sentido, o profissional rememora seu conhecimento e experiência realizando conexão entre os textos de partida e chegada, meio pelo qual o tradutor de Libras se encarrega de harmonizar, em outro/mesmo discurso, as diferentes visões de mundo, onde nessa tradução estará presente a própria visão de mundo desse profissional (Rosa, 2005). Assim, para essa harmonização saberes textuais e léxico gramaticais são demandados.

2. Subcompetência extralinguística - habilidade composta principalmente por conhecimentos declarativos, sobre o mundo em geral e de área específica, conhecimentos culturais das línguas envolvidas, como também enciclopédicos.

Semelhantemente a qualquer língua, para tradução entre as línguas portuguesa e de sinais conhecimentos declarativos e de mundo possuem relevância, por trazerem apoio em momentos específicos na tradução. Diante disso, é imprescindível o domínio das culturas envolvidas, pois o tradutor de Libras se coloca entre a cultura oral-auditiva e a cultura visual Ströbel (2008), para discernir a coerência da mensagem.

Isso permite que as informações sejam transmitidas com precisão pelo profissional de Libras, levando em consideração as características específicas da Libras e da língua portuguesa para evitar qualquer perda de informações ou desvios que gerem erro de compreensão durante a tradução.

3. Subcompetência de conhecimentos sobre a tradução - composta por conhecimentos sobretudo declarativos, acerca dos princípios que regem a tradução (unidade de tradução, tipos de problemas processos, métodos e procedimentos utilizados) e sobre aspectos profissionais (tipos de tarefa e de destinatário).

Nesse sentido, TILSP deve saber as normas referentes à área de sua atuação, compreender o significado do texto da língua partida para a língua de chegada, entender para qual das modalidades de tradução (Quadros, 2004) o texto se refere, ou seja, se do português

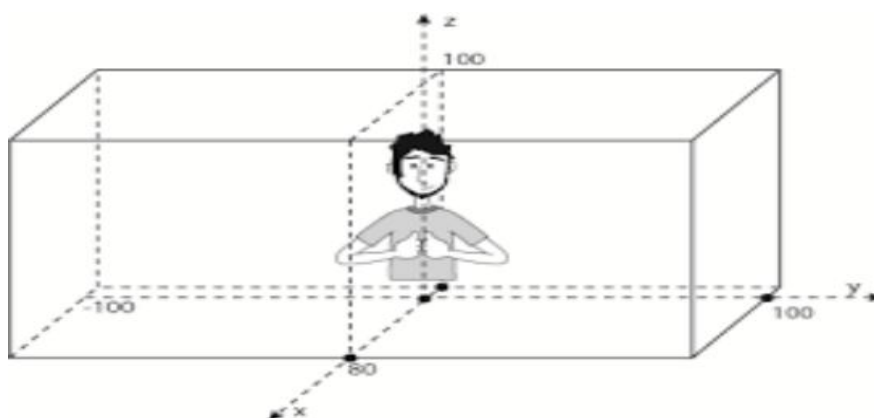
para Libras ou da Libras para português - material gravado em Libras para o português escrito ou oral (voz do tradutor).

Outro ponto destacado nessa competência é a habilidade na seleção dos sinais que serão empregados diante de determinado contexto, pois a tradução só ocorre após a compreensão do texto de origem pelo leitor/tradutor (Rosa, 2005), que irá optar pelo melhor item lexical, visando a compreensão do público-alvo.

Ainda sobre esse aspecto, a autora diz que “a tradução nos obriga a investigar detalhadamente a função de cada palavra, esquadriñar atentamente o sentido de cada frase e, finalmente, reconstruir a paisagem mental do autor e descobrir-lhe o que o autor quis dizer” (Rosa, 2005, p. 68).

No processo da tradução, o tradutor realiza a construção de glosa¹² para na sequência iniciar os treinos de sinalização para posterior gravação do material traduzido, com isso, o profissional deve saber utilizar o espaço de sinalização, posicionando-se na localização necessária para a produção sinalizada com dimensões à frente do sinalizante e sua extensão limitada da cabeça à cintura, como também a demarcação dos lados direito e esquerdo. A figura 1 abaixo, nos apresenta o espaço de sinalização proposto por Langevin e Ferreira-Brito (1988).

Figura 1 - Espaço de sinalização em Libras



Fonte: Langevin e Ferreira Brito (1988, p. 01).

Na figura acima, as autoras apontam os eixos para demarcar o espaço para sinalização, com extensão das mãos respectivamente direita e esquerda no eixo de y, o espaço de sinalização na frente do sinalizante no eixo de x e a demarcação da altura um pouco acima da cabeça no

¹² O termo “glosa”, neste contexto, é entendido como uma palavra que traduz aproximadamente o significado de outra (CEFET/SC, 2007: 15).

eixo de y, as autoras atribuem a essa dimensão o nome triedro egocêntrico – paralelepípedo medido em centímetros.

Conforme Quadros e Karnopp (2004) e Bernardino (2012, p. 251), é nesse espaço que a estrutura gramatical se constrói com verbos espaciais e de concordância, como também os classificadores (CL)¹³.

A utilização do espaço por meio do corpo do tradutor torna possível essa construção aliada a sinalização sobre isso Silva (2024) expressa a importância da performance no momento da produção da seguinte forma:

Pontua-se que na tradução [...] da Libras/português, usa-se o corpo como parte gramatical, exercendo na oração funções de ordem semânticas. O corpo do sinalizador é tão importante quanto os sinais realizados na transliteração das línguas, porque a sua imagem é um recurso que deve estar ligado ao contexto social, no qual a língua fonte acontece. (Silva, 2024, p. 640).

Ou seja, ao incorporar a sinalização e expressão corporal o tradutor se conecta ao texto de partida tornando-o visual para o público-alvo. Além disso, os autores mencionam que é fundamental transmitir por meio das expressões corporais e faciais, o sentimento ritmo, em resumo, consolidar no texto sinalizado concordância nos diversos aspectos.

Sobre essa incorporação, Rodrigues (2018b) em sua pesquisa quanto à tradução intermodal menciona em sua pesquisa a performance corporal-visual, onde o tradutor primeiro deve demonstrar proficiência durante a realização da tradução para língua de sinais, em segundo a possibilidade da sobreposição de línguas durante o processo tradutório intermodal conhecido como (*code-blending*), ou combinação de códigos, sobre esses pontos o autor explica da seguinte forma:

[...] Em suma, uma possível competência tradutória intermodal relaciona-se ao desenvolvimento de conhecimentos e habilidades necessários tanto à exploração corporal dos dispositivos linguísticos específicos das línguas de sinais, durante a sinalização (habilidades corporais motoras de codificação integrada de propriedades gestuais e espaciais), quanto à capacidade visual-cognitiva de ler a totalidade das informações gestuais e espaciais, as quais estão expressas quadridimensionalmente por meio da integração desses dispositivos linguísticos específicos, durante a vocalização (habilidades visuais de percepção [...] do conjunto de informações gestual e espacialmente codificadas), ambas vinculadas à habilidade de se administrar a possibilidade de sobreposição das línguas de maneira vantajosa (Rodrigues, 2018b, p. 307-310).

¹³Classificadores (CL) – são as representações que expressam objetos, animais ou pessoas através das configurações de mãos, como também os movimentos e percursos realizados por eles.

No que se refere à corporificação alinhada à tradução intermodal, esta requer habilidades motoras para codificação gestual e espacial, capacidades visual-cognitivas para traduzir informações gestuais e espaciais. Essas proficiências são cruciais para lidar com a sobreposição de idiomas no processo de tradução de forma eficaz.

O entendimento do sentido da mensagem é necessário para entrega apropriada da informação de uma língua para outra, respeitando o significado das palavras sem realizar modificações, para não correr o risco de alterar o que foi anunciado na língua original.

4. Subcompetência estratégica - basicamente constituída por conhecimentos operacionais para garantir a eficácia do processo tradutório. É considerada a parte central do modelo por controlar o processo tradutório, compensa as falhas existentes ativando as demais subcompetências, identifica problemas de tradução e efetua recursos para resolução.

Saber o que fazer para resolver problemas no processo de tradução. Um exemplo seria a não existência de um sinal/palavra que corresponda a língua alvo, nesse caso, um dos métodos para sanar o problema seria a pesquisa em dicionários ou redes sociais, não havendo sinal específico buscar apresentar um contexto que corresponda ao que foi dito no texto de partida para língua de chegada.

5. Subcompetência instrumental - constituída por conhecimentos essencialmente operacionais, relacionados com o uso das fontes de documentação e das tecnologias de informática e comunicação (TIC) aplicadas à tradução.

Nesse sentido, na tradução no par linguístico Libras/Português brasileiro o processo se inicia por meio da observação de um vídeo em Libras, que será assistido quantas vezes for necessário para que a tradução seja realizada na estrutura do português brasileiro, na situação inversa temos um procedimento semelhante, finalizado com a tradução gravada em vídeo.

Ao integrar essa subcompetência à parte técnica, é necessário ter habilidade para posicionar-se apropriadamente para traduzir. A figura 2, a seguir ilustra o posicionamento do TILSP com relação a tradução do português para Libras.

Figura 2 - Produção videossinalizada - UFCG



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Normalmente, as solicitações para tradução em instituições de ensino superior partem de materiais didáticos, editais, site da instituição, tradução presencial e com registros videossinalizados etc. Após o estudo dos textos escritos e com tradução para a Libras apresentada por glosa, o processo de registro da tradução segue para o momento da produção audiovisual, com iluminação apropriada, fundo neutro (*chroma key* verde ou azul), onde o TILSP se posiciona em frente à câmera para realizar a sinalização, como observado na figura acima.

Na imagem a profissional se coloca no espaço de sinalização e conta com a presença de outro TILSP, sua dupla, que está posicionado à sua esquerda (à direita, na figura), o qual efetua a leitura do texto traduzido para a realização da produção videossinalizada.

Essa produção em vídeo que parte de um texto escrito (português) para língua de sinais (Libras) representa a tradução intermodal (Quadros, 2004; Segala, 2015; Rodrigues, 2018). Do ponto de vista do modo de registro, Segala (2010) coloca que o tradutor desempenha a função de ator, pelo fato de não apenas traduzir, mas também disponibilizar sua imagem autorizando o registro do trabalho realizado por meio de vídeo. Sobre a atuação do TILSP, o autor discorre da seguinte maneira:

Conhecer profundamente as línguas e culturas muitas vezes não é suficiente. É preciso saber como se apresentar como ator, apresentador de TV, ter o espírito da arte, conhecer e utilizar a expressão corporal, gestual e mímica para a câmera (filmadora),

porque, na tradução de texto para Libras, a escrita é como a gravação de vídeos. Assim, é importante que o tradutor se apresente como um ator (Segala, 2010, p. 31).

Por se tratar de uma língua visual, a imagem do profissional e a presença do corpo é imprescindível. O autor pontua essa relevância ao falar da expressão corporal diante da gravação, que para Libras torna-se um texto videossinalizado.

Ao iniciar a gravação, o profissional também deve escolher, além da marcação do espaço já mencionado mais acima, o conhecimento de tradução, qual o melhor aspecto tecnológico (Bartolomei, 2021) irá escolher para sua performance e direcionar à equipe de técnica cinematográfica quanto à sua seleção.

Sobre os aspectos tecnológicos a autora, concordando com Nogueira (2010), se refere aos planos e enquadramentos que são utilizados no momento da filmagem e destaca cinco planos que podem ser selecionados, estes são: o plano de detalhe ou pormenor, grande plano, plano médio, plano americano e plano geral.

O plano de detalhe ou pormenor foca nos detalhes específicos de algum elemento de ação, de um personagem ou até de um objeto.

O grande plano detalha as ações apresentadas, como também se utiliza da linguagem facial dos personagens, onde amplia tanto esses elementos quanto os objetos e ações da produção.

O plano médio é um recurso utilizado com mais frequência, pois captura a parte substancial nas expressões faciais e corporais dos atores.

Quanto ao plano americano seu enquadramento se estende da cabeça aos joelhos o que permite destaque tanto da movimentação física quanto da linguagem corporal gerada em cena.

O plano geral apresenta a personagem da cabeça aos pés assim como todo o cenário da produção, evidenciando várias informações relacionadas à cena.

Normalmente, as gravações da tradução ocorrem no plano médio se alinhando ao posicionamento para utilização do espaço de sinalização, pois “em termos de perspectiva, esse plano mostra a figura humana da cabeça até a cintura. Dessa maneira, o plano médio consegue captar o essencial das expressões corporais dos atores envolvidos nas cenas” (Bartolomei, 2021, p. 91).

Após a gravação, a dupla ou equipe, segue para etapa que corresponde à penúltima parte da produção videossinalizada, a da avaliação, onde os TILSPs assistem ao vídeo para analisar se a sinalização precisa de ajustes ou não.

Sendo negativa a necessidade de regravação, é confirmada a finalização da produção videossinalizada para a equipe de audiovisual, constituída por Técnicos Cinematográficos

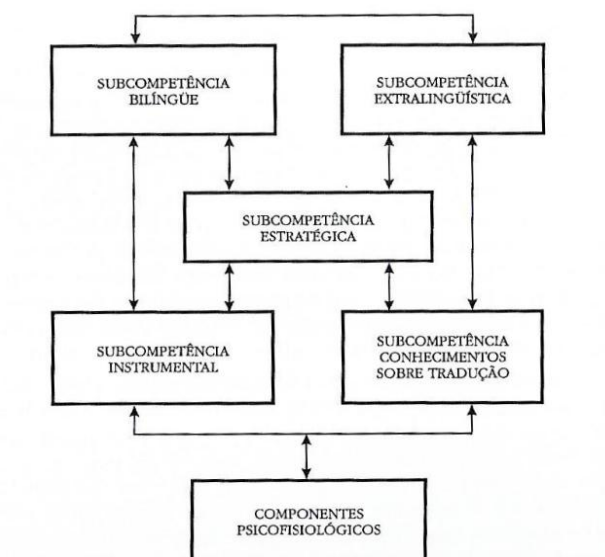
responsáveis pela organização do ambiente (estúdio), onde preparam a iluminação, foco da câmera e execução da gravação, assim como edição, renderização etc.

Por último, mas não menos importante, os **componentes psicofisiológicos** que não são estabelecidos como subcompetência, porém atuam no modelo através dos componentes cognitivos, tais como: memória, percepção, atenção e emoção que são estimulados no processo de tradução; aspectos de atitude como curiosidade, espírito crítico, conhecimento e confiança em suas próprias capacidades, conhecimento do limite das próprias possibilidades, motivação etc.; habilidades, tais como criatividade etc.

Na tradução para Libras, será ativada a atenção do profissional para que possa apresentar o enunciado de forma adequada ao público-alvo, atitudes como confiança em suas próprias capacidades, conhecimento de seus limites curiosidade intelectual, espírito crítico etc. Neste ponto, o profissional deve possuir aptidão quanto ao espírito crítico, fazendo avaliação da estratégia que utilizará quanto à omissão ou adição na mensagem; assim como raciocínio lógico, análise e síntese etc.

O grupo PACTE também elaborou uma representação de como funciona a CT por meio das subcompetências. Para visualização, segue o modelo abaixo na figura 3.

Figura 3 - A competência tradutória (CT) segundo o modelo holístico de PACTE



Fonte: Hurtado Albir (2005).

A representação acima mostra as possíveis ligações do processo tradutório observados pelo grupo PACTE, onde a subcompetência estratégica está no centro, ligada às outras subcompetências, interagindo e controlando o processo tradutório, enquanto as demais se

relacionam direta e indiretamente. Podemos observar também a ação dos componentes psicofisiológicos na extremidade do modelo.

As subcompetências descritas ressaltam a complexidade do trabalho do TILSP, que envolvem uma compreensão profunda das línguas/culturas envolvidas, transferir de maneira apropriada sem distorções, discernir sobre o melhor item lexical para o momento, a utilização de estratégias para resolução de problemas, assim como habilidade para utilização de ferramentas técnicas.

Esse caminho mais técnico, de observar os passos da tradução de Libras, nos faz refletir sobre quais subcompetências cada TILSP possui, não pensando em qualificar ou desqualificar (certo ou errado), mas na tentativa de entendermos a real necessidade de formação dos TILSPs de Campina Grande. Essa sequência abre caminho para o próximo capítulo, no qual trabalhamos sobre a tradução de literatura infantil para Libras.

3 LITERATURA ESTÉTICA DA LIBRAS E A TRADUÇÃO DO LIVRO INFANTIL

Para darmos início a esta seção, achamos necessário falarmos um pouco sobre a literatura infantil para, assim, contextualizarmos um pouco a vivência das crianças surdas perante a literatura. Em sequência, tratamos da estética da Libras e seus elementos na tradução de literatura infantil por TILSPs. Para conseguir desenvolver essa discussão, dividimos a seção em duas partes, trazendo na primeira a nossa perspectiva de literatura infantil para crianças surdas. Por seu turno, na segunda parte, apresentamos e refletimos sobre a estética da Libras e a tradução de livro infantil.

3.1 Literatura infantil para crianças surdas

A experiência literária é a possibilidade do contato com a sensibilidade, a dor, o prazer, a fantasia de ser humano, podendo ter ou não função prática. A literatura infantil, conforme Silva (2020), “tem importância fundamental em vários aspectos da educação das crianças, principalmente em relação à formação de alunos que gostam de ler, pois o belo que compõem os textos literários é o atrativo estimulando a leitura” (p. 381). A literatura oportuniza o desenvolvimento de mundo, linguístico, cognitivo, e, diante das experiências linguísticas, sensoriais e estéticas, é uma exposição que permite que as crianças tenham acesso à leitura e escrita de forma divertida (Silva, 2020)

É dever do professor trazer esse estímulo aos alunos nos anos iniciais com escolha de histórias compatíveis com seu nível linguístico, imaginário e de maturidade cognitiva, de modo que elas mesmas possam realizar a leitura ou, se a mediação ocorrer pelo professor, que não esteja vinculada à preocupação de ensinar outros conteúdos através da literatura apresentada, pois esse modo de realizar atividades a partir de histórias literárias tem sido a vilã dos professores (Garcez, 2004).

A partir dessa contextualização sobre a literatura, podemos observar que ela cumpre para as crianças surdas o mesmo papel que para qualquer criança. O que acontece é que, no caso das crianças surdas, o acesso à literatura do mundo ouvinte, geralmente relacionada a textos escritos, não é proporcionado via contação oral com leitura do texto escrito, e poucas são as crianças que têm contato com essa literatura sinalizada antes de entrar em uma escola para surdos.

Ideal é que a literatura seja narrada em língua de sinais, pois “dá às crianças surdas a possibilidade de ver o mundo exterior, construir o conhecimento, se contextualizar no

movimento surdo através da língua e também se inserir na cultura” (Nichols, 2016, p. 54).

Para o autor, a literatura infantil deve promover uma verdadeira interação com o leitor surdo, por meio de uma tradução que leve em consideração as especificidades da Libras, valorizando a comunicação visual e gestual da própria língua.

Desse modo, o contato com a literatura de forma tardia ainda existe de modo corrente na comunidade surda, havendo aquelas crianças que chegam na escola bilíngue sem língua alguma (Tavares; Porto, 2021).

Sobre o contato de crianças surdas com a língua de sinais e com literatura sinalizada, Tavares e Porto (2021) colocam que dois fatores foram percebidos com relação a leituras literárias em Libras em sua experiência de trabalho de extensão com literatura para crianças surdas em uma escola de surdos:

O primeiro, de âmbito familiar, se constitui do fato de, em sua maioria, os surdos serem oriundos de lares com pais que não têm proficiência em Libras, o que significa que praticamente não existe a possibilidade de contato com livros, com o mundo da literatura para essas crianças no seio familiar, pela ausência de compartilhamento linguístico entre pais e filhos. O segundo, de ordem educacional, acontece porque no município há apenas uma escola bilíngue, ou seja, que utiliza a Libras como língua para construção de suas interações no cotidiano escolar, entre professores e alunos, alunos e alunos, servidores técnico-administrativos e pedagógicos e alunos. (Tavares; Porto, 2021, p. 67).

Acerca dessa ausência de língua, famílias ouvintes que, por não terem a compreensão da importância da conversação em língua de sinais, criam uma comunicação caseira com gestos apenas para resolução de demandas práticas do cotidiano, dificultam a construção de diálogos e narrativas de si e da vida, ou seja, do aprendizado sobre como funciona a comunicação e a fabulação em uma língua. Sobre interações na escola, o Brasil ainda não assumiu o modelo de educação bilíngue para surdos como prioridade para a educação básica das crianças surdas. Disso resulta ausência de contato com a literatura em Libras também nas escolas, embora já existam bastante produções de Literatura em língua de sinais, textos com jogos performáticos no formato gestual-visual-espacial, quer dizer em língua de sinais (Martins, 2020). Essas produções tonam-se ínfimas quando relacionadas à língua oral do país.

Sobre essa disparidade de obras nas duas línguas, existe uma justificativa plausível, explicada pelo período de proibição da língua de sinais, proibição que retardou o avanço dessa língua e compreendeu um período de cerca de cem anos após o Congresso de Milão, entre os anos de 1880 e 1980.

No Congresso de Milão houve uma votação para que os surdos, de todos os países, não se comunicassem através das mãos, onde a maioria votante ouvinte/ouvintista entendia que essa

forma de comunicação prejudicava o aprendizado e desenvolvimento das línguas orais e, por causa disso, obrigou os surdos a serem oralizados, trazendo um prejuízo imenso dos registros das línguas visuais espaciais.

Porém, existem indicativos de que nesse período de negação da língua de sinais os surdos se comunicavam às escondidas, onde se expressavam através das mãos e a partir desses momentos nasceram as primeiras histórias. Sobre isso, Silva (2016) nos diz o seguinte:

Embora não se possa precisar, há indícios de que a literatura em língua de sinais tenha surgido nos internatos de escolas de surdos, na Europa. Do encontro entre surdos, e das conversas sinalizadas sempre às escondidas dos supervisores oralistas, nasceram as primeiras histórias por meio da mímica, das imitações de personagens do cinema, dos professores e dos próprios colegas. Essas histórias foram sendo estruturadas com recursos visuais (imagens carregadas de expressividade por meio das expressões faciais e corporais) (Silva, 2016, p. 1).

Mesmo sem os registros dessa literatura, houve a possibilidade de saber sua existência por meio de surdos que compartilharam suas experiências, frustrações e sofrimentos da época em que a língua de sinais foi proibida. Quando esses sujeitos tinham oportunidade, geralmente, quando os supervisores oralistas não estavam por perto, eles contavam histórias utilizando seus corpos com as expressões faciais e expressões corporais, foi nesse contexto em que se originaram as primeiras narrativas. Sobre essa perspectiva Porto (2020) reflete da seguinte maneira:

[...] se o Congresso negou aos surdos a língua de sinais como língua que é e privou muitos deles ao direito a uma língua para compartilhamento e construção de um olhar surdo sobre o mundo, não conseguiu usurpar de todos os surdos o usufruto das produções acontecidas na clandestinidade, nas instituições de ensino que estes frequentavam (p. 407).

Em outros termos, a privação ou negação da língua de sinais imposta pelo Congresso não foi o bastante para estagnar os surdos de suas produções visuais realizadas nas instituições que frequentavam, faziam sempre de modo que não fossem vistos.

Diante de uma sociedade majoritariamente ouvinte, a cultura literária dominante exerce uma influência sobre certos aspectos da cultura surda, causando uma certa dependência cultural (Carvalho, 1943) quando se fala de literatura. Isso não quer dizer que não exista literatura na cultura surda.

A literatura surda, produzida por surdos, constitui um dos oito artefatos da culturais pertencentes à comunidade surda (Strobel, 2008). Isto é, entre as especificidades que os surdos expressam seus modos e estilo de vida está a literatura surda (Martins, 2022). É por meio das

produções literárias que o povo surdo¹⁴ pode assegurar seu sentimento de pertencimento, além de preservar viva a memória coletiva ao longo das gerações. Com relação às produções literárias dos surdos, Strobel (2008) comenta o seguinte:

[...] ela [a literatura] traduz a memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos [...] A literatura surda refere-se às várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e ou vitórias das opressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos e sobre a valorização de suas identidades surdas (p. 56).

Klamt, Machado e Quadros (2014) *apud* Mourão (2016) possuem a mesma noção de que a característica definidora da literatura surda está relacionada às produções realizadas pelos próprios surdos, necessitando contato entre eles, fortalecendo desse modo a identidade da comunidade.

A cultura surda é visual, expressa por meio das mãos juntamente com as expressões não manuais (corpo e face), onde toda a narrativa se projeta no corpo do sujeito sinalizante, seja ele surdo ou ouvinte.

Sendo assim, torna-se necessária a exposição de literatura na língua desses sujeitos para que eles entendam a narrativa e assim possam fazer sua construção de acordo com o conhecimento de mundo de cada um, como também o entendimento da escrita da segunda língua, o português. Pois, conforme Nichols (2016) “a criança surda precisa ter uma própria língua, a língua de sinais, para poder se desenvolver, explorar seu imaginário e fantasia”. Além de estimular a imaginação literária, Silveira (2018) versa que a aproximação da literatura com crianças surdas motiva a compreensão, moral, entre outros aspectos relacionados à produção e consumo da literatura”.

Diante disso, a literatura sinalizada (Bartolomei, 2021) se torna imprescindível para que as crianças surdas tenham acesso à literatura infantil, clássicos, contos etc., além dos materiais criados por surdos (literatura surda) com a chance de desenvolvimento nos moldes já mencionados para desfrutarem essas obras em sua própria língua.

Sobre essa perspectiva, Sutton-Spence (2021), diante da necessidade do acesso das crianças surdas nos anos iniciais à literatura, aponta quatro critérios como modelos a serem seguido para a produção da literatura surda em Libras: 1) que seja feita por surdos; 2) que trate

¹⁴ Conforme Strobel (2008), “povo surdo são sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços” (p. 29).

da experiência de ser surdo e do conhecimento da cultura surda; 3) que tenha o objetivo de atingir um público surdo e 4) que seja apresentada em Libras. Porém, como dito pela autora, nem sempre esses elementos são utilizados como um todo nas produções referidas à literatura surda em Libras. Contudo, eles servem de guia para esse tipo de produção. Em se tratando da tradução a autora afirma o seguinte:

Nas boas traduções que seguem as normas literárias surdas, a criança surda vai ver exemplos de Libras criativa e imaginativa e pode sentir orgulho da sua língua visual, enquanto participante de sua cultura nacional. Porém, não aceitaríamos que uma criança brasileira conhecesse apenas a literatura mundial traduzida para português sem conhecer a literatura brasileira. O espaço que já foi aberto para a literatura traduzida de Português para Libras pode ser aumentado para tentarmos inserir nele a literatura original em Libras para as crianças pequenas (Sutton-Spence, 2021, p. 164).

Nesse sentido, nossa pesquisa voltada para a literatura traduzida do Português para Libras fará parte dessa expansão, abrindo espaço para que essa literatura original se amplie e as crianças surdas possam ter esse acesso, onde levantamos critérios para a tradução sinalizada relacionada a estética da Libras para a execução dessa atividade.

3.2 Estética da Libras e a tradução de livro infantil

A literatura em Libras é uma forma de arte de uma língua visual. Assim, a estética da Libras, apresenta formas diferenciadas de sinalizar, trazendo beleza e emoção à sinalização através de seus elementos que são relevantes para uma boa e bela compreensão da história que está sendo contada.

A linguagem estética em Libras prende a atenção do espectador por meio dos nuances da obra expressa. Essa apela aos sentidos e, por ser criativa, possibilita uma experiência única ao público, além de apenas comunicar uma afirmação ou informação, a história infantil torna possível a utilização desses elementos estéticos externalizados na performance do sinalizante.

Como a forma de se expressarem é incorporada visualmente, o movimento no espaço da literatura sinalizada chama atenção ao visual. Por causa disso, se diferencia dos elementos literários da literatura escrita, principalmente das línguas orais, conforme Sutton-Spence (2021),

As brincadeiras estéticas mesclam os sinais até que não existam mais “unidades”, quebram as regras fonológicas, geram morfemas esquisitos e criam novas experiências visuais e comunicativas fora dos padrões da Libras cotidiana. Os elementos na literatura sinalizada chamam atenção ao “visual” com movimento no espaço e por isso são diferentes dos elementos literários na literatura escrita,

especialmente na literatura escrita das línguas orais. (p.56).

Para a criação de algo mais visual, a estética da Libras vai além das unidades essenciais da Libras, ou seja, não se limita à descrição de unidades da língua, com descrição de fonemas e morfemas, os sinais etc.

Os elementos estéticos sugeridos pela autora são diversos. Ela apresenta alguns desses elementos no capítulo intitulado “Libras estética”, são eles: velocidade, espaço, simetria, mesma configuração de mãos: estética e metafórica, morfismo: mudando as configurações da mão, mostrar humanos por incorporação, animais, plantas e objetos por incorporação, classificadores, elementos não manuais e perspectivas múltiplas. A seguir, falaremos um pouco sobre cada um de acordo com a proposta de Sutton-Spence (2021):

Velocidade

No ritmo do dia a dia, e sem intenção de estética, a velocidade praticamente não se destaca. Porém, na literatura, este recurso pode provocar emoções no público com efeitos cinematográficos, como por exemplo, o da câmera lenta, podem ser reproduzidos e retratados a partir da sinalização, despertando ótimas experiências no público.

Sua ação torna-se mais evidente por utilizar corpo, visão e tato, provocando no espectador sentimentos diversos e proporcionando novas experiências visuais, em que a linguagem estética alterada pela velocidade chama a atenção do público para algo que o sinalizante, ao performar pela lentidão ou aceleração do ritmo e movimento destaca, na narrativa, como por exemplo: dor, medo etc.

Espaço

O uso do espaço em composições literárias pode reproduzir significados metafóricos. Por exemplo, utilizar o espaço superior para expressar momento de felicidade e, no inverso, o inferior, para expressar tristeza. Nesse sentido, o posicionamento de referentes no espaço é estrategicamente alocado ao longo da narrativa ou do poema, sendo utilizado para formular o cenário, como também as disposições emocionais e psicológicas de personagens ou do poeta.

Simetria

Este elemento componente traz ao público a percepção de organização e equilíbrio e pode ser categorizado em três tipos: geométrica, temática e temporal. A simetria geométrica pode ser vertical (em que a configuração e o movimento são espelhados em ambos os lados do artista); horizontal (mãos/braços colocados um acima do outro); frente e trás (os elementos são colocados em oposição cruzada). A simetria temática ocorre quando elementos que divergem estão presentes na narrativa, como, o bem e o mal, o rico e o pobre. Por fim, a simetria temporal, que é definida pela repetição de elementos no início e no fim do texto, gerando prazer no espectador.

Mesma configuração de mãos: estética e metafórica

As escolhas das configurações de mãos podem produzir diversos significados ao texto sinalizado, como o uso de uma mesma configuração durante toda uma narrativa, o que prende a atenção do público, pelo desafio de criar uma narrativa contextualizada usando esta técnica.

A seleção de configurações manuais pode conferir diversos significados à narrativa textual; por exemplo, a utilização consistente de uma configuração idêntica em toda a narrativa desperta interesse público. Como exemplo, se a escolha da configuração de mão for com a mão aberta, ela pode retratar uma mensagem afirmativa, em contrapartida, se a mão se configurar em forma de garra pode expressar momentos de tensão e angústia. Quando se tem o entendimento da relevância dessa técnica, a performance entrega a mensagem planejada.

Mostrar humanos por incorporação

Este recurso tem como objetivo representar o humano por incorporação, o que proporciona imagens visuais que impressionam o espectador. Nele, não se detalham características físicas e os movimentos das personagens, pois já estão contidos na performance do performer com expressões (faciais – com abertura dos olhos, boca) e movimento corporal (tronco e os ombros) exageradas e caricaturadas, métodos que devem ser utilizados no momento adequado e que divertem as crianças.

Mostrar animais, plantas e objetos por incorporação

Da mesma maneira, acontece com animais, plantas e objetos. Nesses textos, são incorporados e regularmente ganham vida, oportunizando experiências visuais que talvez não

fossem experimentadas caso o artista apenas os descrevesse na narrativa.

Classificadores e novos classificadores

Os classificadores são utilizados na sinalização dos textos literários, o que os torna mais atraentes, divertidos e visuais. Por intermédio dos classificadores conseguimos visualizar como personagens e objetos se movem e se relacionam dentro da narrativa. A linguagem literária traz liberdade aos artistas de criar classificadores diferentes do padrão, despertando o público às mais diversas experiências.

Elementos não manuais

Expressões faciais e corporais (movimento dos olhos, da boca, da cabeça, do corpo) que são fundamentais para que o público compreender claramente o que está sendo transmitido. Além disso, estes elementos são fundamentais para oferecer à obra um forte impacto visual e estético.

Perspectivas múltiplas

Como vimos acima, quando falamos de velocidade, a utilização de técnicas cinematográficas é corriqueira nas obras sinalizadas. O recurso de mostrar diversas perspectivas gera forte imagem visual no texto. Por meio deste recurso é possível obter *close-up* ou uma visão panorâmica sem que haja edição nos vídeos, por meio das escolhas do performer. Também é possível, ser observada a perspectiva dos personagens e até mesmo fragmentar suas participações no que tange a praticar e receber uma ação, como, por exemplo: digitar no celular e o celular recebendo a digitação. O uso desta técnica também desperta atenção por parte do público.

A partir dessa compreensão, a utilização desses elementos para tradução de livros infantis para Libras pode transferir vida ao material traduzido. Sobre esses efeitos Schlemper (2015) coloca que as produções em

Libras são ricas em efeitos visuais, imagens, expressões faciais, movimento corporal, ritmo, classificadores, vestimentas, em que diversos tipos de linguagens se cruzam e se imbricam para formar um todo. Tudo isso faz que a criança surda seja atraída para o texto traduzido, que sinta a beleza do texto (p. 92).

Os elementos citados acima enriquecem a tradução de livros infantis trazendo beleza e

impacto para os espectadores no que tange o cenário da história gerando emoções diferentes diante da sinalização visual.

No âmbito das produções artísticas e pesquisas sobre a literatura surda e em Libras, citamos cinco artistas/pesquisadores surdos, três homens e duas mulheres, que têm produções literárias e acadêmicas, sendo nossas referências de criação estética, performática e acadêmica. Além das referências citadas, temos o mestre surdo Cristiano Monteiro que explorou a estética da visual vernacular em sua pesquisa de mestrado intitulada *Um estudo da Visual Vernacular (VV): cultura e literatura surda em diálogo com a estética da recepção*, defendida no ano de 2023. No referido trabalho, o pesquisador aponta a relevância da VV como um modo de performance técnica de arte teatral e a relevância de sua inclusão na formação profissional de professores e tradutores/intérpretes de língua de sinais com a intensão de proporcionar aprofundamento de estudos dessa teoria. Sua criação “*Xadrez*”¹⁵, usada como modelo para descrição dos elementos da VV é uma impactante obra de arte da literatura surda brasileira.

Outra referência é a doutora surda Fernanda Machado, que em 2017 defendeu sua tese de doutorado intitulada *Antologia da poética em língua de sinais brasileira*, na qual selecionou poemas em Libras produzidos por surdos com o objetivo de viabilizar essa Antologia como instrumento de fomento na educação dos surdos brasileiros. Como poeta, também produziu poemas e narrativas em Libras. Um exemplo é o poema “*Voo Sobre o Rio*”¹⁶, texto em que explora com maestria performática elementos da estética da Libras.

Outro modelo é o poeta, ator surdo, doutor e mestre em estudos da tradução Nelson Pimenta de Castro, que defendeu em 2019 sua tese de doutorado intitulada *Prosódia em ASL e Libras: análise comparativa de aspectos visuais*, o qual tem realizado produções em língua de sinais, autor e tradutor de obras da literatura surda e de ouvintes para a Libras, constituindo-se como cânone para a comunidade surda. Uma de suas produções é o *Homem que queria ser cachorro*¹⁷, narrativa onde trabalha com os elementos estéticos da língua de sinais trazendo impacto visual através de sua performance aos telespectadores.

Na sequência, temos mais um renome, Claudio Mourão, poeta e artista surdo, doutor em Educação, defendeu sua tese no ano de 2016 intitulada *Literatura surda: experiência das mãos literárias* que investigou por meio de entrevistas como vêm sendo narradas as experiências de surdos com as mãos literárias nas representações de Literatura Surda com a finalidade de atribuir visibilidade à Literatura Surda e às experiências de surdos em mãos literárias. Uma de

¹⁵ Vídeo na íntegra em <https://www.youtube.com/watch?v=Hi30X0UkY8g>

¹⁶ Vídeo na íntegra em <https://www.youtube.com/watch?v=YaAy0cbjU8o>

¹⁷ Vídeo na íntegra em <https://www.youtube.com/watch?v=UvQnMwF6-gM>

suas poesias é “O sol nos números da vida”¹⁸ que retrata situações do cotidiano representadas por números.

Referenciamos também Carolina Hessel, doutora surda em Educação que defendeu sua tese em 2015 intitulada *Literatura surda: análise da circulação de piadas clássicas em Línguas de Sinais*, voltada para o humor surdo, onde buscou em sua pesquisa saber quais representações de surdos e características da cultura surda estão evidentes em piadas que surgem nas comunidades surdas. Além dessa pesquisa, a professora trabalha com tradução de obras infantis e realiza contação através do ‘Mãos Aventureiras’. Um dos exemplares é *O lobinho bom*¹⁹, no qual faz utilização da incorporação dos personagens junto aos elementos não manuais componentes que atrai a atenção do público-alvo.

As referências mencionadas anteriormente inspiraram os efeitos desejados para apresentar a beleza da história de forma visual, com o pensamento de provocar nos TILSPs escolhas que possa levá-los a prender a atenção do público-alvo com a utilização dos elementos estéticos da Libras. Lembrando que cada sinalizante possui seu modo de sinalizar. Estética e estilo são marcas autorais (Machado; Stumpf, 2014). Segundo as referidas autoras, “Mesmo sendo toda a sinalização uma forma de inspiração, nunca será reproduzida no mesmo estilo, pois a língua é dinâmica (Machado; Stumpf, 2014, p. 230).

Nesse sentido, o tradutor de Libras ao realizar produção literária sinalizada, necessitará ter em mente a consideração de que sua performance deve ser criativa, envolvendo os elementos estéticos para tornar possível a produção visual, mas que, de modo autoral, haverá na obra a ser traduzida e em sua performance algo não copiável. No que se refere à performance, Bartolomei (2021) expõe essa construção da seguinte maneira:

combinação de elementos corpóreos – como formato da mão e movimentação de braços –, e necessário que passemos a considerar as possibilidades infinitas de construção e criação das mais diversas produções através do uso criativo do corpo do sinalizador e seus movimentos, com expressões corporais, ritmo, intensidade, entre vários outros fatores envolvidos no ato de performar. Bartolomei (2021, p.57).

Desse modo, o tradutor de Libras ao se envolver com o universo da fantasia, além de evidenciar os componentes citados pela autora, deve desenvolver leitura e construção de sentido Sobral (2008), com reflexão sobre as formas de emitir a mensagem do texto de partida.

Como estamos tratando da tradução de literatura infantil, além da leitura para construção do sentido, as ilustrações também devem ser observadas “com intuito de agregar o completo

¹⁸ Vídeo na íntegra em <https://www.youtube.com/watch?v=2Hh9TmoXfWQ>

¹⁹ Vídeo na íntegra em <https://www.youtube.com/watch?v=HXD1YszZdp8>

sentido da obra base para a tradução. Considerando que os tradutores leram tanto o texto quanto as ilustrações do material” (Albres; Costa; Adams, 2018, p. 95).

Sobre leitura de texto e ilustração, Albres, Costa e Adams (2018) exploram a construção de significados na tradução ao descreverem e detalharem trechos da tradução quanto as escolhas feitas por alunos do Curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O interesse desse trabalho era de que os alunos envolvidos compreendessem o processo tradutório do par linguístico português/Libras quanto à contação de história para que as pessoas surdas tivessem acesso a textos relacionados a estruturação da Libras pensando também na aquisição de linguagem do público-alvo.

Sendo assim, a pesquisa salientou a tradução com a utilização do espaço-sub-rogado, mostrando que a construção de sentido ocorre tanto pelas palavras do texto escrito, quanto pelas ilustrações que acompanham a obra. Dessa forma, eles puderam comprovar que, embora a forma enunciativa do tradutor seja distinta, o processo de construção de significados é assegurado.

Diante dessas afirmativas e dos elementos apresentados sobre a estética da Libras a ser aplicada na tradução de *Maria vai com as outras* (Sylvia Orthof, 2002)²⁰, apresentaremos o percurso metodológico que seguimos para atingir o objetivo dessa pesquisa.

²⁰ Maria vai com as outras, história e ilustrações criadas por Sylvia Orthof em 2002. Na narrativa, Maria era uma ovelha que sempre fazia o que as outras faziam. Se todas iam para baixo ela ia também, se iam para cima, Maria as seguia. Ela nunca fazia o que queria, até que um dia ela tomou uma decisão: trilhar seus próprios caminhos Orthof (2002). Orthof, atriz e escritora, trabalhou na área de dramaturgia infantil como autora, diretora, pesquisadora e professora. Fundou, no Rio de Janeiro, a Casa de Ensaios Sylvia Orthof, exclusivamente dedicada a espetáculos infantis. Escreveu para a Revista Recreio. É uma das maiores escritoras do Brasil em literatura infanto-juvenil; sua obra, extensa, em torno de cem títulos, recebeu todos os grandes prêmios brasileiros.

4 O CAMINHO PERCORRIDO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Neste capítulo, iremos tratar sobre a abordagem utilizada na pesquisa, o perfil dos participantes, a coleta dos dados com descrição do ciclo de palestra e instrumentos utilizados para execução do trabalho, movimento da tradução/interpretação de uma literatura infantil com o grupo focal e o processo da produção videossinalizada e as categorias para análise dos dados.

4.1 Abordagem e Tipos de pesquisa: os percursos da pesquisa-ação e do grupo focal

Em nossa pesquisa trabalhamos com a abordagem qualitativa que, para Moreira e Caleffe (2008), possui como características o dado verbal e a coleta através de procedimentos como observação, descrição e gravação, explorando características dos sujeitos e cenários que não podem ser descritos numericamente.

Essa abordagem, também chamada de método de investigação por Bogdan e Biklen (1994), além da observação e descrição, requer que o pesquisador seja empático com os participantes e se esforce em compreender os diversos pontos de vista na busca por entender o cenário em que eles estão inseridos.

A exploração sobre o contexto da rotina dos participantes, nesse sentido, o nível de ensino no qual atuam, formação e grau de conhecimento sobre literatura infantil e estética da Libras, assim como o ponto de vista de cada profissional, nos permitiram entender seus conhecimentos e limitações relacionados às literaturas mencionadas por meio da observação entre cada etapa proposta nessa pesquisa.

Para a realização dessa investigação convidamos um grupo de TILSPs, com um quantitativo, a princípio, de oito participantes, da rede pública de Instituições de Ensino Fundamental, Médio, Técnico e Superior da cidade de Campina Grande-PB, sendo dois de cada nível de ensino, com intuito de investigar o contato deles com a literatura infantil em seu dia a dia em suas respectivas áreas.

A maior parte das demandas desses profissionais são de interpretação em sala de aula e, quando surgem demandas relacionadas a tradução geralmente são de documentos como editais ou atividades em Libras para o português, exceto para as profissionais do nível fundamental que por se tratar de uma escola bilíngue seus atendimentos são fora da sala de aula intermediando a comunicação solicitada.

Esses profissionais aceitaram fazer parte da pesquisa de forma voluntária, onde participaram de uma formação por meio do ciclo de palestras, em sequência de um grupo focal,

no qual realizaram tradução da literatura infantil escrita na língua portuguesa escolhida para a Libras.

Perante o exposto, no item seguinte, iremos versar sobre o primeiro método utilizado, a pesquisa-ação, que conforme Bogdan e Biklen (1994), está relacionada à abordagem qualitativa por se embasar nas palavras das pessoas, para compreensão de um problema social ou para persuadir outras a colaborarem contra esses efeitos.

4.1.1 A Pesquisa-ação e seu papel formativo no contexto da pesquisa

Para atender aos objetivos dessa pesquisa, definimos a Pesquisa-ação como um dos métodos para seu desenvolvimento. Desse modo, levantamos informações relevantes para reflexões e alterações necessárias quanto a estética da Libras que venham somar ao conhecimento dos TILSPs outras estratégias de sinalização em suas atuações, conforme descrito nessa literatura.

Conforme Bogdan e Biklen (1994) a pesquisa-ação ou investigação-ação “consiste na recolha de informações com objetivo de promover mudanças sociais” (p. 292). Para os autores, essas investigações tornam visíveis algumas necessidades desconhecidas e buscam por mudanças, das quais o investigador age em busca de fatos para esclarecimentos e resolução por meio do coletivo estudado.

A pesquisa-ação nos trará a possibilidade de alcançar nosso objetivo geral, que é analisar o processo de formação dos TILSPs no ciclo de palestra e sua repercussão na tradução de uma literatura infantil por meio do grupo focal, descrito na sessão seguinte.

No contexto da pesquisa-ação, utilizamos um ciclo de palestras como espaço formativo, portanto de intervenção, dividido nas seguintes categorias: estética da Libras, tradução de literatura, produção audiovisual, literatura infanto-juvenil.

A realização do ciclo de palestra se constituiu como espaço formativo dos conteúdos a serem mobilizados pelos tradutores participantes e para pôr em prática essa ação utilizamos como instrumentos a observação, descrição dos acontecimentos no caderno de campo, assim como gravação das palestras.

A observação nos permitiu visualizar como se processa a tradução para Libras da obra escolhida pelos participantes em conformidade, pois conforme Gil (2008) esse instrumento serve para “adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano”.

Nesse sentido, observamos o conhecimento prévio sobre a literatura infantil e estética

em Libras dos participantes, o que nos possibilitou a obtenção dessas informações em tempo real conforme Richardson (2010).

Aliado a esse instrumento, pudemos descrever de forma detalhada em notas, em conformidade Bogdan e Biklen (1994), esse tipo de registro se torna necessário para recolha dos dados. Por isso, observamos as atitudes, diálogos, comportamentos dos participantes além de registrar as impressões e reflexões da pesquisadora.

O registro desses elementos trouxe relevância à nossa coleta de dados, de acordo com Triviños (2008, p. 155) “os comportamentos, as ações, as atitudes, as palavras, etc. envolvem significados... próprios do sujeito e do ambiente sociocultural e econômico ao qual pertence”.

Além das notas, realizamos gravação em vídeo, por nos permitir capturar/registrar as interações em cada etapa programada nessa investigação. Segundo Garcez, Duarte e Eisenberg (2011, p. 253) diante de uma de suas pesquisas, certos aspectos somente podem ser registrados e analisados mediante o uso da gravação em vídeo.

Através desse registro, pudemos captar também as manifestações viso-espaciais-gestuais, com vistas a obter toda a subjetividade de cada momento, possibilitando maior fidelidade a análise dos dados no que tange ao processo da tradução.

Estes instrumentos, para Moreira e Caleffe (2008), compreendem passos relevantes, pois essas formas de registro nos permitem revisitar informações que possam passar despercebida e fixá-la para construção da análise.

Na próxima subseção apresentamos mais um método que utilizamos para coleta de dados, o Grupo Focal – GF, que foi formado para funcionar como espaço para a construção da tradução da literatura palestras, onde levantamos informações dos participantes por meio de interação mediada pela pesquisadora.

4.1.2 O Grupo Focal e seu papel informativo no contexto da pesquisa

O papel metodológico do Grupo Focal, conforme Trad (2009) é de “reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados, nos ajudando a atingir os objetivos específicos.

Conforme a autora, essa metodologia traz auxílio à compreensão diante do comportamento sobre um tema, opiniões, convicção, produtos ou serviços durante a interação para o processo de coleta de informações.

Em consequência disso, foi formado um grupo focal com os participantes da pesquisa para discutirem sobre as palestras de formação, os novos conhecimentos e realizarem a tradução do livro infantil *Maria vai com as outras* escolhido na palestra que versou sobre contação de história.

O grupo focal foi reunido em três momentos distintos, cada um com duração de duas horas, desde o final de julho até o início de agosto, sendo assim o quadro abaixo descreve essa etapa com a presença dos participantes, as datas, horário e local dos encontros.

Quadro 1 - Descrição do Grupo Focal.

PARTICIPANTES	LOCAL	DATA	HORA
Artur e Ana	Laboratório de multimídia LabLibras	25 de julho de 2024	8h às 10h
Artur e Ana	Sala da Unidade Acadêmica de Letras – UAL/CH	27 de julho de 2024	8h às 10h
Artur e Laura	Sala da Unidade Acadêmica de Letras – UAL/CH	01 de agosto de 2024	8h às 10h

Fonte: Elaborada pela autora.

Por meio dessa interação pudemos observar a repercussão quanto ao ciclo de formação, o que foi absorvido de cada aula e o que mudou em suas práticas na busca por responder nossas questões que circundam sobre a competência técnica que eles utilizavam na atuação de tradução de literatura antes do ciclo de palestras, como essa formação pode contribuir com a realização da uma tradução de literatura infantil dessa pesquisa e com relação as futuras atuações e perspectiva quanto a estética da Libras.

Diante disso, elaboramos uma ficha de avaliação organizada em forma de quadro que continha os elementos estéticos da Libras com intensão de que os próprios participantes analisassem suas performances sinalizadas diante dos componentes dessa teoria. No momento da explicação sobre o preenchimento das fichas, foi informado que além de suas análises consideramos necessária a colaboração de especialistas externos na apreciação da sinalizações da tradução do livro infantil.

Para nos auxiliar nessa análise externa, tivemos a colaboração de uma professora surda da área de literatura no curso Letras Libras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), linha de pesquisa: linguística aplicada e literatura surda, e um profissional tradutor intérprete de Libras ouvinte, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão – PGLetras – UFMA, linha de

pesquisa: descrição e análise do português brasileiro e de outras línguas naturais, que participa do projeto Arte de Sinalizar²¹ em cooperação técnica como TILSP.

Os dois profissionais foram escolhidos pela vasta experiência com a literatura em Libras, ponto positivo para essa etapa de nossa pesquisa, por contar com suas perspectivas e propriedade diante do conteúdo explorado.

Importante ressaltar a relevância da presença de Surdos em nossa pesquisa, tanto nos momentos das palestras quanto nos momentos de apreciação (análise e banca), pois por serem visuais possuem propriedade para apresentar detalhes de forma minuciosa de sua própria língua.

A ficha serviu como norteador para observação das escolhas de sinais e elementos estéticos, e se estas atenderam completamente, parcialmente ou não atenderam a necessidade performática da estética da Libras. O quadro 2 abaixo apresenta essa ficha de avaliação.

Quadro 2 - Avaliações – AVALIADOR

PERFORMANCE DIANTE DA ESTÉTICA DA LIBRAS – AVALIADO			
Aspectos das traduções sinalizadas	Atende	Atende parcialmente	Não atende
Velocidade			
Espaço e Simetria			
Mesma Configuração de mãos: estética metafórica			
Morfismo			
Incorporação de animais			
Classificadores			
Elementos não manuais			
Perspectivas múltiplas			

Fonte: Elaborada pela autora

Na sequência, apresentamos os instrumentos que foram utilizados para que os dados da pesquisa fossem coletados e agregados a nossa análise por meio dos registro escolhidos nessa metodologia.

²¹ Disponível em <https://www.ufrgs.br/artedesinalizar/>

4.2 Instrumentos de coleta e registro dos dados

Esta subseção tem por função apresentar os dados e o modo de registro a partir dos instrumentos de coleta de dados utilizados por meio de observação, descrição e gravação em vídeo. Esses instrumentos nos permitiram registrar, refletir quanto as escolhas realizadas no momento da tradução da literatura infantil após o ciclo formação que obtiveram e revisitar tais informações para construção da análise apresentada na próxima seção.

4.2.1 Questionário: entrevista

Iniciamos nossa pesquisa por meio de um questionário com os participantes a partir de um formulário criado no *Google Forms*. Segundo Gil (2008) esse instrumento possui uma técnica de investigação contendo questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças sentimentos, valores, interesses, expectativas etc. Por esse motivo, escolhemos esse recurso para começar nossa pesquisa com a finalidade de adquirir mais informações sobre os participantes.

O questionário continha onze perguntas, dentre elas, perguntas para construção do perfil profissional, versando sobre formação, local de atuação e tempo de experiência em tradução/interpretação, assim como identificação dos conhecimentos sobre literatura infantil e estética da Libras como objeto de tradução.

As perguntas seguiram na direção de inquirir sobre seus saberes quanto à Estética da Libras, tradução/interpretação literária, produção audiovisual e literatura infanto-juvenil.

Para melhor distribuição das perguntas do questionário nas categorias de formação, atuação e tempo de serviço na área, nós as distribuímos em quadros com as respostas dos participantes, seguindo a ordem do formulário, os nomes dos participantes são fictícios e foram escolhidos pela pesquisadora de forma aleatória. O Quadro 3 abaixo refere-se aos três primeiros pontos do questionário, nos apresentando a faixa etária, sexo e o local de trabalho dos participantes.

Quadro 3 - Descrição dos tradutores participantes da pesquisa.

Nome	Idade	Sexo	Vínculo Empregatício	Instituição
Ana	43	Feminino	Funcionária Efetiva	IFPB
Bia	47	Feminino	Funcionária Efetiva	IFPB
Luana	28	Feminino	Terceirizada	ECIAC

Laura	31	Feminino	Funcionária Efetiva	UFCG
Neide	43	Feminino	Funcionária Efetiva	UFCG
Luna	56	Feminino	Terceirizada	UEPB
Artur	46	Masculino	Terceirizado	UEPB

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2023).

Como podemos observar no quadro acima, a faixa etária dos participantes está entre 28 e 56 anos de idade, sua maioria do sexo feminino, onde quatro dos sete profissionais são efetivos em Instituições Federais.

O próximo quadro nos indica a formação, área de atuação e tempo de experiência como TILSP, para entendermos o caminho acadêmico desses trabalhadores, em que área atuam e o período de experiência.

Quadro 4 - Tradutores participantes: formação, atuação e experiência

Nome	Formação	Área de atuação	Tempo de experiência como TILSP
Ana	Pós-Graduação	Educação	21 anos
Bia	Pós-Graduação	Educação	18 anos
Luana	Superior	Educação	10 anos
Laura	Pós-Graduação	Educação	09 anos
Neide	Pós-Graduação	Educação	08 anos
Luna	Pós-Graduação	Educação	Mais de 10 anos
Artur	Pós-Graduação	Educação	14 anos

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2023).

Sobre a formação, atuação e experiência como profissional, vemos que todos possuem nível superior, onde seis dos sete respondentes possuem pós-graduação. Com respeito a atuação, ao relacionarmos essas informações às do **Quadro 4** o que difere nessa área é o nível para o qual prestam seus serviços, com isso, temos uma participante no ensino fundamental e médio – ECIAC, duas atuantes do ensino médio, técnico e superior – IFPB e quatro no ensino superior – UFCG e UEPB, havendo também diferença em tempo de experiência como profissionais, com o mínimo de oito anos de carreira e máximo acima de vinte anos.

As perguntas seguintes continham assuntos relacionados à nossa pesquisa, uma quanto aos saberes dos participantes sobre literatura infantil e outra sobre Estética da Libras, na busca por levantar informações do antes e depois do ciclo de formação e assim produzir descrição desses dois momentos.

As respostas nos relataram que um dos sete participantes possui experiência com tradução de literatura infantil e que duas dos sete realizou trabalho com a Estética da Libras, entre essas duas, uma (Luna) adquiriu conhecimento sobre o assunto por meio de um conteúdo abordado na disciplina de literatura do curso Letras/Libras – UFCG.

As duas últimas perguntas do questionário, elencadas no Quadro 5, estão relacionadas ao conhecimento audiovisual e sobre as expectativas dos TILSPs sobre a nossa pesquisa.

Quadro 5 - Tradutores participantes: Planejamento Audiovisual e expectativa relacionada à pesquisa

Nome	Você possui algum conhecimento sobre produção audiovisual?	Qual a sua expectativa, como convidado, dessa pesquisa?
Ana	Sim	Contribuir para que esse trabalho se realize, além disso aprofundar meus conhecimentos na área e adquirir um olhar diferenciado sobre as diversas questões que envolve a Língua de sinais e principalmente a Literatura.
Bia	Não	Ter mais conhecimento sobre a literatura infantil
Luana	Não	Ótima!
Laura	Não	Boa
Neide	Não	Ampliar de conhecimento para aplicar na minha atuação e colaborar com a pesquisa
Luna	Sim - um pouco	Que a pesquisa possa trazer novas possibilidades de se trabalhar literatura não só a literatura de ouvintes, mas a literatura do surdo com as crianças, tanto surdas quanto ouvintes
Artur	Sim	Espero contribuir com a pesquisa em questão e que seja um tema constante em formações.

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2023).

Sobre o quesito produção audiovisual, três dos sete (Ana, Luna e Artur), possuem conhecimento relacionado ao assunto. Quanto às expectativas relacionadas à pesquisa os sete responderam de forma positiva, onde estão empenhados em contribuir com nosso trabalho e desejosos de acrescentar conhecimento a seus saberes.

A utilização desse instrumento nos permitiu conhecer um pouco sobre os participantes, onde levantamos informações relevantes para o desenvolvimento de nossa pesquisa, o qual pudemos de forma breve observar o conhecimento prévio dos participantes com respeito aos pontos principais desse trabalho, a literatura infantil e estética da Libras.

Após essa coleta de dados e antes das demais etapas previstas, tivemos um encontro no

dia 27 de maio de 2023, às 9h, pelo *Google Meet*, onde a pesquisadora explicou aos participantes que estes realizariam uma tradução e produção videossinalizada de uma literatura infantil.

Também foi comunicado que para execução dessa proposta, eles passariam por um Ciclo de Palestras e que essas seriam gravadas para coleta de dados, a primeira palestra ocorreria na semana seguinte, dia 29 de maio de 2023, às 14h, e que através desse ciclo seria necessário que eles refletissem sobre suas atuações diante dos assuntos abordados.

A coleta de dados ocorreu no ano de 2023 de maio a agosto de 2024 e se deu por meio de quatro etapas:

- 1) ETAPA 1 - Preenchimento do questionário (entrevista), ocorrido após convite e aceitação dos profissionais para participação da pesquisa;
- 2) ETAPA 2 – Ciclo de Palestras, onde tivemos a participação de professoras da área de literatura, técnicos em cinematografia, uma especialista em tradução e interpretação e uma mestrande surda que estuda tradução literária língua portuguesa/Libras;
- 3) ETAPA 3 - Grupo focal (GF) para realização da tradução do livro infantil.
- 4) ETAPA 4 – Entrevista individual e coletiva sobre o processo de tradução seguido de avaliação entre o grupo e avaliação externa sobre os elementos utilizados pelos TILSPs.

Cada etapa nos encaminhou para o levantamento dos dados desejados. As subseções seguintes descrevem o modo como ocorreram cada etapa partindo da segunda, visto que é a primeira, questionário, já foi apresentada.

4.3 Ciclo de palestras

O Ciclo de palestras correspondeu à segunda etapa de nossa pesquisa, no qual abordamos os assuntos contidos na proposta dessa pesquisa sobre estética da Libras, tradução de literatura, produção audiovisual, literatura infanto-juvenil.

A ação do ciclo nos conectou ao objetivo proposto em nossa pesquisa que deteve a finalidade de analisar o processo de formação dos TILSPs no ciclo de palestra e sua repercussão na tradução de livro infantil.

As palestras aconteceram no formato híbrido, possibilitando que os participantes que trabalhavam integralmente não perdessem os conteúdos abordados, pois estes não tinham liberação para participar presencialmente. Realizamos também a gravação das palestras como instrumento de registro dos dados.

Para execução das palestras, dividimos essa etapa em seis momentos, agendados uma vez por semana, com duração de duas horas cada, para que o grupo convidado entendesse as possibilidades de tradução diante de cada assunto abordado nessa formação, o quadro abaixo apresenta os temas das palestras, as especialidades dos palestrantes assim como data e horário das palestras.

Quadro 6 - Descrição do Ciclo de Palestras.

CICLO DE PALESTRA	PALESTRANTE	DATA	HORA
Reunião explicativa	Uma das pesquisadoras	27 de maio de 2023	9h às 10h
Estética da Libras	Professora de Literatura – Libras - UFCG	29 de maio de 2023	14h às 16h
Planejamento Audiovisual	Técnico Cinematográfico - UFCG	19 de junho de 2023	14h às 16h
Roteiro de Gravação	Técnico Cinematográfico - UFCG	06 de junho de 2023	14h30 às 16h30
Perspectiva de tradução de livro infantil para Língua de Sinais	Mestranda Surda do PPGLE	13 de julho de 2023	14h às 16h
Livro infantil	Professora doutoranda do PPGLE	20 de junho de 2024 27 de junho de 2024	9h às 11h 9h30 às 11h
Produções surdas	Pesquisadora	04 de julho de 2024 11 de julho de 2024	8h às 10h 8h às 10h

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2023 e 2024).

Tivemos como palestrantes os seguintes profissionais: Professoras de Literatura em Libras e Literatura Brasileira; Técnicos Cinematográficos, Mestranda PPGLE - Especialista em Tradução/Interpretação de Libras e Mestranda Surda PPGLE -Perspectiva Sobre Tradução de Livro Infantil. Esses abordaram os assuntos relacionados à tradução sinalizada que os TILSPs realizariam.

O Quadro 7 a seguir nos apresenta os palestrantes e os conteúdos que abordaram diante do tema proposto para cada um.

Quadro 7 - Palestrantes e suas palestras

TÍTULO DA PALESTRA	NOME DO PALESTRANTE	ASSUNTO DA PALESTRA
--------------------	---------------------	---------------------

Estética da Libras	Prof. ^a Ma. Joyce Gomes de Alencar	Estética literária em Libras e a estrutura de um poema em língua de sinais e português
Produção Audiovisual	Me. em Computação, Comunicação e Artes, Reinaldo Toscano	Pré-produção Audiovisual
Produção Audiovisual	Bernardo Hennys graduação em Arte & Mídia, técnico em cinematografia	Roteiro para gravação
Perspectiva de Tradução de literatura Infantil	Mestranda surda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino – PPGLE/UFCG - Morgana Katarine Benevides Neves	Análise estética da tradução para a literatura em língua de sinais do livro infantil “Guilherme Augusto Araújo Fernandes”.
Livro infantil	Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves e Doutoranda Marcela de Araújo Lira	Prática leitora com apresentação de histórias infantis através de contação
Tradução de Libras/Português	Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino – PPGLE/UFCG - Jailma da Costa Silva Dantas	Produções surdas

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2023).

Todos os palestrantes contribuíram com nossa pesquisa em suas respectivas áreas de atuação, onde cinco são funcionários efetivos da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, na **Unidade Acadêmica de Letras – UAL/CH** e uma discente do PPGLE. Seguimos a sequência descrita com intenção de alinhar cada assunto ao conteúdo principal, Estética da Libras para a produção da tradução em Libras de um livro infantil, realizado por meio de videossinalização.

Sendo assim, apresentamos a estética da Libras e os elementos que a compõe com a colaboração da Prof.^a Ma. Joyce Gomes de Alencar, que faz parte do corpo docente do curso Letras/Libras, a qual abordou o assunto por meio de poema.

Tradução/Interpretação do português para Libras, através da Tradutora Intérprete de Libras da instituição e Mestranda do PPGLE/UFCG Jailma da Costa Silva Dantas, a qual buscou alinhar a estética da Libras duas traduções de música publicadas no *YouTube*, uma direcionada ao público infantil e outra para adultos.

Produção Audiovisual com o Me. em Computação, Comunicação e Artes, Reinaldo Toscano, coordenador do Laboratório multidisciplinar de Libras - LabLibras, trabalhou a Pré-produção Audiovisual como temática para saber se os participantes tinham o conhecimento desse planejamento antes da videossinalização.

Produção Audiovisual com Bernardo Hennys, graduação em Arte & Mídia, técnico em cinematografia do LabLibras, que abordou mais um conteúdo relacionado ao planejamento audiovisual que foi o Roteiro para gravação, o qual explicou cada elemento desse tema que

antecede a gravação.

Perspectiva de Tradução de literatura Infantil com Mestranda surda do PPGLE/UFCG Morgana Katarine Benevides Neves, formada em Licenciatura Letras/Libras – UFCG, que apresentou seu TCC intitulado *Análise estética da tradução para a literatura em língua de sinais do livro infantil*, a qual destacou como realizou seu trabalho e os elementos estéticos que utilizou em sua pesquisa.

Livro infantil, com a doutoranda Marcela de Araújo Lira e participação do prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves, que faz parte do corpo docente do curso de Letras na área de literatura, que realizaram prática leitora de literatura infantil.

Assim, tivemos a seguinte sequência de palestras e seus objetivos formativos:

Primeira palestra - Estética da Libras

Apresentar a Estética da Libras e seus elementos, assim como a diferença entre a utilização ou não desse recurso por meio de produções sinalizadas, para motivá-los quanto a utilização do conteúdo.

Segunda palestra - Planejamento audiovisual

Possibilitar a compreensão das etapas que precedem a produção audiovisual, uma vez equipados dessa sequência alcançassem esses estágios por meio gravação os resultados esperados.

Terceira palestra - Roteiro de gravação

Possibilitar a compreensão dos passos necessários para que o roteiro fosse desenvolvido, sua organização como também a execução e assim pudessem ter consciência das etapas necessárias para a produção audiovisual.

Quarta palestra - Perspectiva de Tradução de literatura Infantil

Apresentar a experiência da mestranda surda com a tradução de um livro infantil para que os tradutores pudessem entender o processo de tradução, dificuldade e desafios diante da teoria escolhida.

Quinta Palestra - Livro infantil

Possibilitar aos participantes conhecerem um pouco mais sobre esse tipo de literatura como tivessem mais contato através da contação de história, com intensão de que refletissem sobre a estética da Libras no momento das contações.

Sexta palestra - Tradução/interpretação de Libras/português

Relembrar o conceito de tradução, uma vez que parte dos participantes praticam mais o serviço de interpretação com mais frequência em sala de aula e eventos, quando confrontados com uma solicitação de tradução realizavam o serviço com assuntos que divergem da literatura, como também recapitular a teoria da estética da Libras, da qual o grupo irá utilizar para fazer a tradução da literatura infantil.

As palestras de formação ocorreram no LabLibras com datas e horário agendados conforme mencionado no Quadro 7, com os participantes nos formatos presencial e virtual, assim apresentamos o laboratório de multimídia onde as aulas foram realizadas na figura 04 abaixo.

Figura 4 - Laboratório de multimídia LabLibras



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2023)

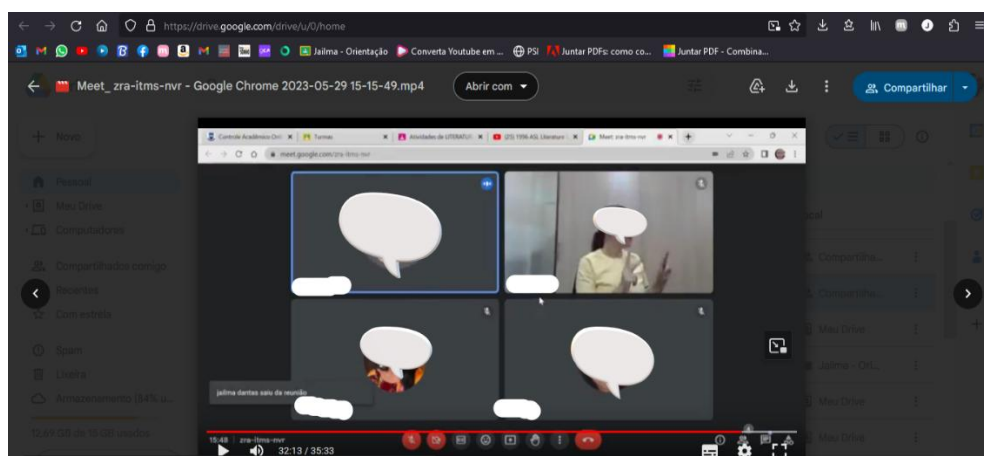
Para melhor compreensão do local, além da imagem do laboratório apresentada acima, descrevemos a estrutura do ambiente de forma detalhada, onde os materiais e equipamentos existentes nesse espaço estão destacados por cores para melhor descrição apresentados no Quadro 8.

Quadro 8 - Descrição da sala de multimídia.

1	Sala de multimídia	Lugar em que as aulas são ministradas, com equipados equipamentos relacionados a proposta do ambiente tais como: computador, TV, videoconferência etc.
2	Pesquisadora	Responsável quanto à utilização da sala
3	Professores palestrantes	Local de onde ministraram suas aulas
4	TILSP Participantes	Cadeiras reservadas para os participantes
5	Videoconferência-TV	Videoconferência por meio da TV, com transmissão por meio de notebook e computador
6	Vídeochamadas	Por meio da plataforma <i>Google Meet</i>
7 e 8	Materiais utilizados para as vídeochamadas	Notebook da pesquisadora, TV computador e webcam do LabLibras

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2023).

Conforme descrição, esses foram os materiais e equipamentos utilizados para concretização das palestras. Dessa forma, os participantes da pesquisa tiveram um total de 12 horas/aula no laboratório. Por meio dessa descrição, colocamos figuras para destacar o cenário de cada palestra, sendo assim, a Figura 04 nos apresenta a primeira palestra.

Figura 5 - Primeira palestra de formação

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2023)

A figura acima representa a primeira palestra, que como mencionado anteriormente, foi realizada pela prof.^a Joyce Alencar e teve o seguinte título “Estética literária em Libras e a estrutura de um poema em língua de sinais e português”.

Nesse momento, tivemos a presença de três dos sete tradutores participantes da

pesquisa, duas tradutoras estavam no formato presencial e uma no remoto. Devido à gravação da palestra ter sido apenas por *google meet* ficamos sem o destaque visual das participantes que estavam na sala de multimídia conosco.

Para evitar que se tornem confusas as informações da presença dos participantes, organizamos quadros apontando o comparecimento de quem esteve e em que formato essa presença se deu em cada palestra da formação, se no formato remoto ou se na instituição. Assim sendo, o quadro 9 a seguir exhibe os presentes no primeiro encontro.

Quadro 9 - Participação das palestras.

PRESENCIAL	REMOTO	INSTITUIÇÃO
Ana	-----	IFPB
-----	Luana	ECIAC
Neide	-----	UFCG

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2023).

A professora iniciou a palestra citando Fernando Alvarado, destacando o seguinte “a literatura é simultaneamente linguagem e estética” e que a estética é fundamental para a literatura, que é aprazível, bela, agradável e divertida de acordo com Sutton-Spence (2021, p. 25).

Na perspectiva de que por meio da visão e do tato se possibilita a experiência corporal dos surdos, a professora apresentou as áreas em que a estética em Libras permeia, são elas: Slam, Vernáculo Visual (VV), Teatro, Narrativa, Poesia e Piada.

Destacou, ainda, que a produção visual de cada uma dessas áreas é indispensável à utilização dos elementos da estética em Libras como: velocidade; espaço e simetria; mesmas configurações de mãos: estética e metafórica; morfismo: mudando as configurações da mão; mostrar humanos (por incorporação); mostrar animais, plantas e objetos inanimados; classificadores (e novos classificadores); elementos não manuais; perspectivas múltiplas.

Para finalizar essa primeira parte da palestra, a professora Joyce apresentou alguns vídeos sinalizados como exemplo dos elementos da estética em Libras. Por meio de sete links que serão apresentados no quadro a seguir.

Quadro 10 - Links de acesso.

OBRA	LINK DE ACESSO
Poema Dois caminhos. Autor: Renato Mendonça. Canal: @Vem Sinalizar-Libras, 2021.	 https://www.youtube.com/watch?v=uI8K54J-L0M
BSL poem "The Race". Autor: Richard Carter. Canal: @signmetaphor, 2010.	 https://www.youtube.com/watch?v=Zargb1vfhFI
Haiku poem more abstract meaning. Autor: Renato Nunes. Canal: @rachelsutton-spence4655, 2014.	 https://www.youtube.com/watch?v=LEDC479z_vo
Poesia dia dos namorar em Libras com classificadores. Autor: Ricardo Boaretto, Canal: @ricardoboaretto102, 2019.	 https://www.youtube.com/watch?v=yuOnzVOgfhc
Pedal da Lua Cheia Autor: Pedro Henrique Queiroz. Canal: @librasmais, 2022.	 https://www.youtube.com/watch?v=VoMql-1r2bc&t=4s
A vaca de salto alto. Autor: Marina Teles. Vimeo, 2019.	 https://vimeo.com/356033857

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2023).

A professora apresentou e discutiu com o grupo de TILSPs a estética literária presente nas obras. Na sequência falou da estrutura do poema em Língua de Sinais e português mostrando suas diferenças.

Ao finalizar a palestra, a professora realizou uma atividade prática através dos poemas “A onda” de Manuel Bandeira (1963) e “Casas” de Débora Moreno, juntamente as Configurações que Mãos que seriam utilizadas. Uma das participantes aceitou o desafio e tentou

fazer a primeira e a palestrante foi acrescentando algumas ideias, já o segundo poema a própria professora executou.

Segunda Palestra

Seguindo a sequência, a segunda palestra, com o Me. em Computação, Comunicação e Artes, Reinaldo Toscano, sobre Produção Audiovisual que iniciou a palestra perguntando se os participantes já haviam trabalhado com esse tipo de produção.

Nessa aula, contamos com a presença de quatro dos sete integrantes da pesquisa, uma no formato presencial e três à distância e para melhor entendimento dessa dinâmica organizamos um quadro destacando quem estava no formato presencial e no formato remoto.

Quadro 11 - Participação das palestras.

PRESENCIAL	REMOTO	INSTITUIÇÃO
-----	Bia	IFPB
-----	Ana	IFPB
-----	Luana	ECIAC
Neide	-----	UFCG

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Perante a pergunta do palestrante, Luana disse que com eleição e Ana em um projeto de extensão da UFCG com materiais didáticos para Libras e editais no IFPB, até esse momento Neide não estava presente.

Após obter as respostas, o palestrante versou sobre a Pré-Produção Audiovisual, ou seja, aos pontos que devem ser trabalhados antes da produção audiovisual, onde apresentou por meio de slides as etapas e conceitos existentes para que a produção audiovisual se efetive.

Os pontos mencionados são componentes necessários para que a pré-produção audiovisual seja realizada, esses constituintes partem da ideia que desencadeia o planejamento de conteúdo, estuda a logística e por fim, organiza a equipe e os recursos assim o palestrante apresentou através de uma estrutura os conceitos de modo que ficasse claro o entendimento de todos, a representação do esboço feito pelo palestrante segue no quadro abaixo.

Quadro 12 - Conceito dos elementos da pré-produção audiovisual.

Ideia Base criativa da qual todo o desenvolvimento e produção audiovisual são confeccionados.	PRÉ-PRODUÇÃO AUDIOVISUAL	Logística Planejamento dos aspectos práticos e operacionais envolvidos no projeto. Coordena recursos, pessoas, locações, equipamentos, cronogramas etc.
Planejamento de Conteúdo Define de forma estratégica o que será produzido, para quem, como e quando será distribuído. Corrobora com a criação de conteúdo relevante ordenado aos objetivos do projeto audiovisual.		Equipe e Recursos As funções dos envolvidos na produção audiovisual e equipamentos que serão utilizados.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Conforme a estrutura apresentada na aula, a pré-produção audiovisual quando alinhada à nossa pesquisa e elencadas com cada elemento destacado na figura de forma análoga, funciona da seguinte forma:

Ideia criativa das pesquisadoras com a tradução videossinalizada de uma literatura infantil, com o objetivo de analisar o processo de formação dos participantes no ciclo de palestra e sua repercussão na tradução.

Planejamento do conteúdo a ser produzido por meio do ciclo de palestras com a finalidade de provocar os participantes diante das teorias apresentadas e assim desenvolver com eles um estudo em grupo sobre livro infantil escolhido e produção vídeossinalizada.

Logística, que é a parte prática através do Grupo Focal, onde analisamos os elementos estéticos para construção da tradução sinalizada nivelada a formação no ciclo, como também na escolha de qual dos integrantes iria expor sua imagem na tradução em Libras.

Quanto à equipe e os recursos todos os TILSPs participaram do processo de tradução para efetivação da produção audiovisual com a escolha dos equipamentos que seriam utilizados como a iluminação, posicionamento da câmera e o profissional que seria gravado.

Ao finalizar sua fala o palestrante comentou que poderíamos utilizar algumas das etapas exibidas na aula dividindo entre o grupo cada responsabilidade para a efetivação produção audiovisual da tradução vídeossinalizada.

Terceira Palestra

A terceira palestra, ministrada pelo Técnico Cinematográfico Bernardo Hennys abordou a importância do Roteiro de gravação. Antes de iniciar sua palestra lembrou alguns aspectos expostos na palestra anterior, pré-produção audiovisual, para dar início ao assunto proposto, na palestra estiveram presentes quatro dos sete participantes que estão descritos no quadro abaixo.

Quadro 13 - Participação das palestras.

PRESENCIAL	REMOTO	INSTITUIÇÃO
-----	Artur	UEPB
-----	Ana	IFPB
-----	Luana	ECIAC
Neide	-----	UFCG

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2023).

O palestrante deu início perguntando se os participantes haviam tido experiência com produção audiovisual, Artur disse que apenas com transmissão em palestras e seminários pelo YouTube, mas que gravação não.

Após a fala dos participantes, o palestrante apontou os passos necessários para que o roteiro seja desenvolvido, esse depende da ideia e do desenvolvimento do projeto para que possa ser organizado e executado, ao finalizar os pontos levantados no roteiro, esses não possuem mais valor. Dito isso, explicou as etapas para execução do roteiro que segue no quadro abaixo.

Quadro 14 - Etapas do roteiro apresentadas pelo palestrante.

1ª ETAPA	2ª ETAPA	3ª ETAPA	4ª ETAPA	5ª ETAPA
Ideia	Story-line	Argumento	Estrutura	1º Tratamento
Um roteiro começa sempre por uma ideia, ou um fato que gera o desejo de desenvolvermos uma história.	História contada em rápidas pinceladas numa frase. Ex: uma criança entrega um presente aos pais no dia de Natal após longa	Justificativa. Nesta altura a história começa a ganhar personagens, ação localizando-se no tempo e espaço. Ex: a história começa aqui, passa por lá e termina	Divide o argumento em cenas que determinam a localização no tempo e no espaço e a ação correspondente de cada cena.	Aqui surgem os diálogos, as falas, o início e o final das cenas, bem como o seu desenvolvimento. Os personagens são tratados e trabalhados como

	espera.	acolá.		se tivesse vida própria, emoções e conflitos
--	---------	--------	--	--

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Sendo assim, o roteiro parte da ideia, com destino a produção audiovisual e que a organização dele permite uma pré-visualização de como a gravação será realizada, pois essas etapas estão relacionadas ao processo que antecede essa produção.

No dia marcado, iremos reunir o grupo para discussão de como a tradução para Libras será realizada, esse método é conhecido como Grupos Focais (GF) que conforme Trad (2009), seu principal objetivo é colher especificidade de dados de um determinado tema por meio de grupo de participantes.

Quarta Palestra

Seguindo a ordem do ciclo, a quarta palestra foi realizada pela mestrande surda Morgana Benevides que falou do seu TCC trazendo um panorama da perspectiva de tradução de literatura infantil, dessa palestra participaram quatro dos sete profissionais. O quadro 15 abaixo detalha os presentes assim como o formato de participação.

Quadro 15 - Participação das palestras.

PRESENCIAL	REMOTO	INSTITUIÇÃO
-----	Bia	IFPB
-----	Ana	IFPB
-----	Luana	ECIAC
-----	Laura	UFCG

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A palestrante compartilhou a motivação para construção do seu TCC focada na tradução de literatura infantil. Comentou que fez parte de um projeto de extensão – PROBEX na UFCG no ano de 2018 durante a licenciatura em Letras/Libras sob a supervisão da prof.^a Dra. Shirley Barbosa das Neves Porto e a prof.^a Dra. Márcia Tavares Silva. Essa ação extensionista estava focada no estudo de tradução do texto em português para Libras.

Explicou que o objetivo era realizar a tradução de uma literatura infantil para Libras e com isso produzir uma contação de história e apresentá-la na ECIAC, assim escolheu Guilherme Augusto Araújo Fernandes (Fox, 1995).

Depois, estudou o livro para poder realizar a tradução. Ao finalizar esse processo, compartilhou com o grupo da extensão, porém sentiu que faltava algo pelo fato de não ser profissional na área de tradução e que seu desejo era de deixar a contação de acordo com os elementos da literatura em Libras.

Percebeu que não se tratava de uma tradução qualquer, então estudou o livro com o intuito de adaptá-lo para Libras, conforme a literatura em Libras (Sutton-Spence, 2021), então decidiu fazer análise de uma sinalização existente da mesma obra em seu TCC.

Explicou que durante a análise percebeu que a tradução estava ligada ao português e que por isso, se apropriou dos elementos estéticos da Libras e elaborou a tradução conforme a teoria.

Compartilhou que utilizou quatro das nove categorias existentes nos elementos estéticos, simetria, incorporação por humano, neologismo e repetição, para a tradução alinhando a contação de história a esses componentes para que os alunos surdos tivessem experiência visual e provocar suas emoções, para que eles pudessem sentir a história.

Comentou ainda que na tradução existente dessa obra tem muita datilologia, a cultura surda não é levada em consideração. Após finalização de sua fala Morgana compartilhou a tradução vídeossinalizada da contação de história que escolheu com o link exposto no quadro 16 a seguir.

Quadro 16 - Link da tradução de contação de história.

OBRA	LINK DE ACESSO
Guilherme Augusto Araújo Fernandes (Fox, 1995)	 https://www.youtube.com/watch?v=XeJWj6pIMxI

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

As participantes presentes ficaram motivadas com o trabalho realizado pela mestrandia e comentaram da necessidade de agregar esse conhecimento às suas práticas e provocar impacto nas sinalizações despertarem emoções no público surdo.

Morgana finalizou dizendo que essa teoria foi bem desafiadora, por possuir muitos detalhes e que no curso de extensão não entendia muito sobre o assunto, mas que ao se aprofundar nos estudos sobre a estética da Libras obteve mudança de percepção na área.

Quinta Palestra parte 1

A quinta palestra foi ministrada pela Doutoranda Marcela de Araújo Lira com a participação Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves. A professora Marcela começou com um diálogo para conhecer os TILSPs, perguntando sobre a área de atuação deles, há quanto tempo e como começaram a trabalhar como intérpretes. Logo após, se apresentou e falou um pouco sobre sua pesquisa no doutorado, que está em fase de conclusão, voltada para as relações entre palavras e imagens dos livros ilustrados, pensando na proposta de mediação para sala de aula, trabalhando especificamente com a autora chamada Ângela Lago que é escritora e ilustradora, sendo orientada pelo prof. Dr. Helder.

Na sequência o professor fez uma breve apresentação, o qual disse que trabalha com literatura brasileira, popular, de cordel, teoria da literatura, literatura infantil, juvenil e que seu horizonte de pesquisa tanto para escrita quanto e comunicação está voltado para poesia.

A partir desse momento a professora começou falar um pouco acerca da literatura infantil, e seu surgimento no Brasil e explicou que os bichos são escolhas muito presentes nos livros para crianças, algumas vezes para tratar assunto mais difícil para não ter uma identificação tão direta por exemplo sobre morte, se colocar um humano pode ter uma recepção impactante, já com um animal se torna diferente, assim consegue-se falar de forma mais amena e ao mesmo tempo poupa uma identificação de gatilho.

Após essa introdução, falou sobre livro ilustrado - que possui três linguagens: a materialidade, texto verbal e texto visual e, se essas linguagens forem separadas, a história deixa de existir. Por isso, é um desafio para tradução, por causa disso alguns livros não são uma boa escolha, pelo fato de alguns dependerem da virada de página, do movimento e que tirando ele desse suporte não é tão interessante.

Em seguida, começou a realizar as contações de história, deu início com “Este chapéu não é meu”, de Jon Klassen (2023). Na sequência, “Quero meu chapéu de volta”, do mesmo autor. Depois, o professor fez a leitura de “Pinote o fracote e Janjão o fortão” de Fernanda Lopes de Almeida (1980), quando finalizou a leitura por curiosidade perguntou se havia possibilidade de se contar essa história em Libras. A resposta foi um unanime “sim”! Um dos exemplos mencionados foi que poderia ser feita uma adaptação, onde Janjão seria ouvinte e Pinote um surdo. O professor e a palestrante acharam muito interessante.

Como tivemos alguns contratempos, foi marcado outro encontro para encerrarmos as contações que Marcela havia preparado assim como momento para tirar dúvidas e encerrou a primeira parte contando a história de “Chapeuzinho Amarelo” de Chico Buarque e ilustração

de Ziraldo, a palestrante perguntou como seria a contação dessa história se está relacionada a troca silábica, todos disseram que esse tipo de história é mais difícil.

Quinta Palestra parte 2

Marcela deu início explicando que faria a leitura de algumas obras e na sequência o grupo conversaria para decidirem qual história iriam escolher para traduzirem, então leu “Festa no céu” Um conto do nosso folclore por Ângela Lago, “A Arvore Generosa” de Shel Silverstein, “Flicts” de Ziraldo e “Maria vai com as outras” de Sylvia Orthof.

Ao término das contações, perguntou se o grupo já pensava em alguma história e todos falaram da “Árvore generosa”, então começaram a falar das possibilidades de performance. Artur e Bia pensaram na sinalização em dupla, já Ana e a pesquisadora pensaram em ser apenas uma pessoa fazendo a incorporação dos personagens. Ao ver que existia várias formas de sinalizar a história, a professora disse que tinha visto a contação dessa história em Libras, pediu para darmos uma olhada e desejou que fizessem um ótimo trabalho, em seguida se despediu. Laura não participou desse momento, pois teve que se ausentar para cumprir demanda de trabalho.

Esses dois encontros aconteceram em uma das salas de aula da Unidade Acadêmica de Letras, no período da greve (abril a junho de 2024). Nessa etapa de nossa pesquisa, dentre os sete participantes, permaneceram conosco quatro que estiveram presentes nesse momento, os quais estão destacados no Quadro 17 abaixo.

Quadro 17 - Participação das palestras.

PRESENCIAL	REMOTO	INSTITUIÇÃO
Bia		IFPB
Ana		IFPB
Artur		UEPB
Laura		UFCG

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A pesquisadora encontrou os exemplares em Libras da ‘Árvore generosa’ e percebeu que já existia mais de uma interpretação, por isso propôs a mudança da obra ao grupo, outra história que tinha se interessado foi “Maria vai com as outras”, com isso decidiram traduzir essa segunda opção.

Antes de iniciarem a tradução da história tiveram mais um encontro, dessa vez, com a

pesquisadora para que tivessem mais contato com produções surdas, mesmo depois de terem visto exemplares nas palestras anteriores. Assim tivemos o sétimo encontro.

Sexta palestra

A pesquisadora iniciou o encontro lembrando alguns conceitos de Tradução, como também da Estética da Libras, teoria a qual o grupo utilizou para fazer a tradução. Na sequência, apresentou produções surdas para inspiração do trabalho. Começou com Nelson Pimenta em sua produção “O homem que queria ser cachorro”, “Eu X rato” de Rodrigo Silva e “A árvore”, versão de Fernanda Machado. Em seguida temos um quadro com os links das produções em Libras.

Quadro 18 - Link das produções em Libras.

OBRA	LINK DE ACESSO
O homem que queria ser cachorro. Autor: Nelson Pimenta 2012.	 https://www.youtube.com/watch?v=UvQnMwF6-gM
Eu X rato. Autor: Rodrigo Custódio da Silva, 2018.	 https://www.youtube.com/watch?v=UmsAxQB5NQA
A árvore. Autora: Fernanda de Araújo Machado, 2016	 https://www.youtube.com/watch?v=4UBwn9242gA



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2024).

Sobre o conteúdo, a pesquisadora explicou que a estética da Libras explora a beleza por meio da performance para que os surdos sintam a emoção do que está sendo transmitido e que essa forma de sinalizar não se restringe em apenas informar o que está sendo dito, mas sim gerar reações nesse público, ou seja, tornar o mais real possível.

Também disse que para corporificação desses sentimentos são necessários seus elementos que são: velocidade, espaço e simetria, mesmas as configurações de mãos, morfismo, mostrar humanos (por incorporação), mostrar animais plantas e objetos inanimados, classificadores (e novos classificadores), elementos não manuais e perspectivas múltiplas.

Após a rememoração quanto à Estética da Libras e os vídeos das produções surdas assistidos, os TILSPs começaram a compartilhar quais dos elementos estéticos mais se destacaram para eles que foram: os elementos não manuais tão fortemente empregados, incorporação e classificadores, menos sinais e foram relacionando a estética da Libras.

O encontro foi realizado pelo *Google Meet*, tivemos pouco tempo para discutirmos os vídeos e as percepções dos TILSPs, pois houve a necessidade de rememorar a teoria para que os participantes se atualizassem quanto aos vídeos, outro motivo foi que os participantes teriam demanda logo após o encontro.

Quadro 19 - Participação das palestras.

PRESENCIAL	REMOTO	INSTITUIÇÃO
-	Bia	IFPB
-	Ana	IFPB
-	Artur	UEPB
-	Laura	UFCG

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2024).

Ao finalizar o encontro, a pesquisadora lembrou a importância de estudarem mais a teoria para a próxima fase, a tradução em grupo focal, que ficou marcada para a semana seguinte, como também as entrevistas individual e coletiva que ocorrerão na sequência.

Após conclusão do Ciclo de formação, fizemos o levantamento da quantidade de participação de cada tradutor de Libras e organizamos o quadro 20 que apresenta em suas colunas os nomes dos participantes, marcação das palestras que participaram (P1 a P6), o modo de participação (remoto ou presencial) e o total de presença de cada um.

Quadro 20 - Participação das palestras.

PARTIC.	P1	P2	P3	P4	P5/1	P5/2	P6	Tt
ANA	X remoto	X remoto	X remoto	X remoto	X pres.	X pres.	X remoto	7
ARTUR	-----	-----	X remoto	-----	X pres.	X pres.	X remoto	4
BIA	-----	X remoto	-----	X remoto	X pres.	X pres.	X remoto	5
LAURA	-----	-----	-----	X remoto	X pres.	X pres.	X remoto	4

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2025).

Nota-se nesses dados que apenas uma dos quatro participantes participou da palestra principal do ciclo de formação a qual se destina a nossa pesquisa que foi sobre a estética da Libras, o que torna claro algumas ações performáticas no momento da gravação da tradução de *Maria vai com as outras* detalhados mais à frente.

Outro dado interessante foi do modo de participação das aulas, onde a maior parte dos encontros foram no formato remoto, visto que a maioria dos participantes estavam em seus respectivos trabalhos e como o convite para participação da pesquisa foi direcionado a cada participante, ficamos limitados quanto à liberação para participarem de maneira presencial.

Perante os dados expostos, as respostas e atitudes nas etapas seguintes se tornaram entendíveis o que nos despertou para novas possibilidades de formação fora de suas limitações, em horários que os permitam adquirir conhecimento e prática sem preocupações. Dito isso, partimos para a próxima subseção, o momento de entrevistas e avaliações.

4.4 Entrevistas e avaliações

Essa fase corresponde à quarta etapa de nossa pesquisa, a qual aborda as entrevistas individuais e coletivas dos participantes de nossa pesquisa que “podem ser utilizadas para investigar um tema em profundidade” (Gil, 2008).

4.4.1 Entrevistas individuais e coletivas

Após finalização do GF, partimos para as entrevistas individuais e coletiva que correspondem a quarta etapa de nossa pesquisa. As entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade dos participantes.

Diante das perguntas utilizadas, selecionamos as voltadas ao tema de nossa pesquisa, embora todas estejam relacionadas à atuação dos profissionais, assim como dos quatro participantes selecionamos dois para expor suas respostas na íntegra de algumas perguntas. O primeiro participante apresentado de cada entrevista com mais presença na formação e o outro demais com menos, com intuito de observar, diante dessa diferença, se houveram implicações no processo de tradução e na sequência, as perguntas relacionadas a entrevista coletiva.

As entrevistas ocorreram no dia 10 de setembro de 2024, no estúdio do LabLibras, nos turnos manhã e tarde. Nessa ocasião, realizamos doze perguntas para cada TILSP, com intuito de compreender como foi a experiência da tradução de literatura infantil para Libras.

A entrevista coletiva ocorreu no dia 24 de outubro de 2024, no estúdio do LabLibras, no turno da manhã. O dia foi agendado de acordo com a disponibilidade do grupo. As perguntas giraram em torno da experiência com a estética da Libras, agora com o grupo, sobre a leitura do texto original e a tradução para Libras com a glosa e se o serviço de apoio funcionou. Para melhor visualização organizamos um quadro para expor esse momento, na próxima seção.

As perguntas elaboradas buscaram construir e entender o tipo de serviço que mais realizam; área de atuação que mais se identificam; se já participaram de alguma capacitação; se a Literatura em Libras fez parte dos temas abordados; se já realizaram tradução de literatura infantil; a experiência com tradução relacionada a Estética da Libras; se sentiram dificuldade ao realizar esse tipo de tradução voltado para a teoria; o que mais sentem que falta em sua profissão; a experiência em dupla na tradução e após assistir seus vídeos quais mais utilizaram.

Após exposição de suas considerações com relação à tradução em glosa considerando a estética da Libras, finalizamos as entrevistas e partimos para a análise de dados através de fichas de avaliação feitas pelo grupo. Nessa fase foi explicado que eles iriam avaliar a performance uns dos outros relacionadas aos elementos da estética da Libras, que não iriam avaliar a pessoa e, sim, o que foi utilizado dessa teoria e que além deles se avaliarem seriam também avaliados por especialistas externos.

5 MARIA VAI COM AS OUTRAS: UM OLHAR PARA OS TRADUTORES PARTICIPANTES A PARTIR DO GRUPO FOCAL

Esta sessão expõe e analisa os momentos como se deu o processo de tradução para a Libras do livro *Maria vai com as outras*, de Silvia Orthof (2002), em grupo. Nossa perspectiva foi analisar o quanto o ciclo de palestras contribuiu na formação dos tradutores participantes e como o aprendizado ocorrido se materializou na prática da tradução do livro para Libras. De modo complementar, utilizamos de trechos das entrevistas realizadas para termos os profissionais compartilhando o que mudou em suas práticas e suas experiências nesse tipo de tradução, bem como avaliações realizadas entre eles e a partir do olhar de avaliadores externos das gravações com as sinalizações das traduções.

5.1 *Maria vai com as outras*: reflexões sobre formação e prática de tradução

Este momento correspondeu à terceira etapa de nossa pesquisa. Para sua efetivação, propusemos interação, discussão e realização da tradução de *Maria vai com as outras* Orthof (2002). Nossa pretensão foi observar o quanto as aulas do ciclo de formação contribuiriam para a tradução sinalizada da obra infantil escolhida pelo grupo. Com esse propósito organizamos um quadro com a exposição da formação dos TILSPs, se já trabalharam com a Estética da Libras e se já realizaram tradução de livro infantil.

Quadro 21 - Nível de formação, experiência com estética da Libras e tradução

Nome		Formação	Tempo de experiência como TILSP	Dentro da Literatura em Língua de Sinais, você já trabalhou com a Estética da Libras?	Você possui experiência com tradução de literatura infantil do Português para Libras?
Ana		Pós-Graduação	21 anos	Sim	Sim
Artur		Pós-Graduação	14 anos	Não	Não
Bia		Pós-Graduação	18 anos	Não	Não
Laura		Pós-Graduação	09 anos	Não	Não

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2025).

Como podemos observar, apesar de todos buscarem capacitação em nível de pós-graduação, apenas uma dos participantes teve experiência com a teoria mencionada e tradução

de literatura infantil para Libras.

De acordo com as entrevistas, participar de formações em cursos livres é prática comum entre os tradutores participantes, como podemos ver na falas de Ana e Arthur ao perguntarmos se já haviam participado de alguma capacitação.

ANA - “Sim, cursos, especializações, também pela UFSC”.

ARTUR - “Sim, algumas capacitações, já pela FUNAD, duas vezes pela FENEIS, duas especializações e alguns cursos que a gente vai procurando externos”.

Este aspecto da formação é comum, pois todos os participantes tiveram a necessidade de buscar formação além da cidade em que moram pela falta de cursos que tivessem aprofundamento na área de tradução, o que recai sobre o pensamento de Formim *et al* (2021) de que pela existência de várias regiões brasileira as formações existentes não atendem adequadamente às necessidades de todos os lugares do país.

Por causa disso, boa parte desses profissionais buscam cursos livres para aprofundarem seus conhecimentos. Em nível técnico, de graduação e pós-graduação *lato sensu*, a maioria dos cursos são ofertados por instituições privadas em plataformas digitais, ou seja, na modalidade de educação à distância (EaD). Um exemplo tem sido a Uníntese, que oferece cursos técnicos e bacharelados em Letras/Libras, além de especializações em tradução/interpretação de Libras. Em se tratando de graduação em instituição federal, até o momento o bacharelado referência é o da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

De acordo com Lemos (2019) existem outras instituições que ofertam graduação em Letras Libras, porém conforme observado pelo autor, no decorrer dos anos a maioria oferece cursos técnicos, de extensão, especialização e formação continuada em tradução e interpretação de Libras, onde a maior parte desses cursos está concentrada nas regiões sul e sudeste.

Na sequência, sobre o percurso formativo envolvendo a literatura em Libras, disseram que o contato com a literatura infantil foi escasso e quando versam sobre o assunto relatam que suas experiências com a literatura infantil foram no âmbito religioso em momentos que necessitaram realizar tradução para crianças surdas alegando que não conheciam a estética da Libras, porém realizavam a performance mesmo sem saber. Acerca disso, quando buscamos saber sobre se no percurso formativo a Literatura em Libras fez parte dos temas abordados, as respostas foram:

ANA - Pouquíssimo, é uma área que a gente vê que precisa mais, mas foi muito pouco, como eu fiz minha graduação em Letras/Libras, até a disciplina mesmo, foi pouca

coisa do que na verdade hoje eu vejo que deveria ser, estudar mais sobre essa área.

ARTUR - Muito breve, não houve nenhuma prática com esse foco da literatura, especificamente a literatura infantil.

Sobre a baixa demanda quanto à tradução de literatura infantil, temos um exemplo mencionado por Lacerda (2010), que percebeu existir na grade curricular do bacharelado em Letras Libras da UFSC uma disciplina voltada para tradução de literatura infantil, porém essa se encontra entre as disciplinas optativas como “Introdução à Tradução de Literatura Infanto-Juvenil”, ponto positivo para o currículo, mas insuficiente como conteúdo formativo para os tradutores que não cursaram o referido bacharelado.

Contudo, diante das demandas de tradução de literatura tanto da Libras para português quanto o inverso, no meio acadêmico seria interessante integrá-las entre as disciplinas obrigatórias, de modo que todos os graduandos pudessem acessar esse conteúdo e, depois de formados, torná-lo conhecido por seus pares.

Assim, podemos ver a importância de formação em nível de graduação, uma vez que as formações livres não dão condições para aprofundamento de saberes e competências tradutórias. No caso da literatura e da necessidade de tradução Ana e Artur ainda colocaram que não tinham realizado esse tipo de trabalho ao perguntarmos sobre a realização de tradução para a Libras de literatura infantil e como foi a experiência:

ANA - Não. A experiência sim, eu tive com a literatura na minha graduação que foi muito pouca, que foi a disciplina na verdade e assim que eu lembro também na minha área religiosa porque eu também trabalhei com educação com surdos, com crianças e aí a gente desenvolvia, como era história e aí a gente trabalhava com flanelógrafos, com muita imagem e normalmente a gente tentava ao máximo ter essa performance que hoje a gente percebe que se tem, mas naquele tempo eu não entendia isso, mas já realizava, então a gente desenvolvia esse trabalho com os meninos que eram crianças, que estavam nessa parte de aprendizagem, então eu lembro bem dessa parte.

ARTUR - Não. O trabalho de literatura infantil é realizado em algum momento na igreja com surdos, no momento que se faz necessário fazer uma tradução específica para aquele tema e teve momentos de a própria comunidade procurar para traduzir material que foi de literatura, como já falei, não tive um curso voltado um aprofundamento para isso, então foi muito ali daquela troca com eles, entre eles e foi assim que aconteceu.

Mesmo sem conhecimento teórico, quanto à literatura sinalizada, podemos dialogar com Bartolomei (2021) ao vermos que os entrevistados relatam sua busca por estudos e discussões com os pares para que a literatura solicitada no momento de uma demanda de serviço fosse atendida por meio de performances que buscavam estética e beleza na sinalização. Como nos fala Silva (2024, p. 640) “é tão importante quanto os sinais realizados na transliteração das

línguas, porque a sua imagem é um recurso que deve estar ligado ao contexto social, no qual a língua fonte acontece”.

Essas respostas também demonstraram que embora estivessem na fase do “formar-se a si mesmo”, como coloca Lemos (2021), que por meio de suas práticas os mesmos sempre buscaram estratégias para entregarem material que atendessem a necessidade dos surdos.

As estratégias utilizadas pelos tradutores de Libras dialogam com alguns dos componentes da Competência Tradutória, a esse respeito, Hurtado Albir (2005) afirma que

“[...] é um conhecimento especializado que consiste em um sistema subjacente de conhecimentos declarativos e, em maior proporção, operacionais necessários para saber traduzir” que está composto de cinco subcompetências (bilíngue, extralinguística, conhecimentos sobre a tradução, instrumental e estratégica) e de componentes psicofisiológicos (Hurtado Albir, 2005, p. 28).

Sendo assim, pudemos perceber que mesmo sem formação, suas atuações já demonstravam preocupações que se encaixam dentro das subcompetências essencialmente operacionais, tornando esses profissionais buscadores de um conhecimento bilíngue, instrumental e estratégico, ou seja, eles tinham e buscavam o conhecimento de *como fazer* para alcançar o entendimento dos surdos, quando falaram das estratégias que utilizaram para realizarem as performances das traduções solicitadas com utilização de materiais com imagens por meio de flanelógrafo, do mesmo modo com o apoio dos próprios surdos pelas sugestões de qual sinalização se encaixaria melhor para aquele momento.

Após a formação, além das subcompetências, pudemos observar que os tradutores passaram a refletir que, de algum modo, utilizavam algumas formas de sinalização condizentes com o que foi estudado quanto a literatura estética da Libras. Assim, ainda olhando para os tradutores e como suas histórias de formação influenciam as traduções, buscamos saber sobre estudos realizados no âmbito da estética da Libras a partir das falas de Bia e Laura.

BIA - A gente sempre utiliza na prática, aí quando a gente vai ver a teoria a gente começa a ver que de fato a gente utiliza, sempre e é importante esse conhecimento da parte teórica porque a gente vai entendendo o que a gente está utilizando que são as expressões não manuais, morfismo e as outras estéticas da Libras. Para mim a experiência foi muito boa me deu mais conhecimento. Sobre a literatura surda eu já gostava, sempre gostei e foi muito importante esse conhecimento.

LAURA - Em relação aos elementos estéticos que a gente pôde aprender melhor, é como já se falou, acredito que a gente já usa no dia a dia na prática, porém a gente não sabe muitas vezes identificar que aquilo fizemos dentro da estética da Libras é tal coisa, então esse conhecimento é importante também pra gente poder se avaliar e ver o modo como estamos fazendo, em que podemos melhorar para que o surdo realmente tenha uma experiência visual agradável, atrativa, então nesse sentido foi muito benéfico pra gente.

Quanto às respostas de Bia e Laura, percebemos semelhança das anteriores quando mencionaram que praticavam elementos da Estética da Libras no dia a dia, porém não conheciam a teoria, em outras palavras, elas adquiriram Competência Tradutória (Hurtado Albir, 2005), sobre o fundamento da Estética da Libras, com conhecimento declarativo, melhor dizendo, passaram a saber o *que fazer*. Assim as subcompetências extralinguística e a sobre a tradução emergiram na formação e provocou reflexão diante das práticas dos tradutores de Libras.

Vemos, assim, que no quesito sobre a experiência com tradução relacionada a Estética da Libras, mesmo depois de um dos entrevistados ter mencionado que já havia ouvido falar sobre o tema, a formação se configurou como experiência nova para ambos, o que despertou o desejo de utilizar a estética da Libras em suas práticas, como aspiração por aprofundamento do assunto.

Sobre se houve dificuldade ao realizar tradução voltada para teoria, as respostas foram unânime sim, por não ter sido apresentados a teoria em suas formações e pela cobrança de tentar oferecer visualmente o melhor para o público-alvo.

O trabalho de construção da tradução auxiliado pela construção da glosa foi considerado pelos tradutores participantes. Nas entrevistas as falas de Ana, Artur e Bia sobre esse assunto foram:

ANA - “É um momento de avaliação de que vão ser as melhores escolhas, qual a melhor forma que a gente vai tentar passar para que o surdo consiga compreender melhor e durante o processo de tradução a gente se preocupa muito e a ajuda do outro também nos ajudou nesse momento de escolher o que seria melhor e fazer até uma avaliação, porque normalmente a gente faz uma avaliação, mas tendo uma outra pessoa isso melhora muito porque tem um ouro olhar, mas foi muito bom porque preparar a glosa é muito importante é necessário, porque aí a gente passa avaliar de uma forma melhor com mais tempo, acredito que também possibilita um trabalho melhor, onde normalmente a gente não tem tempo para fazer isso, mas quando você tem o tempo da glosa e o tempo de reflexão a acredito que melhora muito o trabalho.

ARTUR - “Eu acho que é assim também, na oportunidade que a gente tem de pegar uma obra assim como a gente pegou, que você lê, reler, lê, você não pode fazer só uma leitura, você vai se envolvendo com a história, começa a pensar você dentro da história e aí você vai buscando acompanhar aquele ritmo, aquela história tem um ritmo, ela tem a ritma, mas ela tem um ritmo de transição de cada fase que foi passada, foi narrada. Esse envolvimento, quando a gente fala em tradução não só na língua de sinais, mas quando a gente tá trabalhando com outra língua a gente fala de imersão, eu acho que uma coisa muito mais forte, na língua de sinais, na tradução para língua de sinais é você fazer e mostrar isso aqui para um surdo, além da gente mostrar para um surdo, pensar para quem você está fazendo e mostrando para a pessoa antes de submeter seu trabalho para outra fase da produção, por exemplo, e a figura do surdo é muito importante nesse trabalho”.

BIA - “A gente fica preocupado de que forma o surdo vai entender quando a gente utiliza os recursos que a gente tem conhecimento, então pega o conteúdo, pega a literatura para fazer sentimos dificuldade, então tivemos essa troca tanto nas reuniões como a questão de quando a gente pega a literatura para fazer a glosa, a gente precisa do outro. Eu acredito que se fosse um trabalho de pesquisa só com um intérprete com certeza a gente teria muita dificuldade, mas houve essa troca entre nós, então com a troca a gente se sente mais confortável para fazer o trabalho que nos foi pedido, a tradução”.

Quanto à experiência em dupla, os participantes se mostraram satisfeitos, comentaram ainda que o ideal seriam três, uma vez que essa prática gera segurança pela troca de experiências e, com a contribuição da dupla passaram a observar o que pode ser melhorado em suas performances.

Nesse quesito de autoavaliação os tradutores de Libras demonstraram receptividade quanto ao apoio em dupla, assim como demonstraram subcompetência instrumental como colocado por Hurtado Albir (2005), pois ao refletirem diante das várias leituras da literatura escrita para tradução, consideraram a importância do preparo da glosa e qual seria a melhor performance em suas atuações.

Acerca do que sentem falta na profissão, esboçam uma sequência de necessidades como: aprofundamento de conhecimento da área, estudo em grupo para discussão, projetos e trabalhos como o de nossa pesquisa, que ocorresse naturalmente entre a comunidade com mais frequência. Este novo posicionamento nos lembra Segala (2010) e Rodrigues (2018) ao considerarem que pelo fato de o tradutor de Libras não apenas traduzir, mas também disponibilizar sua imagem, autorizando o registro do trabalho realizado por meio de vídeo, revela necessidade de competência de tradução intermodal, aspecto de atenção dos colaboradores.

Diante desses relatos, vemos preocupação quanto a formação continuada e mais contato com a literatura, pois ficaram encantados com as possibilidades que a estética da Libras pode proporcionar, não apenas em grupos pequenos, mas para todos os envolvidos com a comunidade surda, assim como os que possuem interesse de serem inseridos. Dito isso, partimos para a análise da tradução para Libras.

6 MARIA VAI COM AS OUTRAS: TRADUÇÃO EM ANÁLISE

Esta seção de análise de dados contém a descrição da tradução realizada pelos participantes através do grupo focal com a suas performances nas produções sinalizadas e a avaliação quanto à utilização dos elementos estéticos da Libras pelo próprio grupo focal, além da que foi realizada pelos avaliadores externos convidados para assistirem as performances da tradução realizadas a partir de critérios estéticos da Libras e de acordo com essa perspectiva fazerem suas apreciações diante dos vídeos sinalizados.

Os dados foram analisados a partir da observação das traduções gravadas. Esse instrumento permite averiguarmos a utilização dos elementos da Estética da Libras e o uso do conhecimento trabalhado no ciclo de palestras.

Diante disso, descrevemos e analisamos a interação e os comentários dos participantes durante as palestras, sobre suas experiências e comentários sobre quais eram as novidades nos conteúdos abordados na formação, além da própria tradução realizada.

É relevante lembrarmos ao leitor que na primeira palestra, a professora surda Joyce explanou sobre a Estética da Libras e que na palestra com Morgana, mestrande surda, os TILSPs viram a aplicação desse conteúdo quando ela apresentou os sinais criados por ela para todos os personagens na sua tradução da obra “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” de Fox (1995). O conteúdo visto nas palestras de Joyce e Morgana, trabalhados em dois momentos do ciclo, se mostrou significativo, pois despertou nos participantes a necessidade de diminuir ao máximo a produção de datilologia na sinalização da história iniciando pela criação de um sinal para a ovelha Maria. Isso ocorreu, como mostrado na metodologia, a partir da definição da narrativa que seria traduzida para vermos os resultados da formação em uma tradução realizada pelo grupo.

No primeiro dia do grupo focal ouvimos mais uma vez a contação de ‘*Maria vai com as outras*’ disponível em um canal do YouTube²². Apesar de a história ser a mesma, a contação do YouTube foi descartada, os participantes presentes nesse primeiro encontro decidiram seguir a história pelo livro para a realização da tradução e se preocuparam em construir um sinal para a personagem principal.

Nesse momento de início do trabalho de tradução, os tradutores estavam tão eufóricos que já discutiam suas performances relacionadas a estética da Libras. Porém, dissemos que as

²² Link de acesso ao material assistido pelo grupo focal: <https://www.youtube.com/watch?v=YG8PeTvJ45I>.

escolhas performáticas seriam feitas após a finalização da tradução em glosa, uma vez que durante o processo de tradução intermodal, o tradutor de Libras realiza essa construção de modo performático, o que significa desenvolver pelo uso do corpo o que foi colocado na glosa, levando em consideração como nos diz Rodrigues (2018) que a corporificação alinhada à tradução intermodal requer habilidades motoras para codificação gestual e espacial, capacidades visual-cognitivas para traduzir informações gestuais e espaciais são proficiências cruciais para lidar com a sobreposição de idiomas no processo de tradução de forma eficaz.

Assim, no segundo dia agendado, o trabalho da dupla Ana e Artur, foi de pesquisar sinais para “jiló” e “Corcovado”, além de discutirem se as imagens da história, depois da edição, ficariam de fundo acompanhando a sinalização ou não. A partir do levantamento de opiniões, foi perguntado a todos suas opiniões, pois o grupo deveria tomar essa decisão. Isto posto, todos concordaram que as imagens fizessem parte da história sinalizada na edição final.

No terceiro encontro, tivemos presentes Artur e Laura, dupla que finalizou a tradução. O trabalho de tradução na construção da glosa foi realizado por eles considerando e discutindo a performance a ser realizada, discutindo suas escolhas de sinais e incorporação de elementos da estética da Libras quando a sinalização fosse realizada.

Para apresentar a tradução de ‘*Maria vai com as outras*’ para Libras elaboramos o quadro 20 com a história original a esquerda e a glosa de sua tradução a direita.

Quadro 22 - textos da obra original e glosa da tradução para Libras

Maria vai com as outras	
Escrita original	Glosa da tradução para Libras
Era uma vez uma ovelha chamada Maria. Aonde as outras ovelhas iam, Maria ia também. As ovelhas iam pra baixo. Maria ia pra baixo. As ovelhas iam pra cima. Maria ia pra cima. Maria ia sempre com as outras. Um dia, todas as ovelhas foram para o Polo Sul. Maria foi também. Ai, que lugar frio! As ovelhas pegaram uma gripe!!! Maria pegou gripe também. _ Atchim! Maria ia sempre com as outras. Depois todas as ovelhas foram para o deserto. Maria foi também. Ai, que lugar quente! As ovelhas tiveram insolação. Maria teve insolação também. _ Uf! Puf! Maria ia sempre com as outras. Um dia, todas as ovelhas resolveram comer salada de jiló. Maria detestava jiló. Mas, como todas as ovelhas comiam jiló, Maria comia também. _ Que horror! Foi quando, de repente, Maria pensou: se eu não	PASSADO OVELHA NOME M-A-R-I-A SINAL OVELHAS IR, MARIA IR (SEMPRE) OVELHAS PARA BAIXO. MARIA PARA BAIXO. OVELHAS PARA CIMA. MARIA PARA CIMA. GLOBO OVELHAS DESCER. MARIA SEGUIR. OVELHAS FRIO. MARIA FRIO. OVELHAS ATCHIM! MARIA ATCHIM! OVELHAS IR, MARIA IR (SEMPRE). OVELHAS IR DESERTO. MARIA IRE DESERTO. QUENTE MUITO! OVELHAS INSOLAÇÃO. MARIA INSOLAÇÃO TAMBÉM. _ UF! PUF! OVELHAS IR, MARIA IR (SEMPRE). PLANTAÇÃO JILÓ OVELHAS VER. TODAS COMER. MARIA COMER TAMBÉM. MARIA DETESTAR JILÓ. COMO TODAS COMER, MARIA COMER TAMBÉM. ECA!

gosto de jiló, por que é que eu tenho que comer salada de jiló? Maria pensou, suspirou... ... mas continuou fazendo o que as outras faziam. Até que as ovelhas resolveram pular do alto do Corcovado pra dentro da lagoa. Todas as ovelhas pularam. Pulava uma ovelha, não caia na lagoa, caia na pedra, quebrava o pé e chorava: _ Mé! Pulava outra ovelha, não caia na lagoa, caia na pedra, quebrava o pé e chorava: _ Mé! E assim quarenta e duas ovelhas pularam, quebraram o pé e choraram: _ Mé! _ Mé! _ Mé! Chegou a vez de Maria pular. Ela deu uma requebrada, entrou num restaurante e comeu feijoada. Agora, mé, Maria vai para onde caminha o seu pé.	DE REPENTE, MARIA PENSAR! _ JILÓ NÃO GOSTAR, POR QUE COMER? _ MARIA PENSAR, SUSPIRAR... CONTINUAR SEGUIR OVELHAS. OVELHAS VER CORCOVADO SINAL, LAGO SUBIR OVELHAS, PULAR, CAIR LAGO? NÃO, PEDRA PÉ QUEBRAR. MÉ! OUTRA OVELHA, PULAR, CAIR LAGO? NÃO, PEDRA PÉ QUEBRAR. MÉ! OVELHAS 42 PULAR, CAIR PEDRA QUEBRAR PÉ, MÉ! MÉ! MÉ! AGORA MARIA PULAR. REQUEBRAR (RECUAR) EU NÃO IR. ENTRAR RESTAURANTE, COMER FEIJOADA (DELÍCIA). AGORA, MÉ, (LABIALIZAÇÃO + CL) VAI QUALQUER LUGAR VONTADE IR.
---	---

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao observarmos o texto original e a glosa da tradução para Libras diferenças na estrutura das duas línguas e na representação por palavras de sinais que são tridimensionais podem se constituir como objeto de estudo. A escrita da Libras foi inspirada a partir de Felipe (2001 e 2006) no sistema de notação em palavras. Assim, no texto escrito em português temos o nome da personagem como título da história, na tradução no título Maria foi separado por hífen M-A-R-I-A, mas desde a primeira frase e no decorrer da glosa ela segue sem essa separação, isso porque os tradutores viram a necessidade de criar um sinal para a ovelha Maria em Libras.

A palavra separada por hífen em Libras é conhecida como datilologia, sinalização do alfabeto, se tratando de um empréstimo linguístico do português. A datilologia é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, conforme Felipe (2007). O restante da tradução do texto corresponde à glosa, isto é, “uma nota explicativa para cada termo selecionado” (Segala, 2010, p. 37).

No tocante à diferença na estrutura das línguas, na Libras, como podemos observar, não existe a presença de preposição, conjugação de verbos por meio de desinências e artigos marcadores de gênero ou definição de sujeito.

As palavras que estão entre parênteses servem como acionadores da memória no momento da sinalização para que os tradutores participantes lembrem da expressão facial a utilizar ou a repetição de sinal necessária para criar a imagem que o texto original contém. Um exemplo pode ser da parte em que o texto repete a frase para dar início a um novo cenário.

A necessidade da criação de um sinal para a personagem principal do livro foi o primeiro aspecto de tradução levantado pelos participantes, por isso, pensamos em convidar novamente Morgana, mestrandia surda que trouxe sua contribuição no ciclo de palestras para criar o sinal,

diante disso, agendamos um dia para criação do sinal. Consideramos como necessário que os sinais criados passem pela avaliação e validação de um surdo, assim, após construção da glosa, convidamos a mestrande surda Morgana para validar o sinal da personagem principal para seguirmos com as performances.

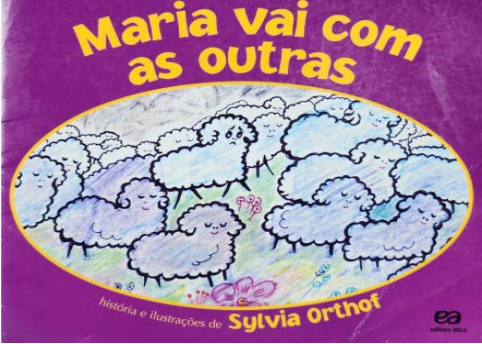
No dia marcado, Morgana participou da discussão e validação da criação do sinal para Maria, o encontro ocorreu no dia 07 de agosto de 2024, às 15h, pelo Google Meet.

Para iniciar a discussão sobre o sinal para Maria, a pesquisadora perguntou aos tradutores se tinham pensado em algum sinal, eles disseram que não, então passaram a sugerir sinal no momento da reunião. Morgana observou atenta, desejosa por contribuir com o sinal que realmente expressasse Maria. Desse modo, passaram a observar as características da ovelha.

Nesse meio tempo, os participantes aproveitaram para pedir auxílio à mestrande quanto à incorporação no momento de seguir o rebanho de ovelhas, a qual disse que normalmente se utiliza punhos fechados para representar a caminhada de animal.

Dito isso, decidiram o sinal levando em consideração o corpo revestido de lã concentrando na altura da cara/face da ovelha. Assim, segue a descrição do sinal escolhido. Configuração da mão (CM) nº 60, movimento (M) mãos abertas com dedos semiflexionados (abrindo e fechando) discretamente para cima – semelhante ao sinal para nuvem. Mãos simétricas de forma horizontal, com ponto de articulação (PA) - altura da cabeça, orientação das mãos (O) para dentro – contralateral e expressão não manual (ENM) bochechas infladas, o qual está sinalizado na figura exposta abaixo.

Figura 6 - Sinal de Maria.

Foto da capa 	Sinal de Maria https://youtu.be/7Hgp0K5nDt0
---	--

Fonte: arquivo da pesquisa.

Aprovado o sinal e glosa concluída a partir da tradução realizada por cada dupla que concordou e contribui com a sequência diante do texto original, partimos para a última etapa do processo de sinalização da tradução. As produções sinalizadas com as performances dos tradutores de Libras foram realizadas no estúdio do LabLibras e iniciadas no dia 08 de agosto de 2024 às 10h. A primeira performance foi de Bia que fez dupla com Laura na leitura da glosa, Vale salientar que a glosa serviu de orientação para que os tradutores pudessem se situarem na história e assim realizarem suas performances.

Bia iniciou com treinos para sua performance compartilhando com sua dupla Laura, para ter feedback da incorporação que estava realizando, como também do seu posicionamento diante da câmera, após alguns ensaios a performance foi gravada.

No dia seguinte, Artur fez a sinalização de sua performance, com o apoio de Ana na leitura da glosa, Arthur seguiu com os treinos, receoso quanto às expressões que utilizaria, assim como a representação para restaurante e feijoada. No meio da gravação pediu o livro para observar as imagens para dar melhor apoio em sua performance, logo após deu continuidade à sinalização.

Ao finalizar sua parte, Artur trocou com Ana e passou a ser seu apoio na leitura da glosa. Ana começou a ensaiar sua performance e continuaram com a mesma interação do início, porém o tempo restante foi muito curto para a conclusão da gravação, deixamos agendado o próximo encontro para o dia 16 de setembro de 2024.

Ana iniciou com os treinos agora com o auxílio de Laura, como já havia treinado no último encontro, retornou com a construção memorizada, por isso o tempo de preparo da

performance da sinalização foi menor.

Assim, Laura iniciou seus ensaios com a contribuição de Ana, contudo não houve tempo suficiente para encerrar essa etapa, havendo necessidade de mais um encontro para encerramento, que ficou programado para o dia 19 de setembro de 2024.

No dia estipulado, Laura contou com o apoio de Artur para realizar sua performance, assim como Ana que por haver treinado e memorizado os elementos que iria utilizar no encontro anterior sua performance demandou menos tempo de gravação.

Assim, encerrada a descrição da tradução e entrevistas, partimos para as avaliações e, ao observarmos cada uma, decidimos apresentá-las nesta análise dos dados por meio das seguintes categorias:

- Elementos que as duas partes consideraram atendidas;
- Elementos que apenas os tradutores participantes consideraram atendidas; e
- Elementos que os avaliadores consideraram atendidas, mas não foram destacados pelos tradutores participantes.

Nessa apresentação as performances tradutores participantes foram espelhadas pela pesquisadora com o máximo de fidelidade, em respeito ao Comitê de Ética quanto ao sigilo dos participantes da pesquisa. Assim, será feita a sinalização de três traduções, de acordo com cada categoria. Para a seleção dos dados apresentados consideramos para a primeira categoria, de forma aleatória levantada como também a imagem da parte da história escrita.

- **Elementos considerados atendidos pelas duas partes**

Espaço e Simetria foram os elementos considerados pelas duas partes como atendidas. No espaço eles utilizaram o neutro a frente de suas performances, conforme exigência da cena (Sutton-Spence, 2021). Na simetria, conforme a teoria da estética da Libras, eles alcançaram a criação de efeitos de linguagem estética por meio trazendo a sensação de equilíbrio. Escolhemos três cenas uma de casa tradutor participante para apresentar os elementos nas figuras 07, 08 e 09 a seguir.

Figura 7 - Espaço e Simetria

	Espelhamento da performance de Ana 00:01:18 https://youtu.be/bCrWfn39E3c
--	---

Fonte: arquivo da pesquisa.

Nessa parte da história a tradutora participante Ana em sua performance utilizou o espaço neutro para a salada de Jiló com as mãos semiabertas simétricas do tipo reflexo com a mesma configuração de mão, expressão facial e corporal representando a surpresa por encontrar comida, como também localizadas no mesmo espaço e com o mesmo movimento (Sutton-Spence, 2021, p. 161).

Figura 8 - Espaço e Simetria

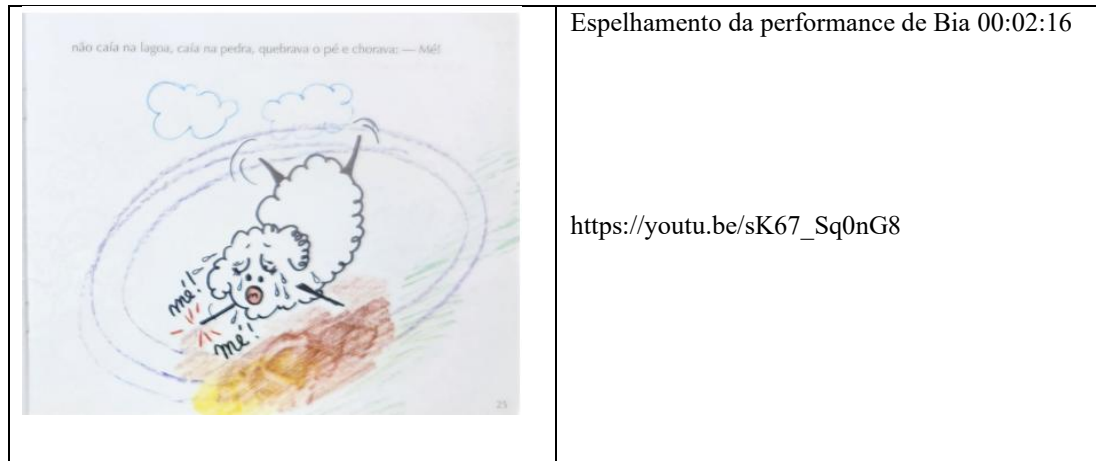
	Espelhamento da Performance de Artur 00:00:20 https://youtu.be/ZSgnFSt_CeY
--	---

Fonte: arquivo da pesquisa.

Nesse momento, o tradutor participante Artur em sua performance utilizou o espaço neutro, onde teve um *insight* em representar o Polo Sul por meio de uma esfera com as duas mãos simétricas do tipo horizontal (Sutton Spence, 2021) com os dedos separadas quase retos com mesmo movimento, sinal para mundo, semelhante à forma utilizada para planeta no poema

Voo Sobre Rio da artista Fernanda Machado²³. Na sequência, ele movimentou o rebanho de ovelhas representado pela mão direita com dedos curvados descendo pelo polo e Maria representada por dois dedos curvados semiabertos caminhando atrás das outras insatisfeita.

Figura 9 - Espaço e Simetria



Fonte: arquivo da pesquisa.

Nesse cenário, a tradutora Bia situa no espaço neutro e simetria do tipo horizontal, uma mão por cima da outra Sutton Spence (2021), na mesma configuração abrindo e fechando com os dedos flexionados próximo à altura da boca juntamente a labialização para incorporar o choro MÉ, MÉ, da ovelha no momento da queda do alto do Corcovado.

Embora espaço e simetria tenham sido atendidos, os avaliadores externos solicitaram maior atenção quanto ao momento de transição dos cenários para que não houvesse comprometimento da continuidade do enredo, por exemplo, a representação do restaurante. Uma das sugestões levantadas por um dos avaliadores externos, foi que poderiam ter realizado a forma do restaurante apresentando suas características e só depois recuar e entrar no restaurante.

- **Elementos que apenas os tradutores consideraram atendidos**

Dentre os elementos da estética da Libras, a velocidade foi o componente considerado como atendido pelos tradutores participantes, todos disseram que esse elemento foi contemplado em suas performances. A figura abaixo destaca esse elemento.

²³ <https://www.youtube.com/watch?v=YaAy0cbjU8o>

Figura 10 - Velocidade

	
Espelhamento da Performance de Ana 00:1:46 https://youtu.be/30-8EqTugdc	Nessa parte da história a tradutora Ana utilizou o mesmo CL para o pulo e queda com as patas curvadas, não houve aproximação da câmera, nem expressão de alegria no momento do pulo, como também faltou o recurso câmera lenta.
Espelhamento da Performance de Artur 00:01:50 https://youtu.be/-YLmdHc0VA8	Nesse cena o tradutor Artur realizou a performance utilizando CL com dois dedo curvados para representar as patas da ovelha, no momento do pulo fez a expressão facial de alegria e durante a queda deixou apenas uma pata esticada a qual bateu na pedra, porém sem a exposição em câmera lenta e sem exagero para representar a dor.
Performance de Laura 00:02:01 https://youtu.be/XjBoPjwwvFI	Nessa parte a tradutora Laura realizou sua performance por meio do classificador (CL) no momento do pulo, ou seja, ela substituiu o sinal OVELHA pela configuração da mão em V que representa o esticar das patas no momento do pulo. A expressão facial é de alegria, mas ao perceber que irá cair na pedra, a expressão muda para desespero. Na sequência, as patas são curvadas, a mão toma a configuração 5. Para expressar a dor a expressão facial muda, porém não houve ênfase suficiente na expressão facial. Diante dessa sinalização percebemos que houve falta da compreensão do referido constituinte ou de uma reflexão conjunta da dupla sobre como utilizá-lo performativamente. Esse resultado pode ser devido à ausência da dupla na primeira palestra sobre o tema principal de nossa pesquisa, Estética da Libras.

Fonte: arquivo da pesquisa.

Destacamos para esse elemento a mesma cena do pulo do penhasco, pois “na linguagem estética podemos brincar com a velocidade para gerar emoções no público. Um recurso utilizado, e valorizado, nas narrativas é o da “câmera lenta”, de acordo com Sutton-Spence (2021, p. 56), ponto que foi sugerido que fosse reavaliado pelos avaliadores externos.

Diante dos elementos avaliados, os avaliadores externos pediram nova performance, ou

seja, nova gravação. A sugestão foi de que os tradutores poderiam reproduzir esse elemento sinalizando em câmera lenta. Desse modo, através dessa ação performática, os tradutores provocariam no espectador sentimentos de expectativa proporcionando novas experiências visuais e estéticas. Como coloca Sutton-Spence (2021), esse movimento pode destacar a dor que as ovelhas sentem na queda.

Embora a tradução gravada não contivesse as imagens do livro, os tradutores tiveram acesso ao material para que pudessem relacionar suas performances às imagens, o que demonstra que levaram em consideração o que foi dito pela professora Marcela no primeiro encontro da quinta palestra, “o livro ilustrado possui três linguagens: a materialidade, texto verbal e texto visual e, se essas linguagens forem separadas a história deixa de existir”.

Por causa disso, essa questão aponta para falta da subcompetência extralinguística pelo fato de não terem conhecimento prévio quanto a literatura infantil como dito nas entrevistas, mesmo havendo aula sobre esse tipo de literatura houve ausência dessa competência.

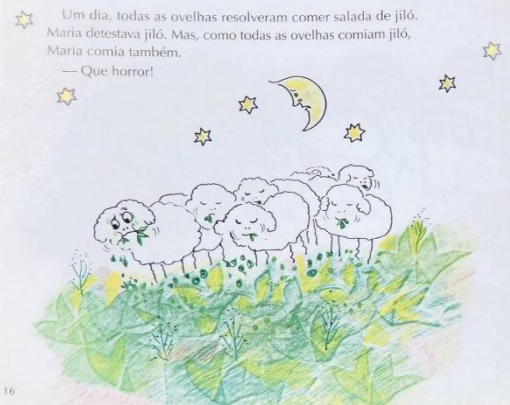
Outra subcompetência não atingida nesse quesito foi a estratégica por não terem buscado resolução quanto ao movimento para expressarem emoção que a literatura infantil apresenta no texto original.

Assim para que esse elemento fosse atendido seria necessário a combinação dos elementos corpóreos como colocados por Bartolomei (2021) com relação ao pulo das ovelhas e a queda do penhasco.

- **Elementos que os avaliadores consideraram atendidas, mas não foram destacados pelos tradutores participantes**

Para os avaliadores externos o elemento considerado como atendido foi o de Expressões faciais e corporais, pois “os elementos não manuais são muito importantes, especialmente quando se tem o objetivo de acrescentar impacto estético” (Sutton-Spence, 2021, p. 61) e, embora em alguns momentos acharam que ficou um pouco confuso no momento de transição dos cenários, o recurso foi contemplado, fundamental para oferecer à obra um forte impacto visual necessárias para uma compreensão clara do que está sendo transmitido.

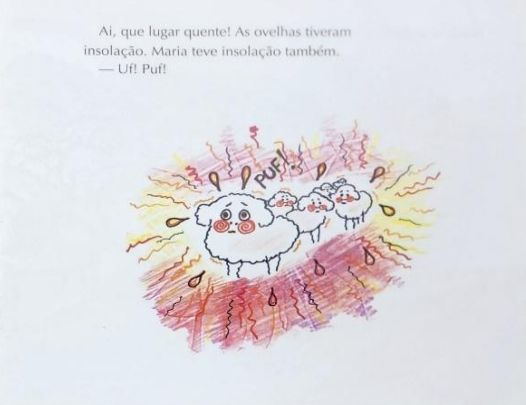
Figura 11 - Elementos não manuais

 Um dia, todas as ovelhas resolveram comer salada de jiló. Maria detestava jiló. Mas, como todas as ovelhas comiam jiló, Maria comia também. — Que horror! 16	Espelhamento da performance de Ana 00:01:18 https://youtu.be/GZ26ObWdXEo
--	---

Fonte: arquivo da pesquisa.

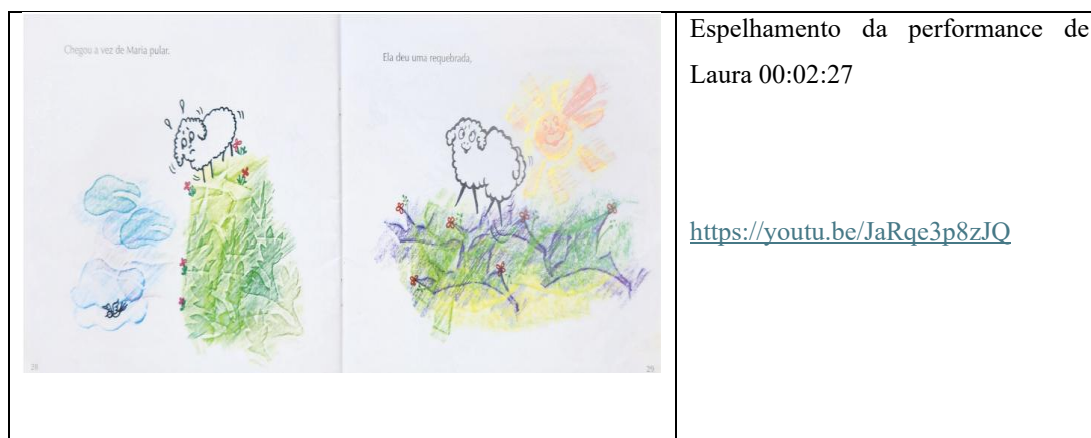
Nesse momento a tradutora Ana criou um CL para mastigação e expressa na glosa a exclamação: - Que horror! ECA! com exagero na expressão facial com lábios contraídos e sobrancelhas franzidas enquanto faz o movimento de mastigação com as mão.

Figura 12 - Elementos não manuais

 Ai, que lugar quente! As ovelhas tiveram insolação. Maria teve insolação também. — Uff! Puf! 13	Espelhamento da performance de Bia 00:01:23 https://youtu.be/1Y4KQJkAb48
---	---

Fonte: arquivo da pesquisa.

A tradutora Bia para essa cena utilizou o sinal de ovelha para representar o rebanho e na sequência olha para cima com sobrancelhas franzidas, bochechas infladas as mãos na mesma configuração com os dedos semiflexionados e simétricos direcionado de cima para baixo em direção ao rosto representando os raios solares e seguida flexiona mais os dedos dando ideia de insolação e repete o movimento para Maria.

Figura 13 - Elementos não manuais

Fonte: arquivo da pesquisa.

A tradutora Laura nessa ao chegar a vez de Maria pular, incorpora a personagem com as mão fechadas com os dedos indicadores e médios em evidência representando as patas, ao caminhar para olhar a altura juntamente com o tronco para frente, cabeça projetada para frente olhos para baixo, sobrancelhas e franzidos pensando se vai pular, então recua na parte da requebrada com as patas e tronco em movimento para trás, cabeça balançando para os lados expressando que não vai sorrindo.

Assim, os tradutores participantes demonstraram entendimento quanto a esse recurso por meio de suas performances, a subcompetência extralinguística ficou aparente por terem conhecimento prévio quanto as expressões não manuais. Acreditamos que a falta de experiência com tradução de literatura infantil trouxe a confusão mencionada pelos avaliadores.

Ao finalizar a avaliação, os colaboradores externos sugeriram nova performance de cada tradutor participante, considerando a melhor marcação no espaço, respeitando os cenários do texto, chamaram atenção também para os demais elementos como: atenção para o momento de transição da incorporação; inserção de morfismo pela ausência deste; uso da mesma configuração de mãos, pois começaram a utilizar esse recurso no sinal da ovelha Maria, porém não deram continuidade até o fim da história; uso da perspectiva múltipla no momento em que as ovelhas pulam do alto do Corcovado; assim como a incorporação do Cristo no lugar do sinal para Corcovado. Os avaliadores consideraram também como necessária a revisão da sinalização do desfecho da história, uma vez em que a metáfora principal presente no texto original não ficou clara na tradução.

Antes de serem avaliados externamente, os tradutores de Libras afirmaram a contemplação dos elementos da estética da Libras, mesmo assim, sentiram desejo de realizar

uma nova performance, pois viram a necessidade de melhorar as expressões faciais, assim como a retirada de alguns sinais que utilizaram.

A fala dos participantes demonstra que refletiram quanto a estética da Libras no momento em que assistiram suas performances, assim como estavam receptivos quanto a avaliação dos especialistas.

Ao observarmos os dados de forma análoga, percebemos que o grupo teve dificuldade em separar avaliação do profissional e avaliação quanto a utilização dos elementos estéticos da Libras, nessa etapa a qual as fichas foram distribuídas o tradutores ficaram desconfortáveis em avaliar o conteúdo compartilhado. Nesse momento foi explicado que eles não iriam avaliar os colegas e sim se a estética da Libras estava presente nas performances realizadas. Contudo, a maioria considerou que as performances realizadas por seus colegas atendem o conteúdo, ao passo que os avaliadores externos demonstraram o contrário, onde trouxeram suas contribuições de forma técnica os quais pontuaram a necessidade de uma nova performance levando em consideração que as sugestões levantadas fossem acatadas.

Diante dessa informação, vemos que essa falta na participação da palestra que possuía o tema principal de nossa pesquisa se configurou em uma perda para os participantes por haver a necessidade de nova gravação de suas performances.

Vale ressaltar que temos ciência de que a quantidade de encontros e tempo disponível para o ciclo de formação não foi suficiente para que os participantes pudessem apreender os conteúdos abordados, visto que na última pergunta da entrevista coletiva, os mesmo alegaram que não tiveram tempo suficiente para estudarem o conteúdo, história escrita e glosa para poderem realizar as gravações da tradução sinalizada, disseram também que se tivessem oportunidade gravariam suas performances novamente.

Conseguimos desenvolver com os tradutores participantes um estudo em grupo sobre livro infantil '*Maria vai com as outras*' e produção da literatura sinalizada, como também identificamos o perfil profissional e os saberes teóricos e práticos em literatura infantil e sobre Literatura Estética em Libras.

Pudemos também observar as escolhas dos participantes quanto aos elementos estéticos para produção da tradução sinalizada perante preocupação de fazerem o melhor no processo de construção da tradução a partir da formação que receberam e suas performances de literatura sinalizada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um país onde a formação em nível superior para tradutores e intérpretes de Libras acontece apenas em poucas universidades federais, pensar a formação dessa área profissional é imprescindível. Em se tratando da tradução literária, a significação e importância é linguística, mas também artística. Para propiciar espaço de estudo e reflexão esta pesquisa sustentou e foi sustentada por um ciclo de palestras desenvolvido como parte de sua metodologia. Assim, estudos temáticos e a realização de uma tradução para Libras do livro infantil *Maria vai com as outras* com grupo focal, permitiu-nos enveredar, compreender e analisar como o perfil dos profissionais participantes e seus conhecimentos teóricos e práticos quanto à literatura infantil e estética da Libras se materializavam nas suas sinalizações. Pudemos também constatar que há falta de formação literária e estética para os tradutores de Libras na cidade de Campina Grande e que em lugares de ausência de formação em nível de graduação, formações por meio de palestras pode significar consideráveis avanços na qualidade do material traduzido pelos servidores das instituições da cidade.

A pesquisa nos permitiu responder às questões norteadoras de nossa investigação que foram: a primeira - Com qual conhecimento e competência técnica os participantes têm atuado para tradução literária? pois observamos que os participantes em entrevista explanaram que viram em cursos de forma muito breve algo sobre literatura, porém sem prática, ou na disciplina de literatura na graduação em Letras/Libras que também teve carga horária curta; e a segunda pergunta - De que modo um ciclo de formação realizado na UFCG-CG focado na tradução por meio da estética da Libras pôde contribuir com a realização de uma tradução de literatura infantil? A tradução de literatura infantil junto à estética da Libras despertou o desejo da maioria dos tradutores participantes de trabalharem com esse tipo de literatura, onde se sentiram muito cobrados, porém desejosos de aprofundamento, como visto em seus relatos em entrevista quanto a falta de formação e trabalhos como esse, para adquirirem mais conhecimento.

Como pesquisadoras, compartilhamos do sentimento expresso pelo grupo de tradutores de Libras, pois também tínhamos compreensão limitada acerca da Estética da Libras e, não muito diferente, ao conhecer a teoria ficamos admiradas com as ricas possibilidades que a estética apresenta e os efeitos profundos na interação entre performance e consciência teórica para produção de uma tradução literária do português para a Libras respeitosa das possibilidades estéticas para criação de textos com valor literário para o público. Do mesmo modo, percebemos a existência de alguns componentes em nossas atuações e como a ausência de uma consciência da existência do fundamento teórico e como a utilização desses elementos embelezam nossa

performance não era presente antes da pesquisa.

Considerando o processo formativo por meio do ciclo de palestras e prática da tradução de literatura infantil em consonância com a estética da Libras, foi possível identificar a necessidade de formação continuada e capacitação para os tradutores e intérpretes de Libras da cidade de Campina Grande – PB, a qual foi evidenciada a partir das reflexões e dificuldades apresentadas pelo grupo que participou de nossa pesquisa. Nesse sentido, a área carece de uma formação que disponha de tempo adequado para explorar e praticar cada elemento da Estética da Libras, assim como ampliar repertório de literatura infantil, é fundamental, conforme relatado pela maioria dos participantes, pois muitos não eram leitores assíduos do texto literário sinalizado nem do livro literário infantil, também não possuíam conhecimento da teoria sobre a literatura infantil, como também não trabalhavam com tradução de literatura infantil do português para a Libras e vice-versa.

Ao iniciarmos nossa pesquisa, já estávamos cientes da necessidade de formação para tradutores intérpretes na cidade de Campina Grande no formato presencial, porém com base nos dados coletados e nos comentários dos avaliadores externos não imaginávamos que literatura infantil juntamente à estética da Libras fossem tão necessárias.

Portanto, à guisa de conclusão, é apropriado aproveitar esse momento para sugerir que a área da tradução produza cursos de formação que possibilitem essa exploração, com a pretensão de que os tradutores de Libras possam desenvolver uma performance mais elaborada em suas atuações.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. A formação de intérpretes de libras para um serviço da educação especial: o que os currículos de cursos de especialização em Libras têm para nos revelar? **VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial**, Londrina, 2011, p. 2151-2162.

ALBRES, N. de A.; COSTA, M. P. P.; ADAMS, H. G. Contar um conto com encantamento: a construção de sentidos e efeitos da tradução para libras. **Revista Diálogos (RevDia)**, Dossiê temático “Educação, Inclusão e Libras”, v. 6, n. 1, jan.-abr., 2018. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia>. Acesso em: 15 jun. 2025.

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vania de Aquino Albres. **Libras em estudo: tradução / interpretação** / Neiva de Aquino Albres e Vania de Aquino Albres Santiago (orgs.). São Paulo: FENEIS, 2012. (Serie Pesquisas).

ALVES, Fabio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. São Paulo: Contexto, 2000.

ALVES, Fabio; GONÇALVES, José Luiz Vila Real. **Modelling translator’s competence: relevance and expertise under scrutiny**. In: Yves Gambier, Miriam Shlesinger and Radegundis Stolze, eds. *Translation Studies: Doubts and Directions*. 2007. Selected Papers from the IV Congress of the European Society for Translation Studies. Amsterdam: John Benjamins, 41-55.

BARCELLAR, Carlos. Fontes Documentais: usos e maus usos dos arquivos. In: PINISKY, Carla Bassabezi (org.) **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 23-79.

BARTOLOMEI, Nayara Pioversan Ribeiro. **Produções performáticas em libras: o uso do corpo e da máquina em produções literárias em língua brasileira de sinais**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Cuiabá, 2021.

BASSNETT, Susan. **Estudos da Tradução**. Tradução de FIGUEIREDO, Viviana de

COKELY, D. Sign language: Teaching, interpreting, & educational policy. In **Sign Language & the Deaf Community: Essays in Honor of William C. Stpkoe**. Ed. Baker & Battison, 137-158. Silver Spring, MD: The National Association of the Deaf, 1980.

BELL, Judith. **Projeto de Pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BONTEMPO, K. Signed Language Interpreting. In: MIKKELSON, H.; JOURDENAIS, R. (eds.). **The Routledge Handbook of Interpreting**. New York: Routledge, 2015, p. 112-128.

FELIPE, Tanya A; MONTEIRO, Myrna S. **Libras em Contexto: curso básico, livro do professor instrutor**. 6. ed. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2007.

FELIPE, Tanya A. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Estudante**. 8. ed. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007.

FERNANDES, Jomara Mendes. **A semiótica no processo de ensino e aprendizagem de Química para surdos: um estudo na perspectiva da multimodalidade**/Jomara Mendes Fernandes. 2019.

FOMIN, Carolina Fernandes Rodrigues. **Avaliação de Tradutores e Intérpretes de Libras com base nos Estudos da Competência Tradutória**.

GARCEZ, Andrea; DUARTE, Rosalia; EINSENBERG, Zena. **Produção e análise de vídeo gravações em pesquisas qualitativas**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n.2, mai./ago. 2011. p. 249-262.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**. Ribeirão Preto: Paidéia, 2003.

GONÇALVES, José Luiz Vila Real. **O desenvolvimento da competência do tradutor: investigando o processo através de um estudo exploratório- experimental**, Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2003.

GONÇALVES, José Luiz Vila Real; MACHADO, Ingrid Trioni Nunes. Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 17, n. 1, 2006. p. 45-69.

HURTADO ALBIR, Amparo. A aquisição da competência tradutória: Aspectos teóricos e didáticos. In: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fabio (orgs.). **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 19-57.

NICHOLS, Guilherme. **Literatura Surda: além da língua de sinais**. Campinas, SP: [s.n.], 2016. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

GURGEL, T. M. A. **Práticas e formação de Tradutores Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais no ensino superior**. Tese [Doutorado em Educação] Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba/São Paulo: UNIMEP, 2010.

SILVEIRA, Carolina Hessel. Mãos Aventureiras: literatura em língua de sinais. **Revista Ecos**, v. 24, n. 1, Ano 15, 2018.

JUSTO, Joana Sanches; VASCONCELLOS, Mário Sergio. Pensando a fotografia na pesquisa qualitativa em psicologia. **Estudos e pesquisas em psicologia**. UERJ, Ano 9, n. 3, p. 760– 774.

KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursula. **The signs of language**. Cambridge: Mass, Harvard University Press, 1979.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. Tradutores e intérpretes de língua brasileira de sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. **Cadernos de Educação da FaE/PPGE/UFPel**, v. 36, p. 133-153, 2010.

LANGEVIN, Remi.; FERREIRA-BRITO, Lucinda. Negação em uma língua de sinais brasileira. **Anais do XI Encontro Nacional de Linguística**. PUC/SP, 1988.

LAGUNA, Maria Cristina Viana. **Moralidade, idoneidade e convivência: discursos sobre as práticas dos repetidores de classe do INES no período de 1855 a 1910 que incidem na atuação profissional dos tradutores-intérpretes de línguas de sinais da atualidade**. Dissertação [Mestrado em Educação] Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/Rio Grande do Sul: UFRGS, 2015.

LEITE, Emeli Marques Costa. **Os papéis do Intérprete de Libras na sala de aula inclusiva**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.

LEMO, Glauber de Souza; CARNEIRO, Teresa Dias. Panorama histórico de cursos de formação de Tradutores-Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa. **Belas Infieis**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 01-36, 2021. e-ISSN: 2316-6614. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfeis.v10.n2.2021.33393>. Acesso em: 15 jun. 2025.

MACHADO, Fernanda. Vídeo (3 min 44 seg.) **Poema Voo Sobre Rio** - filmado por Martin Haswell 2011 Libras. Publicado pelo canal Rachel Sutton-Spence. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FNifG_h-tDM&t=47s. Acesso em 30 jan. 2025.

MARCON, Andréia Mendiola. O papel do tradutor/intérprete de Libras na compreensão de conceitos pelo surdo. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

METZGER, M. **Sign Language Interpreting: deconstructing the myth of neutrality**. Washington, D. C.: Gallaudet University Press, 1999.

MICHALISZYN, Mario Sergio. **Pesquisa: orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Literatura Surda: experiência das mãos literárias**. Tese (Doutorado em Educação) - UFRGS, Porto Alegre, 2016.

NASCIMENTO, Marcus Vinicius Batista. Tradutor intérprete de libras/português: formação política e política de formação. In: ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres (orgs). **Libras em estudo: tradução/interpretação**. São Paulo: FENEIS, 2012. (Série Pesquisas).

NASCIMENTO, Sandra Patrícia de Faria. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira**. Uma proposta lexicográfica. 2009. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2009.

NASCIMENTO, Vinícius; MELO, Lis Maximo e; NICHOLS, Guilherme. Linguagem em Foco Para além do currículo: a extensão universitária como espaço de ensino-aprendizagem da Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (TALS) **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, CEV. 15 n. 2 ISSN 2674-8266 2023.

NICHOLS, Guilherme. **Literatura Surda: além da língua de sinais**. Dissertação. Campinas, SP: [s.n.], 2016

NOGUEIRA, Tiago Coimbra. **“As pessoas não sabem o significado de apoio”**: Percepções e competências no trabalho em equipe na cabine de interpretação Libras-português em contexto de conferência. Porto Alegre, n. 15, junho de 2018.

OLIVEIRA, Sílvio Luiz. **Metodologia científica aplicada ao direito**. São Paulo: Thomson Learning, 2002.

ORTHOF, Sylvia <https://salto.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/maria-vai-com-as-outras-1.pdf>

PIZZIO, Aline Lemos *et al.* **Língua Brasileira de Sinais III**. UFSC. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3wJKhvy>. Acesso em: 9 dez. 2022.

PORTO, Shirley Barbosa das Neves. E quando o “outro” é você? reflexões sobre docência no ensino superior, estética da recepção na literatura surda e o lugar de fala do ouvinte nesse contexto. *In*: PAZ, José Flávio da *et al.* (orgs.). **Literatura, cultura e resistência**. Joinville: Clube de Autores, 2020. 542 p.

QUADROS, Ronice Müller. **O Tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. São Paulo: Artemed, 2004.

RICHARDSON, Robert Jarry. **Pesquisa Social: método e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 189-196 (Questionário); p. 207-219 (Entrevista); p. 259-264 (Observação).

RODRIGUES, Carlos Henrique; B, Anabel (org.). **Tradução, Competência e Didática: questões atuais**. Análise de Critérios em Instrumento de Avaliação de Tradutores e Intérpretes de Libras com base nos Estudos da Competência Tradutória. Florianópolis: Editora insular, 2021. E-Book (PDF; 2,059 Mb). ISBN 978-85-524-0223-7.

RODRIGUES, Cristiane Seimetz; VALENTE, Flávia. **Intérprete de Libras**. Curitiba: IESD Brasil, 2011.

RODRIGUES, Marcela Regina Lima. Tradutores/intérpretes de Libras no ensino superior: níveis de formação acadêmica. *In*: Albres, N. A. (org.). **Libras e sua tradução em pesquisa**:

interfaces, reflexões e metodologias Florianópolis: Biblioteca Universitária da UFSC, 2017, p. 118-149.

RODRIGUES, Carlos Henrique; SANTOS, Silvana Aguiar. A interpretação e a tradução de/para línguas de sinais: contextos de serviços públicos. **Tradução em Revista**, v. 24, 2018.12.

ROSA, Andréa da Silva. **Entre a visibilidade da tradução de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. Campinas: [206], 2005.

Ruzza, Mara Lopes Figueira de. **Protagonismo surdo: currículo como construção da autoria**. 2020. 290 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

SANTIAGO, Vania de Aquino Albres. **Português e Libras em diálogo: os procedimentos de tradução e o campo do sentido**.

SEGALA, Rimar Romano. **Tradução Intermodal e Intersemiótica/Interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2010.

SOBRAL, Adail. **Dizer o "mesmo" a outros: ensaios sobre tradução**. São Paulo: SBS Editora, 2008.

SILVA, Amauri Moret *et al.* Corpo e Performance na atuação do Tradutor/Intérprete de Libras em Mídias Digitais YouTube, Google Meet e Instagram. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 1, 2024

SILVA, Rodrigo Custódio da. **Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica: a prova como foco de análise**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2019, 241 p. Acesso em: 31 de jul. 2023

SILVA, Tomaz Tadeu. A política e a epistemologia do corpo normalizado. **Espaço aberto**, Dez. 1997. Disponível em: <file:///C:/Users/jailm/Downloads/webuser,+Espa%C3%A7o+08.3+-+A+pol%C3%ADtica+e+epistemologia+do+corpo+normalizado.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2025.

SOUSA, Aline Nunes de *et al.* **Quadro de Referência da Libras como L2: marco de referência de Libras como L2**. 2011. IN: DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.5007/1984 - 8412.2020.E 7733 9](http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2020.E77339).

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, Rachel. Literatura surda original para crianças pequenas (Original deaf Literature for young children). Dossiê Cultura Surda na Contemporaneidade: **(Re)significações**, organizado por Karnopp, Klein e Lunardi- Lazzarin, da Revista Espaço, edição n. 56. 2021. p159-176.

TAVARES, Márcia Tavares; PORTO, Shirley Neves. Quando o texto literário inclui: reflexões

sobre formação e experiências de leitura em um projeto de extensão universitária. **Literartes**, n. 14, 2021.

TRAD, Leny. A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis** (UERJ. Impresso), v. 19, p. 777-796, 2009.

APENDICES

APENDICE A – Formulário *Google Forms*

Link de acesso:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeJzBwPo4PwWqpHvtE4wYYOtvP3n-cUBug7iLcLW8yBtR8ZKQ/viewform?usp=sf_link²⁴

²⁴ O título do formulário está relacionado ao título inicial da pesquisa, anterior a qualificação.